

**UGT E CTW FECHAM ACORDO
E FORTALECEM AÇÃO SINDICAL
CONTRA MULTINACIONAIS QUE
FEREM DIREITOS TRABALHISTAS**



**DAS REDES SOCIAIS PARA AS RUAS
A POPULAÇÃO FOI PROTAGONISTA
DAS MANIFESTAÇÕES
REALIZADAS NO PAÍS**



TRABALHADORES MORREM CONTAMINADOS POR CHUMBO NA BAHIA

Santo Amaro da Purificação
**Uma cidade onde 10 mil pessoas
sofrem com os efeitos de anos
de descaso e impunidade**





UGT E UNIÃO EUROPEIA LANÇAM PROJETO COM FOCO NO TRABALHO DECENTE. Pág. 50

UGT FECHA ACORDO COM A CTW PARA ENFRENTAR AS MULTINACIONAIS.....	4
SINDICATOS PRECISAM DE SOLIDARIEDADE GLOBAL.....	6
MUDAR PARA VENCER.....	8
UMA TERCEIRIZAÇÃO MELHOR PARA A CLASSE TRABALHADORA.....	9
POR UM BRASIL MODERNO E UMA JUSTIÇA RÁPIDA E EFICIENTE.....	10
NA SAÚDE, NÃO ADIANTA QUERER SERVIÇO DE QUALIDADE SEM RECURSOS ADEQUADOS.....	12
PLENÁRIA PARANAENSE DISCUTE RECUPERAÇÃO DO FGTS.....	14
A TRISTE REALIDADE DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO BRASILEIRO.....	16
UGT RIO DE JANEIRO 5 ANOS.....	18
A CLASSE TRABALHADORA E A DITADURA MILITAR.....	20
SINDICALISTA DA UGT OCUPA CARGO NA UNI AMÉRICAS DO COMÉRCIO.....	21
FGTS: TODOS GANHAM, MENOS O TRABALHADOR.....	22
PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES.....	24
UNI AMÉRICAS REALIZA SEMINÁRIO.....	26
O DIREITO SINDICAL E OS DESAFIOS NA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA.....	28
A FORMAÇÃO É A BASE DE UM SINDICALISMO FORTE E REPRESENTATIVO.....	31
CHIQUINHO PEREIRA: 97% DE APROVAÇÃO.....	32
NOVOS CAMINHOS PARA FORTALECER A LUTA DOS MOTORISTAS E COBRADORES EM SÃO PAULO.....	34
UM CRIME AMBIENTAL COMPARÁVEL AO USO DE ARMAS QUÍMICAS NUMA GUERRA.....	36
SALVADOR SEDIA ENCONTRO DAS UGTs ESTADUAIS.....	42
O RECADO DAS RUAS EM ALTO E BOM SOM.....	44
CAMPANHA SALARIAL DOS BANCÁRIOS 2013.....	47
TELECOMUNICAÇÃO: A POPULAÇÃO MERECE UM SERVIÇO DE MELHOR QUALIDADE.....	48
É HORA DE MUDAR DE ATITUDE: VAMOS TRATAR O LIXO COM MAIS RESPONSABILIDADE.....	52
O OLHAR QUE VAI ALÉM DA CÂMERA.....	56
UGT FORTALECE UNIDADE DA CENTRAL NAS REGIÕES NOROESTE, OESTE, NORTE E LITORAL.....	59
COPA DO MUNDO E OLIMPIADAS.....	60
UGT DISCUTE A ORGANIZAÇÃO DO PODER CORPORATIVO DAS MULTINACIONAIS.....	62
BRASIL: A BOLA DA VEZ PARA O TURISMO MUNDIAL.....	66
O ADEUS A UM ÍCONE DO SINDICALISMO BRASILEIRO.....	67
RÓTULOS DE BEBIDAS COM FOTOS DE ACIDENTES DE TRÂNSITO.....	68
SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AOS 4 ANOS DE FUNDAÇÃO DA UGT NO ESPÍRITO SANTO.....	69
UM UGETISTA A SERVIÇO DA CLASSE TRABALHADORA NO CONGRESSO.....	70

ESTAMOS DE OLHO NA FARRA DOS ESPECULADORES



A Taxa Selic chegou aos dois dígitos. Com o novo aumento de 0,5% determinado pelo Comitê de Política Monetária (Copom), o percentual passa de 9,5% para 10%. Com isso o Governo faz a alegria do capital especulativo, cria temor na produção e a classe trabalhadora e a sociedade só tem a lamentar, pois o fantasma do desemprego volta a ser

uma ameaça. Tudo em nome do combate à inflação. Todos nós sabemos os danos causados pela inflação na economia de qualquer País. Ela é danosa e cruel, age de forma sistemática e silenciosa e, quando se percebe sua ação, a luta para destruí-la é uma batalha de David contra Goliath. O País precisa crescer, criar novos empregos e caminhar para uma economia sustentável. A opção da equipe econômica pelo aumento da taxa Selic só beneficia os especuladores e condena a produção, pois com o custo do dinheiro mais elevado o setor produtivo deixa de investir, de gerar emprego e o fantasma do desemprego passa a atormentar o dia a dia da classe trabalhadora.

A União Geral dos Trabalhadores (UGT), nas ruas, tem denunciado que o aumento da taxa de juro é danoso ao trabalhador. Todos sabemos que existem outros caminhos para conter a inflação. O Governo busca o mais fácil e faz a festa do capital especulativo. Essa farrá é danosa ao País. Nós estamos de olho e não vamos aceitar, depois, ser chamados para pagar a conta.

Marcos Afonso de Oliveira
Secretário de Imprensa da UGT

EXPEDIENTE

Presidente
Ricardo Patah

Conselho editorial

Antonio Carlos Reis
Enilson Simões de Moura
Laerte Teixeira da Costa
Antônio M. Thaumaturgo Cortizo
Lourenço Ferreira do Prado
José Roberto Santiago
Davi Zaia
Severino Ramos
Canindé Pegado
José Moacyr Pereira
Francisco Pereira de Souza Filho
Benedito Antonio Marcelo
Arnaldo de Souza Benedetti
Otton da Costa Mata Roma
Marcos Afonso de Oliveira
Valdir Vicente de Barros
Mônica da Costa Mata Roma
Eleuza de Cássia Buffeli Macari
Josineide de Camargo Souza

Secretário de Imprensa da UGT

Marcos Afonso de Oliveira
MTb 62.224

Jornalista Responsável

Mauro Ramos
MTb 11.875

Edição

Elaine Gazonni

Redação

Fábio Ramalho
Giselle Corrêa
Joacir Gonçalves
Mariana Veltri

Programação Visual, artes e Diagramação

Antonio Laudate

Fotos

FH Mendes
Arquivo da UGT



MULTINACIONAL COMETE CRIME CONTRA A HUMANIDADE NA BAHIA

Ricardo Patah,
presidente nacional da UGT

Violações aos direitos humanos e trabalhistas, associadas a crime ambiental, estão sendo praticadas em Santo Amaro da Purificação, cidade do interior da Bahia, e a empresa francesa Peñarroya Oxide, responsável pelo saldo de mais de 900 mortes e pela contaminação do solo na cidade, continua impune. Quando a multinacional Peñarroya, com a denominação de Companhia Brasileira de Chumbo (Cobrac), se instalou na cidade, no começo dos anos sessenta, o que parecia oportunidade de emprego e uma melhor qualidade de vida para a população da cidade se transformou em pesadelo. Hoje, dos 40 mil habitantes de Santo Amaro da Purificação, 25% estão contaminados por chumbo, não conseguem emprego e correm sérios riscos de morte, sem contar os quase mil trabalhadores que já morreram.

O que ocorre na cidade é uma verdadeira calamidade. A União Geral dos Trabalhadores (UGT) recebeu a denúncia e, através do seu vice-presidente nacional, o deputado federal Roberto de Lucena (PV-SP), iniciou uma cruzada para conseguir tirar do martírio milhares de trabalhadores. Na cidade, no seu solo, na sua água, na pele de sua gente, e nos corpos frágeis e enfermos dos seus recém-nascidos, as terríveis consequências de décadas de exploração irresponsável de minério estão presentes.

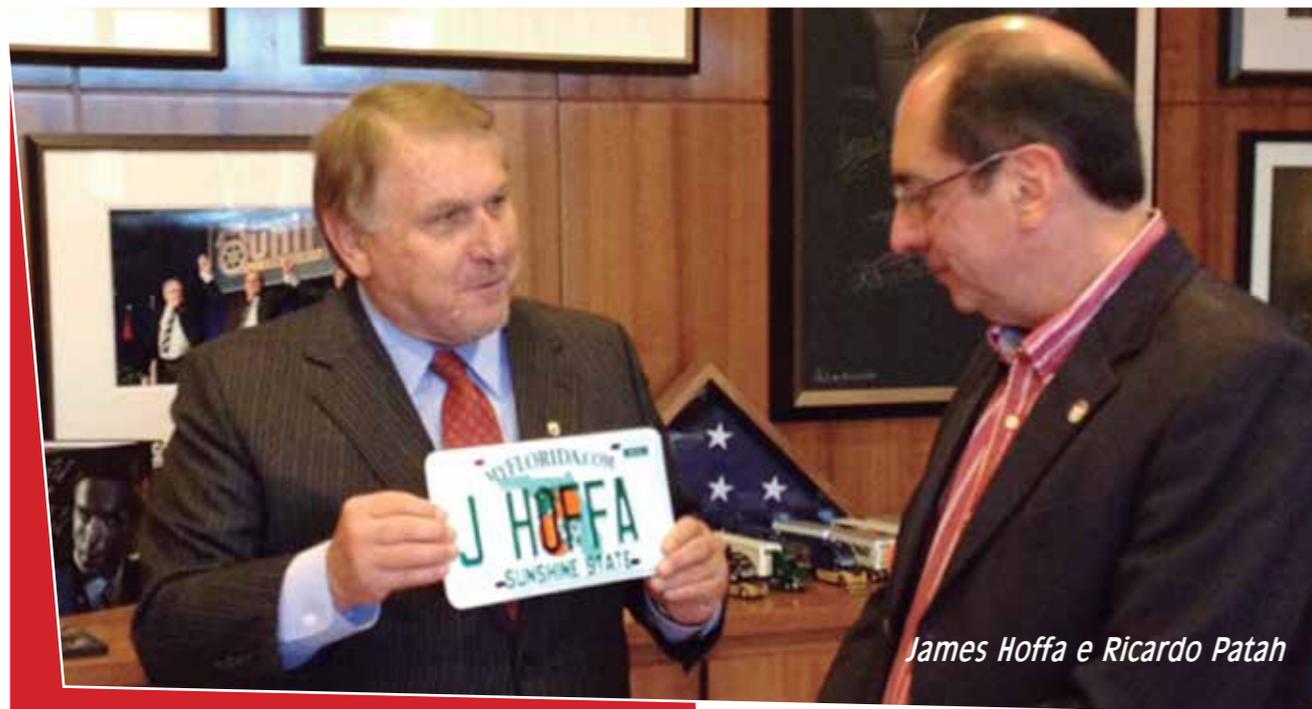
O que aconteceu e ainda está presente na vida dos trabalhadores e habitantes de Santo Amaro da Purificação é cruel e chocante. O Grupo de Trabalho (GT) do Chumbo, criado para investigar a situação da cidade, levou as denúncias coletadas pelo vice-presidente da UGT à reunião da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) e pediu providências urgentes, tanto do Parlamento quanto da Presidência da República, a quem a UGT já solicitou audiência para expor o drama dos trabalhadores.

Hoje, se nenhuma providência for tomada, corremos o risco de repetir em outras cidades o drama de Santo Amaro da Purificação. A empresa, responsável pela tragédia na cidade baiana, atua no Vale do Ribeira, em São Paulo, e na cidade de Adrianópolis, no Paraná. Regiões, a exemplo da cidade do recôncavo baiano, pobres e com carência de empregos. Isso significa que os trabalhadores dessas localidades, na maioria das vezes desinformados da



gravidade que significa o manuseio com material altamente tóxico como o chumbo, estão correndo os mesmos riscos que os habitantes de Santo Amaro. É necessário que se faça algo urgente. Em Santo Amaro, o histórico criminoso da exploração de chumbo é pontuado por episódios de flagrante desrespeito ao meio ambiente e à vida humana. Ali, os trabalhadores atuavam durante o dia aparentemente seguindo as normas, mas à noite a empresa lançava material contaminado no rio Subaé e ainda desligava os filtros da fábrica. Como resultado desse crime, a cada dia a cidade amanhecia mais doente. Isso resultou em 6 milhões de toneladas de escória de chumbo espalhadas pela cidade, o que faz com que o lençol freático e o solo permaneçam como fontes de contaminação.

A UGT, além da solidariedade com os habitantes de Santo Amaro da Purificação, está denunciando nos organismos internacionais o crime praticado pela multinacional francesa Peñarroya. Além disso, vamos exigir do Governo Federal rigorosa fiscalização no trabalho da subsidiária da empresa na operação no Vale do Ribeira e no Paraná. Também vamos exigir que a Pañarroya use dos meios tecnológicos existentes no mercado mundial para reciclar os resíduos do chumbo na cidade e também uma indenização as todas as vítimas da contaminação.



James Hoffa e Ricardo Patah

UGT FECHA ACORDO COM A CTW PARA ENFRENTAR AS MULTINACIONAIS

Centrais sindicais do Brasil e dos Estados Unidos na atuação mútua em defesa da classe trabalhadora

A Change to Win Strategic Organizing Center (CTW), Central Sindical dos Estados Unidos, presidida por James Hoffa, e a União Geral dos Trabalhadores (UGT), presidida por Ricardo Patah, assinaram um acordo para atuação mútua em defesa dos interesses dos trabalhadores. Durante a assinatura do acordo, os dois sindicalistas reconheceram que, nos dias de hoje, em que temos uma economia cada vez mais global, é crucial que os sindicatos trabalhem conjuntamente, cruzando fronteiras para fortalecer a sindicalização, promover a liderança estratégica, a formação e ação dos trabalhadores, para acumular forças face às empresas multinacionais, além de melhorar as condições de trabalho e vida dos trabalhadores.

A CTW e a UGT celebraram o acordo para trabalhar conjuntamente, compartilhar experiências e aprender uma com a outra também no que diz respeito à proteção dos direitos dos imigrantes, promovendo alianças com sindicatos e movimentos sociais, visando aumentar a capacidade de mobilização no Brasil e nos Estados Unidos.

No acordo, as centrais se comprometeram a trabalhar conjuntamente para reforçar os direitos e o poder dos trabalhadores na economia global, apoiando-se mutuamente e explorando a possibilidade de desenvolver trabalhos já em andamento nos seguintes âmbitos:

- **Campanhas de sindicalização;**
- **Novas filiações;**
- **Direitos dos imigrantes e sindicalização de trabalhadores(as) imigrantes;**
- **Liderança, formação e ação dos trabalhadores;**
- **Campanhas globais e redes sindicais para reforçar os direitos dos trabalhadores nas empresas multinacionais;**
- **Comunicação estratégica.**

Tanto a CTW quanto a UGT têm experiência na condução de campanhas de sindicalização que constroem a liderança dos trabalhadores, aumentam a taxa de filiação e dão às categorias maior poder de organização e de negociação com os empregadores.

Por isso, as centrais decidiram realizar intercâmbios com dirigentes e organizadores, desenvolver treinamentos e capacitações sobre sindicalização e explorar a possibilidade de trabalhar conjuntamente em campanhas de sindicalização.

A CTW e a UGT se veem diante de desafios quanto a aumentar seu número de filiados. "Trabalharemos conjuntamente para compartilhar experiências e conduzir intercâmbios sobre o tema", explica Ricardo Patah.

O respeito pelos direitos dos(as) trabalhadores(as) imigrantes é de importância crítica para todos. Portanto, os imigrantes no Brasil e nos EUA, documentados ou não, precisam ter plenos direitos garantidos. Embora o Brasil tenha alcançado uma situação de maior respeito aos direitos dos imigrantes que os EUA, a CTW e a UGT enfrentam desafios enormes em termos da organização e representação dos trabalhadores imigrantes. Em 2009, o Brasil concedeu uma anistia aos trabalhadores não-documentados, mas ainda há muitos imigrantes sem documentos, especialmente da Bolívia e do Peru.

Para James Hoffa, há centenas de milhares de trabalhadores imigrantes brasileiros nos EUA – documentados ou não. Muitos destes são integrantes de sindicatos filiados à

CTW. Por essa razão, o presidente da CTW assegurou que vai trabalhar em conjunto com a UGT para garantir plenos direitos, nos EUA, para os imigrantes brasileiros e para as pessoas das demais nacionalidades, por meio de uma abrangente reforma da legislação referente ao tema.

O presidente da UGT, Ricardo Patah, disse que os sindicatos somente terão força quando houver protagonismo dos trabalhadores em todos os níveis do movimento sindical, do local de trabalho até o governo. "Cada uma das nossas entidades tem experiências no desenvolvimento da formação, liderança e ação dos trabalhadores. Promoveremos intercâmbios para aprender com as experiências um do outro – especialmente por intermédio dos institutos da UGT, o Instituto de Estudos Avançados e do IPROS – Instituto de Promoção Social", assegurou Patah.

Durante a assinatura do documento, Ricardo Patah garantiu que haverá entre as duas entidades apoio mútuo, visando a sindicalização nas

multinacionais e a negociação com elas, com vistas a manter e ampliar os direitos dos trabalhadores. "Trabalharemos conjuntamente para identificar empresas multinacionais que temos em comum e explorar possibilidades de trabalho futuro. Trabalharemos conjuntamente com as federações sindicais internacionais, tendo como objetivo a organização de redes sindicais em multinacionais, usando como modelo a Aliança Global do Walmart", disse o presidente da UGT.

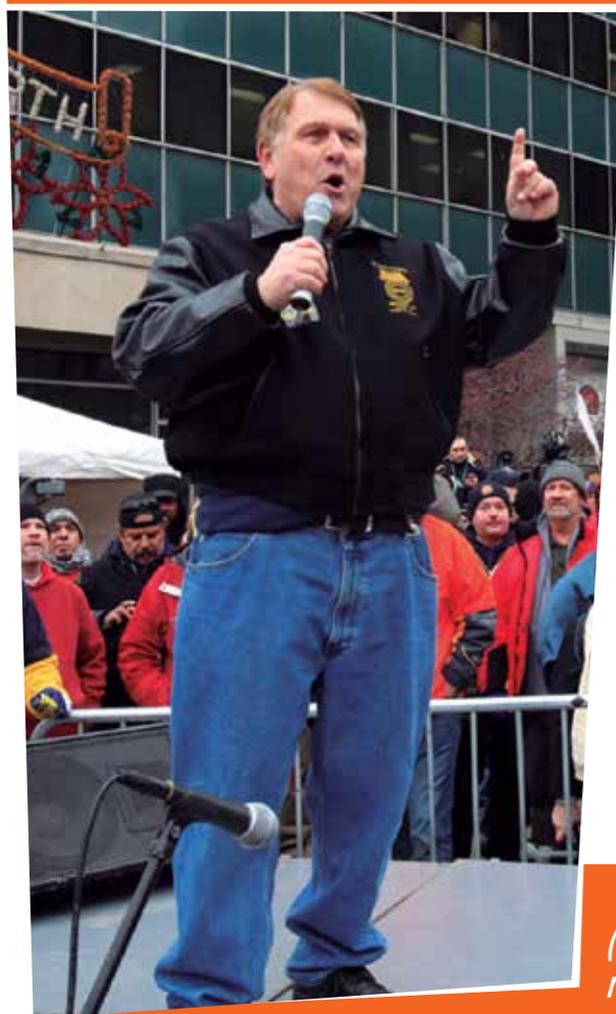
Tanto a UGT como a CTW têm tido muito êxito na comunicação e construção de parcerias com os movimentos sociais. O movimento sindical brasileiro, em particular, conseguiu criar uma estratégia de comunicação e parceria que lhe permite comunicar mais amplamente os nossos valores para a sociedade e se engajar junto a movimentos sociais, conduzindo intercâmbios e explorando as possibilidades de trabalho conjunto e contínuo nas áreas de comunicação e parcerias com movimentos sociais.



Proteção dos direitos dos imigrantes, e alianças com sindicatos e movimentos sociais são algumas das metas celebradas na união entre as centrais

SINDICATOS PRECISAM DE SOLIDARIEDADE GLOBAL

Com o fenômeno da globalização, é preciso pensar em avançar com a luta da classe trabalhadora sem que haja a barreira física das fronteiras



"O acordo com a União Geral dos Trabalhadores (UGT) é um passo importante para o futuro do movimento sindical"



Em poucas décadas, nosso País e nosso mundo se transformaram de forma dramática. Nos últimos 30 anos, os Estados Unidos deixaram de ser a maior nação credora e passaram a ser o país com a maior dívida do mundo.

Acordos comerciais injustos arruinaram a indústria americana. Milhões de bons empregos saíram do nosso País ou desapareceram completamente. E a divisão entre ricos e pobres se aprofundou, com a nossa classe média pagando a conta pelo auxílio às megaempresas, aos bancos e por outras políticas públicas ruins que protegem os grandes empresários e punem as famílias trabalhadoras.

mento sindical. Como parte de nossa aliança, acordamos ações conjuntas para fortalecer os direitos dos trabalhadores e conduzir intercâmbios para aprendermos com as práticas uns dos outros. Também acordamos apoio recíproco para as nossas campanhas e nos juntaremos sempre que for apropriado para lutar pelos trabalhadores.

Esta não é a primeira vez que sindicatos estadunidenses conduzem discussões com sindicatos de outros países. No passado recente, eu me reuni com dirigentes sindicais na Austrália, França, Índia e Reino Unido para discutir

como encontrar terreno comum entre nós e trabalhar em nome de nossos membros. Mas o acordo com a União Geral dos Trabalhadores (UGT) é um passo importante. E é o futuro do movimento sindical.

Vemos diante de nós os desafios. O desemprego tem caído, mas os salários não têm aumentado. Um novo relatório do Birô do Censo dos EUA observa que a renda familiar mediana ficou parada em 2012, apesar da geração de dois milhões de novos empregos. Hoje, a renda de uma família americana média está abaixo da de 1989 em termos reais. Essa situação não é aceitável.

Por que isto está acontecendo? Uma explicação é a queda no número de trabalhadores sindicalizados. Em 1983, 20,1% dos trabalhadores eram sindicalizados. Hoje, esse número está em 11,3%. É fato comprovado que empregos sindicalizados remuneram melhor que empregos não-sindicalizados. Então de cara já

se vê por que os salários reais caíram.

Mas esta não é a única razão. Acordos comerciais injustos como o NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) dizimaram muitos bons empregos industriais; mais de 3 milhões de trabalhadores americanos ficaram sem trabalho. E mais acordos de comércio "livre" (assim chamado) estão sendo negociados, como a Parceria Trans-Pacífica (TPP) e a Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP), que só fariam aumentar tais números.

É por isso que precisamos dar as mãos aos nossos companheiros e companheiras pelo mundo afora. Temos interesses semelhantes. Todos nós queremos que os nossos trabalhadores continuem podendo trabalhar com segurança e remuneração digna. Também nos damos conta de que acordos comerciais como o TPP e o TTIP poderiam levar a mais empregos sindicalizados serem transferidos para além de nossas fronteiras, em lugares onde crianças dão duro em fábricas clandestinas, insalubres e perigosas, em troca de salários de fome.

Os governos protegem os trabalhadores cada vez menos. Mas sabe quem protege? Outros trabalhadores sindicalizados. Não importa se somos dos Estados Unidos ou de outra nação. Os Teamsters já representam trabalhadores dos EUA e do Canadá, então não estamos falando aqui de nacionalismo.

Estamos falando de justiça. E nós, homens e mulheres que militamos no sindicalismo, sabemos o que é isso.

James Hoffa

é presidente da Change To Win Strategic Organizing Center (CWT), central sindical dos Estados Unidos

MUDAR PARA VENCER

As entidades sindicais americanas estão se organizando para enfrentar o que se pode chamar de futuro do Sindicalismo. Tive a oportunidade de conhecer, no recente evento que fui como convidado da UAW, o instituto criado pelas grandes confederações americanas, o CTW – Change to Win ou mudar para vencer em versão literal. Seu presidente carrega um nome emblemático no sindicalismo americano: James P. Hoffa, filho de Jimmy Hoffa, grande líder dos caminhoneiros da América, agora presidido por seu único filho.

O movimento sindical americano enfrenta grandes problemas em sua organização está sem força para atuar nas constantes ameaças aos trabalhadores que enfrentam desemprego e salários baixos, longe do “sonho americano”. A responsabilidade não é pequena e, mais do que vencer, é preciso mudar para não fracassar. No Brasil, temos uma situação diferente no que concerne à organização sindical, ou melhor, ao financiamento da atividade sindical. Isto nos coloca como versão quase única perante o sindicalismo mundial. Organizações sindicais em todo o mundo gostariam de ter o tipo de estrutura que temos.

Patrões de todo o Brasil gostariam que estivéssemos na situação em que se encontram nossos irmãos americanos. Costumamos dizer que não se mexe em time que está ganhando. Mas temos que esperar perder? Trocar um pneu custa mais barato do que trocar a roda e talvez um eixo. Mas como perceber o momento? Talvez estejamos no momento de mudar para vencer ou, no mínimo, mudar para



Moacyr Pereira é presidente do Siemaco e secretário de Finanças da União Geral dos Trabalhadores

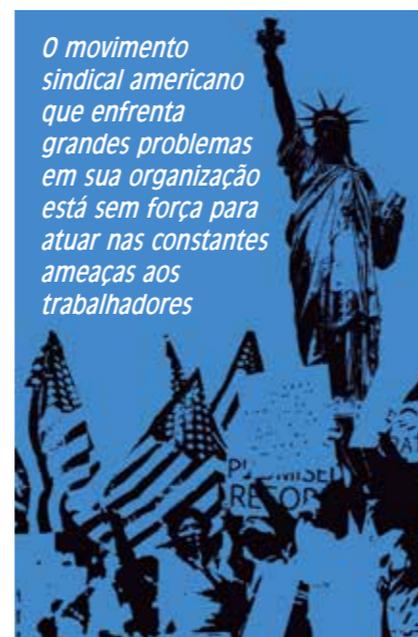
manter. Todo processo de mudança é complicado e cheio de resistências. Dizem que aprendemos com os erros dos outros. Não é verdade. No máximo, aprimoramos nossa maneira de errar e só aprendemos quando algo dá errado conosco. A verdade é que só mudamos algo quando mudam as pessoas, cada um de nós sob “nova direção”, no caso, novo rumo. É um processo de aprendizado que tem que se iniciar em algum momento. Não podemos nos preparar a cada engano ou ameaça. Pensar estrategicamente talvez seja o que muitos esperam de nós, lideranças sindicais.

Hoje nossas organizações, notadamente a Fenascos e a UGT, estão inseridas nas organizações sindicais internacionais. Este processo é importante, mas longe de ser um fim em si mesmo. Não se trata de criar organizações sindicais globais, mas de usar estrategicamente os acordos feitos por meio de arranjos globais para facilitar a cooperação e o aprendizado dos sindicatos entre diferentes países. O poder local dos sindi-

catos deve ser flexível para intervir em pontos estratégicos dos Arranjos de Acordos Globais. Processos de globalização das relações de trabalho redesenham e aumentam a complexidade das relações de trabalho adicionando novos níveis (supranacionais), envolvendo mais atores e instituições e criando relações horizontais e verticais entre empresas e governos em nível internacional.

No Brasil, contamos com parceiros no meio acadêmico que podem nos auxiliar em processos de mudança. É assim que estão fazendo na América e na Europa. Pode ser um bom caminho para nós e até para combater aqueles que temem as mudanças, preferindo continuar no conforto do “status quo” que conhecem do que se aventurar na incerteza de uma nova realidade. O que não podemos é nos surpreender. Manuel Castells, famoso cientista político por suas análises acerca dos movimentos populares em todo o mundo, incluindo o Brasil, inicia seu livro “Redes de Indignação e Esperança” com a seguinte afirmação: “Ninguém esperava!”.

Precisamos nos preparar para não sermos surpreendidos.



UMA TERCEIRIZAÇÃO MELHOR PARA A CLASSE TRABALHADORA

É fundamental que sejam intensificadas as ações para enfrentar a precarização das relações trabalhistas, explica Gilberto Rodrigues Dourado, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicações e Publicidade (CONTCOP).

Gilberto Dourado que também é vice-presidente da UGT, enfatizou que o foco da entidade, neste momento, é lutar para que sejam vetadas todas e quaisquer propostas semelhantes ao Projeto de Lei (PL) 4330/04, de autoria do deputado Sandro Mabel, que visa regulamentar a terceirização, mas amplia a precarização às relações trabalhistas, fazendo com que a classe trabalhadora perca direitos já adquiridos.

“Não concordamos com terceirização desse tipo. Lutaremos até o fim, pois queremos que essa prática seja boa também aos trabalhadores e trabalhadoras do setor”, diz Gilberto.

Gilberto lembrou que a terceirização e o “pejotismo” – forma de contratação onde o trabalhador fornece nota como Pessoa Jurídica, o PJ – são práticas comuns no setor de comunicação e, principalmente, o trabalhador que atua como PJ contribui para que as empresas deixem de recolher impostos trabalhistas, o que caracteriza sonegação e merece toda a atenção da CONTCOP. “A Lei é igual para todos, não pode ser somente o pequeno salário que paga os impostos, pois a prática do pejotismo é feita principalmente para os profissionais com maiores salários e retira da empresa toda a responsabilidade trabalhista e, conseqüentemente, mina os direitos básicos do trabalhador e da trabalhadora.”

Outro ponto bastante abordado



Gilberto Rodrigues Dourado é presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicações e Publicidade (CONTCOP)

pelo presidente da CONTCOP foi relacionado à luta que a entidade intensificará em torno da terceirização no setor de telecomunicação (Telecom), principalmente com as empresas de Call Center, pois este acaba sendo o primeiro emprego para muitos jovens. “Esses trabalhadores são muito sacrificados, então para nós essa é uma importante bandeira porque queremos melhorar as condições de trabalho e de salário desses companheiros”, esclarece Gilberto.

CONSTITUIÇÃO DE 1988

Em 2010, a Confederação registrou no Supremo Tribunal Federal (STF) uma Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão contra o Congresso Nacional.

A Ação, feita juntamente com o professor e jurista Fábio Konder Comparato, tem como objetivo exigir que

sejam regulamentados os dispositivos da Constituição Federal referentes à comunicação, que ao longo de 25 anos de sua promulgação ainda não estão em vigor e contribuem para a existência de um monopólio nos meios de comunicação brasileiros.

Segundo o presidente, para a CONTCOP é importante que se dê andamento a este processo, pois é fundamental para a nação, mas ressaltou que atualmente o processo encontra-se parado na Justiça. “Faremos, com nossos advogados e com uma consultoria, uma nova avaliação para saber quais os próximos passos para dar andamento a essa questão, pois só estamos exigindo que a nossa Carta Magna seja respeitada.”

DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

“Não podemos somente priorizar uma classe de informação e comunicação, visando interesses financeiros em detrimento da verdade”, afirma Gilberto, que salientou como os anos de alienação promovidos por grandes veículos de comunicação de massa, que só apresentam os defeitos ou divulgam falsas informações de instituições como sindicatos, partidos políticos, ONGs e movimentos sociais, interferem diretamente na vida de cidadãos e cidadãs do País.

Para o dirigente, esse fenômeno fez com que, diretamente, as manifestações iniciadas a partir do mês de junho deste ano demonstrassem como a população está descrente com as entidades organizadas como movimento social, partidos políticos e sindicais.

“Acho que essa foi a maior demonstração de descrédito, pois os manifestantes foram às ruas mostrar que eles poderiam fazer a diferença, enquanto os políticos estão lá, preocupados com mensalão, mensalinho ou caixa dois. De certa forma, sou contra, pois é preciso mostrar a cara, ter lideranças e objetivos, já que promover protesto por protesto não leva a nada, somente ao aumento da violência e das depredações”, finaliza o dirigente.

POR UM BRASIL MODERNO E UMA JUSTIÇA RÁPIDA E EFICIENTE



A Justiça brasileira precisa usar mais a tecnologia a seu favor para ser ágil e poder beneficiar os cidadãos

"Claro que devemos sempre respeitar o direito das partes produzirem provas, porque justiça rápida nem sempre significa justiça boa, mas justiça lenta e atrasada não beneficia ninguém", enfatiza Felipe Locke Cavalcanti, procurador de Justiça e presidente da Associação Paulista de Ministério Público.

Felipe Locke atua no Ministério Público há mais de 25 anos. Por duas vezes foi membro do Conselho Nacional de Justiça e já atuou em mais de 500 plenárias, incluindo a ação que condenou o coronel Ubiratan Guimarães, no caso que ficou conhecido como o Massacre do Carandiru. "Este é um caso demorado porque o processo teve de ser deslocado da Justiça Militar para a Comum, além de ter um número muito grande de réus, se não me engano 121 pessoas. Mesmo assim, a Justiça brasileira padece de celeridade e rapidez", diz o procurador.

Nessa entrevista à Revista da UGT, Locke falou sobre a morosidade do sistema e de como o Brasil precisa ficar atento para com novas propostas de enfrentamento ao uso de drogas que estão sendo adotadas em diversos países.

Revista da UGT: Por que a Justiça no Brasil tarda e praticamente para, de tão morosa?

Felipe Locke: Há um conjunto de fatores que fez com que o Conselho Nacional de Justiça criasse metas para tentar acelerar isso ao máximo que pôde, mas nós precisamos ter reformas legislativas para que sejam extintos alguns re-



"Toda a burocracia é uma forma de organização, o problema é quando essa organização se sobrepõe ao objetivo final, isso acaba atrapalhando. Por isso precisamos modernizar esse processo"

curso, o que dificulta a agilidade em alguns casos.

Existe uma luta no judiciário para que o sistema seja informatizado, isso não significa que seja colocado eletronicamente todo o processo que era no papel. Esta é a busca pela criação de um processo eletrônico em que uma série de funções seja feita automaticamente, o que, consequentemente, dará mais agilidade às ações.

UGT: É a burocracia o que emperra o Brasil?

Locke: Toda a burocracia é uma forma de organização e toda a organização é boa porque busca a padronização e visa uma metodologia de trabalho. O proble-

ma ocorre quando essa organização se sobrepõe ao seu objetivo final. Mas, infelizmente, a burocracia, em muitos casos, acaba atrapalhando, por isso precisamos modernizar esse processo.

UGT: Entidades de classe podem influenciar nesse processo de modernização?

Locke: Podem, sim. Por exemplo, a Associação, a UGT e o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo são entidades que têm fins muito próximos. Além de defenderem o bem estar de seus filiados, é evidente que as entidades têm papel preponderante na modificação e modernização do estado brasileiro, seja com

propostas de mudança legislativa, na atuação junto ao Congresso Nacional ou Assembleia Legislativa, para que haja mudanças, pois estas são entidades que estão ligadas na ponta, junto à classe trabalhadora. Isso facilita para descobrir quais os anseios da população.

UGT: Ultimamente, muito vem se falando sobre a postura adotada pelo Uruguai em relação às drogas, mudando a forma de combater o problema com repressão para enfrentar a situação por meio da educação. O que o senhor acha dessa experiência?

Locke: É evidente que hoje a política brasileira de enfrentamento às drogas é um fracasso e eu não estou falando deste governo ou daquele, estou falando de um fato que ocorre há muito tempo. Como está hoje, o traficante ganha cada vez mais espaço e isso faz com que ele corrompa a polícia, corrompa o Estado e cause um dano danado. É fato que sempre que houver consumidor, haverá traficante. E o consumo, sendo crime ou não, infelizmente existe.

Na realidade, precisamos modificar o enfoque, pois este é um problema de saúde pública e nós temos que acabar com o tráfico. Agora você tem dois métodos para acabar com o tráfico, ou você cria uma sanção tão pesada e violenta, como acontece na China e na Arábia Saudita em que há pena de morte para quem for pego com drogas, que acho que não seja a solução, ou tem o caminho da Holanda e do Uruguai, que você acaba com o tráfico a partir do momento que a venda é normalizada, ou seja, você matou o traficante. Esse é um caminho que a sociedade brasileira terá de discutir. Eu tenho certeza que a situação que existe hoje é insustentável e não tem trazido resultados positivos para o Brasil.

Na saúde, não adianta querer serviço de qualidade

SEM RECURSOS ADEQUADOS

Em entrevista à Revista da UGT, Edison Laércio de Oliveira, presidente do Sinsaúde de Campinas e Região e da Federação dos Trabalhadores da Saúde do Estado de São Paulo, explica como a falta de investimento público adequado, a falta de vontade política e o jogo de interesses prejudicam o Sistema Único de Saúde (SUS) e, consequentemente, toda a população que depende desse serviço.

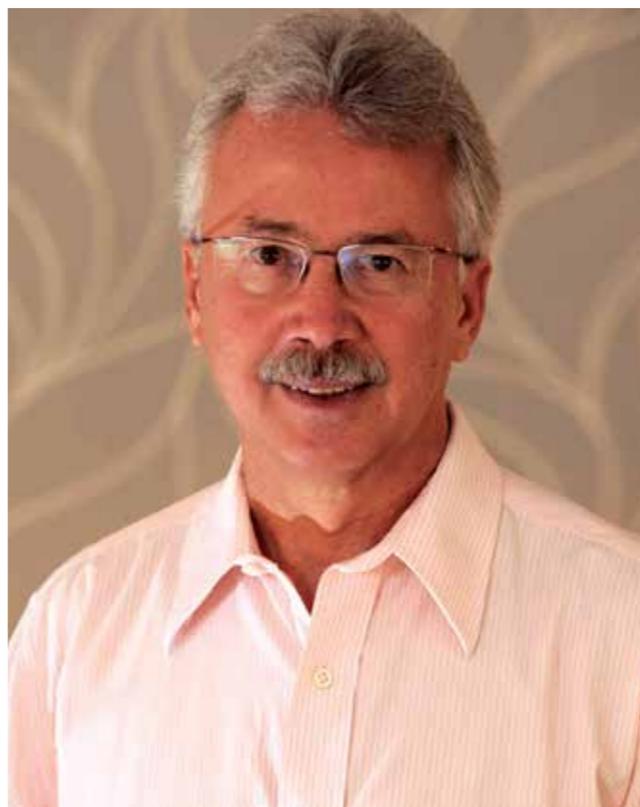
Revista da UGT: O que falta para que o Brasil realmente possa oferecer uma saúde de qualidade para a população?

Edison Laércio: Vontade política de criar um projeto mais abrangente que faça frente aos grandes problemas do sistema de saúde brasileiro. Dentre eles, podemos destacar uma política de financiamento do setor, já que, mesmo com a aprovação da Emenda 29, os vetos da presidente Dilma Rousseff praticamente fizeram com que o texto voltasse à estaca zero quando o assunto é a manutenção do sistema. O povo já está cansado de ver a saúde ser destaque somente nos palanques ou em vésperas de eleição. É preciso praticar a melhoria com políticas decentes e exequíveis. Outro fosso existente no sistema, na minha opinião, é o que foi criado com a falta de um gerenciamento profissionalizado das instituições públicas e filantrópicas, que são responsáveis pelo mau atendimento e dão o tom da saúde, inclusive na rede particular. Por fim, uma vala que impede a melhoria da qualidade em saúde no Brasil é a falta de investimento nos profissionais da saúde, seja por meio de cursos de aperfeiçoamento ou com a criação de políticas de remuneração adequada. Tenho certeza de que na saúde está um dos maiores exemplos da má distribuição de renda no Brasil.

UGT: Investimento é o maior problema?

Edison: É um dos pilares do desequilíbrio. Fatalmente, diremos que é o maior porque a partir dele podemos corrigir os demais pontos que impedem que os brasileiros tenham uma saúde realmente de qualidade.

A Emenda 29, promulgada em 2012, determinou que estados e municípios devem aplicar, respectivamente, 12% e 15% dos seus recursos no setor de saúde. Já para a União, determina-se que aplique o mesmo montante do ano anterior acrescido da variação nominal do Produto Interno Bruto (PIB). Ocorre que, sob o guarda-chuva da saúde, os governos se utilizam de artifícios contábeis para cumprir a determinação mínima prevista para cada nível. Como gasto em saúde se incluem: recursos



Para Edison, somente com vontade política e intensa mobilização da sociedade é que será possível o fortalecimento e a humanização do SUS para que o Brasil tenha um sistema de saúde público de qualidade

investidos em bolsas assistenciais, verbas para restaurantes populares, limpeza urbana, merenda escolar, entre outros. Ainda assim, chegamos ao absurdo de não saber até agora qual foi o destino de R\$ 17 bilhões do orçamento de 2012 do Governo Federal para a saúde, já que não foram aplicados como deveriam e ninguém sabe o que foi feito. Como se vê, além de poucos, os recursos são mal empregados.

UGT: Por que projetos como a Emenda 29 demoram tanto para ser aprovados e, quando são, importantes dispositivos que complementam a emenda são vetados?

Edison: Foram 15 vetos no total. A presidente Dilma Rousseff, em janeiro de 2012, sancionou a lei complementar que fixa os recursos mínimos a serem investidos por União, Estados e muni-

cípios em saúde, mas acabou com ela na canetada. Um dos vetos descarta recursos adicionais para a área em caso de revisão positiva do PIB, sob a justificativa de que "a necessidade de constante alteração nos valores a serem destinados à saúde pela União pode gerar instabilidade na gestão fiscal e orçamentária". Isto é um absurdo e vai contra a promessa que ela fez na campanha para se eleger presidente da República. Ela tornou a lei inócua. Não traz nenhum dinheiro novo para a saúde. Foi uma grande decepção, pois debatemos estas questões por mais de 10 anos. Isto mostra que falta vontade política e sobra discurso vazio.

UGT: Na sua visão, por que, em vez de fortalecer o SUS, são priorizados no País a aquisição de planos de saúde e os atendimentos particulares?

Edison: Porque o governo não dá conta da sua parte. Os serviços oferecidos são ruins, as filas intermináveis e todos os dias milhares de trabalhadores perdem o dia de trabalho na busca de assistência em hospitais públicos. Isto vai contra a economia produtiva de um país. Espremidas por esta realidade, as empresas são obrigadas a recorrer aos planos de saúde que, mesmo não sendo um exemplo de qualidade, ainda são a melhor opção para a população.

UGT: A terceirização no sistema de saúde pública no Brasil, com o avanço das OSSs (Organizações Sociais de Saúde), interfere de que forma para esta situação alarmante em que se encontra o SUS?

Edison: As OSSs representam um modelo de parceria adotado pelo governo do Estado de São Paulo para a gestão de unidades de saúde, finalizado entre 1998 e 2001. A legislação estadual regulamentou a parceria com entidades filantrópicas denominadas OSSs, que adquiriram o direito de firmar Contrato de Gestão com a Secretaria de Estado da Saúde, visando o gerenciamento de hospitais. É um modelo, a nosso ver, que introduziu novos conceitos de gerenciamento, que por vezes se mostram positivos, mas trazem conflitos pelo desconhecimento de algumas OSSs das diferentes realidades regionais em relação à gestão do pessoal.

Defendemos que estas contratações sejam feitas de forma aberta e com a participação das entidades representativas dos trabalhadores. Isto evitará muitos problemas existentes atualmente.

UGT: O SUS vive uma crise de gestão? Como resolver esta situação?

Edison: Com a participação da sociedade, incluindo os representantes dos trabalhadores das redes privada e filantrópica, que, por meio de convênio com o SUS, respondem por aproximadamente 50% da assistência pública no País. Conhecemos a realidade da saúde no País, convivemos diariamente com milhares de trabalhadores. Ou estamos nos estabelecimentos de saúde ou os profissionais nos trazem informações valiosas, que poderiam ser utilizadas no aprimoramento do Sistema Único de Saúde, proje-

to exemplar no papel, mas que precisa ser aprimorado para não se tornar inócuo.

UGT: Existe uma efetiva valorização da classe trabalhadora que atua na área da saúde pública?

Edison: Esta valorização está longe de acontecer. Esses profissionais estão por último na fila de prioridades dos governos e dos empresários e a nossa grande luta é alterar esta realidade, garantindo aos trabalhadores e trabalhadoras o devido valor, pois essas pessoas são o que se tem de melhor na saúde brasileira com toda a certeza.

UGT: O argumento da filantropia continua sendo uma desculpa para as Santas Casas não cumprirem suas obrigações com a classe trabalhadora? De que forma isto influencia o serviço prestado pelas instituições?

Edison: Não só. Com uma dívida que pulou de R\$ 1,8 bilhão em 2005 para R\$ 11 bilhões em 2012, as filantrópicas choramingam pelos corredores palacianos em busca de perdão e de mais dinheiro que jamais foi utilizado para a valorização dos trabalhadores que as sustentam em pé. Esta é uma grande injustiça e uma dívida social em vigor no Brasil. Temos no Brasil mais ou menos 2.100 hospitais filantrópicos e que acumulam juntos mais de 155 mil leitos, o que significa 31% do disponível em nível nacional. Isto explica o porquê do governo, vira e mexe, achar um jeito de socorrer estes estabelecimentos de saúde. Manter as instituições em pé é uma questão de sobrevivência do sistema, que poderia entrar em colapso sem esta mão de obra. Daí os projetos de socorro para mantê-las com vida. Mas os trabalhadores estão fora deste socorro.



"O Brasil precisa criar um projeto que faça frente aos grandes problemas do sistema de saúde brasileiro"

"O povo brasileiro já está cansado de ver a saúde ser destaque apenas nos palanques em vésperas de eleições"

Plenária Paranaense discute RECUPERAÇÃO DO FGTS



UGT decide intensificar ações contra a manipulação da TR que chega a lesar a classe trabalhadora em até 88,3%

RECU

Mais de 120 dirigentes sindicais de vários sindicatos paranaenses participaram da Plenária da Regional Norte da UGT Estadual Paraná, realizada em Londrina (PR), dia 26/09, com os temas: “O Movimento Sindical e as Manifestações Populares de Rua” e a ação coletiva da UGT requerendo as perdas com as correções do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). A presença de dirigentes de diversas categorias profissionais de todas as regionais da UGT no Estado reforçou a pluralidade sindical da União Geral dos Trabalhadores.

Para fazer um balanço e uma leitura acadêmica do movimento sindical e as manifestações populares que levaram milhares de brasileiros às ruas a partir de junho de 2013, foi convidado o professor de direito e cientista político, André Trindade, que também dirige o Centro de Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas da UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná). O professor Trindade fez uma análise das bases de formação das sociedades brasileiras nas questões econômicas e políticas.

Ao falar do momento presente da cidadania brasileira, André Trindade destacou que a política brasileira, como é feita atualmente, não permite ao cidadão ser de fato representado no parlamento, seja ele municipal, estadual ou nacional. Ele lembrou que a grande maioria de eleitores no Brasil é formada pela classe trabalhadora. “No entanto, temos no Congresso Nacional 90% de parlamentares que representam a classe patronal e apenas 10% que representam os interesses dos trabalhadores. Há um enorme contrassenso nessa equação,” disse André Trindade.

O professor André lembrou que os movimentos sociais organizados que foram às ruas são manifestações de

uma nova forma de mobilização que partidos e centrais sindicais devem acompanhar atentamente. “Infelizmente, não está havendo uma renovação nos quadros sindicais e a juventude precisa participar com mais presença nos sindicatos”, disse Trindade.

PERDAS COM O FGTS

Ao longo de muitos anos, a correção do FGTS era feita com uma determinada base de cálculo. Mas houve uma alteração nessa regra e, com isso, a correção passou a ser abaixo do que vinha sendo feito.

Para se ter uma ideia do tamanho do prejuízo, o Departamento de Economia da UGT calculou os números. Por exemplo: um trabalhador que no ano de 1999 tinha na conta do FGTS R\$ 1.000,00, hoje tem R\$ 1.340,47. Na verdade, se as regras não tivessem sido alteradas e a taxa referencial (TR) não tivesse sido manipulada, essa mesma conta deveria ter R\$ 2.586,44. Isso significa que está perdendo R\$ 1.245,97. É essa diferença, que nesse caso chega a 88,3%, que a UGT está reclamando na Justiça.

Quanto à ação coletiva que a UGT vai encaminhar cobrando as diferenças com as correções do FGTS, o secretário para Assuntos Jurídicos da UGT-PR, Feliciano Moreira, lembrou da necessidade dos sindicatos esclarecerem suas bases sobre a importância dessa ação. “Esse dinheiro foi tirado da classe trabalhadora por meio de mecanismos de reajustes espúrios, que tiraram dos trabalhadores valores consideráveis do Fundo.”

Feliciano falou ainda sobre as questões técnicas jurídicas que envolvem essa ação, e que os sindicatos podem fazer individualmente, acessando o site da UGT-Nacional e solicitando todos os formulários necessários ou encaminhando para o Departamento Jurídico da Central para dar prosseguimento à ação.

A triste realidade do TRANSPORTE FERROVIÁRIO BRASILEIRO

Infelizmente o Governo Federal ainda não voltou a investir no transporte ferroviário, apenas está falando que tem projetos para fazer investimentos bilionários nas ferrovias, mas certamente ainda não atinou que é necessário investir na formação desta mão de obra especializada de ferroviários. Foi necessário transcorrer uma centena de anos de um planejamento mínimo garantindo a permanência da estrutura ferroviária que existiu no passado não muito distante, preservando-se principalmente os valores humanos. A formação profissional de mão de obra especializada desenvolvida nas ferrovias, em todo território nacional, por meio dos acordos RFFSA/SENAI, foi esquecida com o fechamento da maioria das escolas profissionais – Centro de Formação Profissional, que outrora foi amparada pela extinta RFFSA (Rede Ferroviária Federal S.A) e que garantia a reposição de profissionais para as ferrovias, bem como para todo o mercado de trabalho.

No caso do Governo vir a honrar mais esta promessa de ampliar a infraestrutura dos transportes ferroviários, com investimentos maciços em novas ferrovias e nas hoje abandonadas, possivelmente irá importar ferroviários, à semelhança do que está fazendo na medicina.

Na virada do milênio, a classe ferroviária, em nível nacional, por meio da então RFFSA, contava com uma força de trabalho em torno de 120 mil trabalhadores, sob os vários regimes jurídicos, que operacionalizavam composições de passageiros, cargas gerais e unitárias, transportadas com destino aos portos,

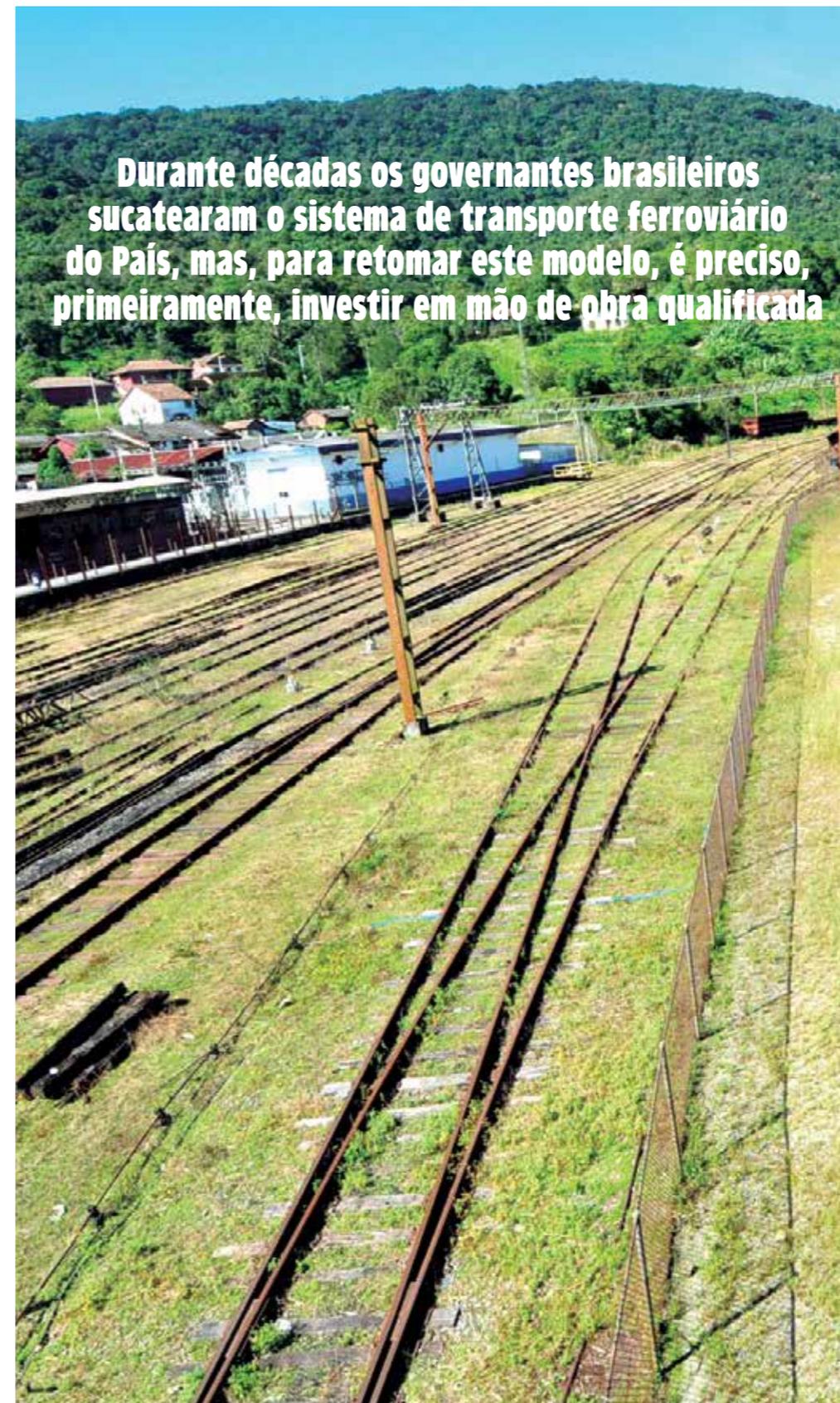
siderúrgicas, indústrias e outros vários destinos. Transportando assim as riquezas nacionais, as ferrovias foram responsáveis por surgimentos de diversas cidades, povoados, distritos etc.

Criada em 1957 pela Lei 3115, promulgada no governo do Presidente Juscelino Kubistchek, a RFFSA

Álvaro C. Sanches Jr. é secretário geral da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, secretário geral da União Geral dos Trabalhadores - Rio de Janeiro e secretário para Assuntos de Transportes Ferroviários da UGT-Brasil



Durante décadas os governantes brasileiros sucatearam o sistema de transporte ferroviário do País, mas, para retomar este modelo, é preciso, primeiramente, investir em mão de obra qualificada



absorveu então quase duas dezenas de ferrovias, somando-se as federais, estaduais e privadas, e criou, assim, uma empresa Holding com uma malha ferroviária acima de 25 mil km. A partir do governo do presidente Fernando Collor de Mello, a empresa foi incluída no Programa Nacional de Desestatização e, no Governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi iniciado o aniquilamento do sistema ferroviário nacional, por meio de concessões à iniciativa privada, com a perversa liquidação da RFFSA e da FEPASA (Ferrovia Paulista S.A), surgindo, conseqüentemente, o abandono de alguns sistemas centenários, com suas vias-permanentes, estações, depósitos, oficinas, todos relegados ao total abandono. Basta citar apenas alguns para se observar o descalabro criminoso a que foram relegadas as ferrovias pelas concessionárias que agora estão devolvendo as malhas ao governo, uma vez que têm interesse apenas de transportar cargas próprias. A ligação Rio-Campos-Vitória e o ramal de São Paulo, trechos da Bahia para cima até o Maranhão e ramais do tronco sul, além do sucateamento do material rodante, são alguns poucos exemplos da perversidade à qual foi submetida a ferrovia no nosso País.

Continuo torcendo para que o Governo mantenha esse posicionamento de voltar a investir nas ferrovias, mas não se pode esquecer que para se trabalhar em ferrovia é necessário investir na formação da mão de obra que, repito, é especializada e não dá pra ir buscar na prateleira (mercado de trabalho).

Saudações ferroviárias.

UGT Rio de Janeiro 5 ANOS



do pelo presidente nacional da UGT, Ricardo Patah; pelo presidente da Força Sindical do Rio, Francisco Dal Plá; pelo secretário geral adjunto da UGT de Minas Gerais, Wagner Francisco Alves Pereira; pela presidente do Sindicato dos Servidores do Tribunal de Contas do Estado do Rio (SIN-DSERVTCR), Francisca Talarico; e pelo atleta apoiado pela UGT-RJ, o lutador de jiu-jitsu Eduardo Barboza.

Ricardo Patah abriu seu discurso, no segundo dia de evento, parabenizando a gestão Nilson Duarte Costa. "O Rio de Janeiro, do ponto de vista macroeconômico e social, deu um salto em junho com as manifestações. Foi um alerta geral. Temos que aproveitar esse momento para irmos às ruas. Temos que aproveitar também a visita do Papa Francisco que nos deu uma lição de humildade", sugeriu.

Patah criticou o Artigo 4º do PL 4.330. "Não somos contra a tercei-

Realizado nos dias 26 e 27 de setembro, o seminário "5 anos de UGT - RJ" foi marcado por palestras informativas e esclarecedoras acerca de questões ainda desconhecidas pelas lideranças sindicais, revelando-se uma oportunidade ímpar de promoção do conhecimento, de expressão da cultura e de confraternização.

"O seminário, de uma forma geral, foi muito positivo, com a discussão de temas relevantes e de grande contribuição para o fortalecimento das lutas sindicais", ressalta o presidente da União Geral dos Trabalhadores do Rio (UGT-RJ), Nilson Duarte Costa.

Representando o prefeito Eduardo Paes, o secretário Municipal de Trabalho e Renda, Augusto Ribeiro, esteve na Cerimônia de abertura. Há cinco anos na SMTE, ele afirmou que vem

acompanhando a evolução da entidade. "A UGT é a central que mais tem crescido no Estado", disse ele, revelando acreditar que os sindicatos podem transformar a sociedade.

O seminário também foi prestigia-



Com cinco anos de fundação, a UGT-RJ é a Central que mais cresce no Estado



Durante discurso, Patah enfatizou que a unidade de ação da UGT fortalece a Central no Rio de Janeiro

rização, mas contra a precarização. A elite brasileira quer precarizar, tirar direitos", concluiu ele, vislumbrando um Brasil rico, "com uma classe média que tenha acesso às questões fundamentais".

O RECADO DAS RUAS

O secretário geral da UGT nacional, Canindé Pegado, destacou que a unidade entre as centrais tem fortalecido as discussões da classe trabalhadora, resultando em conquistas. No entanto, ele sinalizou a existência de pontos divergentes entre as mesmas.

Pegado comentou o poder de barganha das centrais sindicais uma vez que podem agir em nome das entidades. "Mas não adianta ter legitimidade sem que sejamos atuantes e proativos para que sejamos reconhecidos", salientou.

Questionado sobre o entendimento da central sobre o recado das ruas, ele ressaltou que a ação sindical não deve estar separada do movimento político. "Quanto mais força política, mais poderemos participar da ação institucional do País", garantiu ele, lembrando que a força das ruas fez com que o Congresso Nacional dis-

estrangeiros que vivem no País, contribuem para a economia, sem possuírem uma política de proteção e garantia de seus direitos.

Valdir Vicente é membro do Fórum Consultivo Econômico-Social do Mercosul, órgão consultivo constituído no Protocolo de Ouro Preto que representa os setores da economia e da sociedade. Segundo ele, a participação dos movimentos sociais no Mercosul tornou-se possível graças ao programa Mercosul Social e Participativo que abrange ações culturais, educativas, sociais e produtivas.

SOCIEDADE CIVIL

Da legislação trabalhista produzida no País após a Revolução de 1930, passando pela aprovação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 1943 até os dias atuais, o secretário Jurídico da UGT-RJ, Claudio Fernandes Rocha, traçou um panorama das contínuas conquistas obtidas pela classe trabalhadora.

Ao discursar sobre a importância da representação e participação do movimento sindical nas organizações da sociedade civil, Rocha elencou os ugetistas que integram uma extensa lista de conselhos, federações, comissões, fóruns e espaços de discussão dos direitos trabalhistas.

Segundo Claudio Rocha, não existe disponível uma literatura que aborde o conjunto de conquistas resultantes das lutas sindicais. "O Movimento Sindical está excluído das páginas da história do nosso Brasil", lamentou ele.

cutisse, em 48 horas, temas como a regulamentação do trabalho doméstico, o direcionamento de 75% dos royalties do petróleo para a educação e a saúde, a PEC 37 e a Lei do Ato Médico, dentre outros.

INTERNACIONAL

Secretário de Políticas Públicas da UGT-Nacional, Valdir Vicente de Barros falou sobre a evolução do movimento sindical, inicialmente concebido com um viés ideológico pautado na defesa dos sindicatos.

"Muitas vezes não temos ideia da grandeza do sindicalismo. Hoje, existe uma solidariedade entre os sindicatos de todo o mundo", afirmou Barros, que também enfatizou a importância do tratamento digno e humano aos

O atleta lutador de jiu-jitsu Eduardo Barboza, apoiado pela UGT-RJ, entre Ricardo Patah e Nilson Duarte Costa





A classe trabalhadora E A DITADURA MILITAR

Quando se pensa em ações de enfrentamento à Ditadura que se instalou no Brasil de 1964 a 1985, algumas pessoas imaginam somente os atos praticados pelos estudantes, mas o combate à opressão militar foi um conjunto de práticas que uniu a juventude estudantil, a classe trabalhadora e a sociedade da época em torno de um só ideal.

“Me causa arrepio ver todas as centrais sindicais juntas”, explica Raphael Martinelli, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e liderança sindical ferroviária que ousou enfrentar a Ditadura Militar. O relato aconteceu durante ato sindical unitário em memória do enfrentamento do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) ao Golpe de 64, que ocorreu no dia 1º de outubro, na sede do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo (SEESP).

Martinelli lembrou que, no tempo



Atuante na luta por um Brasil democrático e livre, a organização da classe trabalhadora sofre até hoje com os efeitos da repressão militar e das falsas notícias que foram plantadas

em que o CGT foi criado, por mais que fosse legítimo, acabou sendo perseguido pelos órgãos repressores, representantes de entidades de classe foram impedidos de exercerem suas funções de direção, milhares foram presos, torturados e mortos.

O evento, que contou com o apoio da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, teve a participação de Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT), juntamente com representantes da CGTB, CTB, CUT, Força Sindical, CSB, Intersindical, Nova Central e Conlutas.

Durante o ato, o líder ugetista lembrou que a história da luta por democracia e liberdade jamais poderá ser esquecida, pois foi por conta da coragem dos que enfrentaram o regime opressor que hoje o Brasil vive a plenitude de sua democracia. “Temos aqui muitas pessoas que, com certeza, deram sangue e suor para chegarmos onde estamos hoje. Essa é uma lição que precisa ser transmitida para os jovens”, ressalta Ricardo Patah.

Esse assunto também foi destacado por Martinelli que, durante sua fala, enfatizou a falta de jovens no evento, que rememorou um importante fato que marcou a história brasileira e buscou fortalecer a luta por justiça, para que a verdade sobre aqueles tempos venha à tona e, principalmente, para buscar o resgate da dignidade para aqueles que sofreram com a tortura e para as famílias daqueles que desapareceram.

“Valorizar e despertar a capacidade de indignação dos jovens – esse é um papel que as centrais sindicais precisam desenvolver para que essa memória seja cada vez mais capitalizada e seja compreendida pelos jovens tanto em nível estudantil quanto em nível sindical”, enfatiza Patah.

Ricardo Patah observou que a Ditadura, que tanto atrapalhou o Brasil, foi muito grave para o movimento sindical, porque retirou da organização da classe trabalhadora suas principais lideranças e plantou falsas informações nos meios de comunicação de massa que pautam o cotidiano de muitas pessoas até hoje. “Essas ações fazem com que, até os dias atuais, nós, do movimento sindical, tenhamos dificuldades de fazer com que nossas bandeiras de luta sejam empunhadas com mais força.”

AVANÇAR PARA QUE TODOS CONHEÇAM A VERDADE

Às vésperas de completar 50 anos do Golpe de 64 no Brasil, aqueles que torturaram, mataram, estupraram, cometeram crimes bárbaros ignorando todo e qualquer direito humano estão soltos e recebendo suas “polpudas” aposentadorias.

A luta da UGT, em conjunto com a Comissão da Verdade e as demais centrais sindicais, é por justiça. “Hoje o movimento sindical está unido e isso facilita muito para que a classe trabalhadora possa debater sobre o tema e resgatar, definitivamente, o que queremos: que é a verdade e nossa dignidade”, conclui Ricardo Patah.

SINDICALISTA DA UGT OCUPA CARGO DO COMÉRCIO NA UNI AMÉRICAS

O presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT-Sergipe) e presidente da Federação dos Empregados no Comércio e Serviços no Estado, Ronildo Almeida, foi eleito representante na Secretaria Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviço (Sentracos) do Comitê Diretivo Regional da UNI Américas, com sede em Montevidéu, Uruguai. A escolha do sindicalista ocorreu em outubro, na Conferência Mundial do Comércio e na 4ª Conferência da Regional de Comércio da UNI Américas, em Buenos Aires, Argentina.



Ronildo Almeida

Ronildo integrou a delegação da UGT e da Sentracos Brasil que participaram dos dois eventos internacionais, onde se discutiu a organização do movimento sindical dos comerciários, os sindicatos fortes nas corporações multinacionais, o crescimento sindical e o impulso da negociação coletiva.

Durante o evento, o secretário-geral da UNI Global Union General, Philip Jennings, disse aos mais de 400 participantes que a “desigualdade é o flagelo do mundo”, ao citar que um trabalhador de varejo em Uganda demora mil anos para ganhar o que um chefe do Walmart / Massmart na África do Sul ganha em um ano.

“Existem muitos exemplos onde os chefes ganham trinta, quarenta, cinquenta ou cem vezes mais do que os trabalhadores das lojas. É moralmente inaceitável e a UNI e suas afiliadas vão lutar até que haja uma mudança de cultura. Focamos a ação e a união e precisamos do compromisso de todos para mudar o local de trabalho e continuar a obter vitórias para os trabalhadores do mundo”, defendeu Philip Jennings.

Ronildo Almeida avaliou posi-

tivamente o encontro internacional dos sindicalistas. “Temas importantes foram debatidos, especialmente em relação à precarização na terceirização, o trabalho decente e à exclusão advindos com a globalização. As empresas multinacionais, o fortalecimento dos sindicatos locais, campanhas permanentes para aumento de filiação e a alta taxa mundial de desemprego dos jovens também foram temas abordados.”

Segundo o sindicalista, o relacionamento da rede Walmart com o movimento sindical e seus empregados foi um tema amplamente discutido. Na ocasião, sindicalistas de países onde a multinacional opera apresentaram denúncias, especialmente de exploração de mão de obra e práticas antissindicais. Outra multinacional citada na 4ª Conferência da Regional de Comércio da UNI Américas foi a Ceconsud, que em Sergipe detém as bandeiras do G.Barbosa e Atacadão Rodrigues.

A UNI Global Union representa 20 milhões de trabalhadores em todo o mundo, com 900 sindicatos filiados, em 150 países. A próxima Conferência Global Commerce UNI será realizada na Alemanha.



FGTS:

todos ganham, menos o trabalhador

Lucro líquido de R\$ 14.3 bilhões para o governo, perda de R\$ 23.4 bilhões para os trabalhadores

A questão das perdas do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) tem sido uma das bandeiras levantadas pela UGT desde a sua fundação. A Central, em conjunto com o Instituto FGTS Fácil, lançou, ainda em 2007, a campanha "FGTS 40 anos – Justiça para o trabalhador". De lá para cá, as propostas apresentadas ao longo da campanha integram projetos de mudança no Fundo, que tramitam no Congresso Nacional. Paralelamente às mudanças na legislação que regem o FGTS, a UGT ingressou na Justiça para que os trabalhadores possam recuperar o dinheiro perdido por erros no cálculo da correção do Fundo. (Detalhes

sobre essa ação se encontram no site da UGT: www.ugt.org.br).

Para se ter uma ideia das perdas, o Instituto FGTS Fácil, com base no Balanço Anual do FGTS do ano de 2012, elaborado pela Caixa Econômica Federal, traçou um retrato fiel do Fundo de Garantia.

Enquanto o patrimônio líquido do FGTS cresceu 35%, com o lucro líquido de R\$ 14.3 bilhões, o trabalhador perdeu R\$ 23.4 bilhões, em 2012, com os expurgos da Taxa Referencial (TR), que é a diferença da TR para o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor). A perda acumulada dos expurgos da TR no período de dezembro/2002 a setembro/2013 já está em R\$ 148.8 bilhões.

São inquestionáveis os benefícios

gerados pelo FGTS à população, principalmente de baixa renda, com os investimentos em habitação popular, saneamento básico e infraestrutura urbana, como também para a economia nacional e a geração de empregos.

Mas não é justo que haja uma política que confisca os rendimentos desta poupança, chegando ao ponto do trabalhador pagar imposto sobre o FGTS, em função da desvalorização gerada por meio da manipulação do cálculo da TR gerada pelo Banco Central do Brasil.

LUCRO LÍQUIDO DE R\$ 14.3 BILHÕES PARA O GOVERNO

O Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) obteve, em 2012, o segundo maior lucro líquido do

Brasil. A Edição Especial 40 anos da Revista Exame "Melhores e Maiores – as 1.000 maiores empresas do Brasil", mostra os seis maiores lucros das empresas brasileiras em 2012 (tabela ao lado).

Se excluirmos os R\$ 6.5 bilhões doados para o Programa Minha Casa Minha Vida, despesa que deveria ser do Tesouro Nacional, já que beneficia todos os brasileiros, mesmo aqueles que não têm FGTS, o lucro líquido seria de R\$ 20.8 bilhões, tornando-se o maior lucro, caso o Fundo de Garantia fosse uma empresa onde os donos são os trabalhadores. Só que enquanto as cinco empresas citadas distribuem parte deste lucro para seus acionistas, no FGTS todo o lucro vai para a conta Patrimônio Líquido do FGTS, que é uma conta reserva, cujo dono é o governo Federal.

De 2001 a 2012, a conta Patrimônio Líquido do FGTS passou de R\$ 8.998.009.000,00 para R\$ 55.3370.273.000,00, um lucro líquido total de R\$ 46.3 bilhões,

CL.	EMPRESA	SETOR	CONTROLE	LUCRO EM BILHÕES R\$
1ª	PETROBRÁS	ENERGIA	ESTATAL	16.2
2ª	FGTS	POUPANÇA	TRABALHADOR	14.3
3ª	AMBEV	BENS DE CONSUMO	BELGA	6.7
4ª	VIVO	TELECOMUNICAÇÕES	ESPAÑHOL	4.4
5ª	VALE	MINERAÇÃO	BRASILEIRO	4.0
6ª	TELEFÔNICA	TELECOMUNICAÇÕES	ESPAÑHOL	2.7

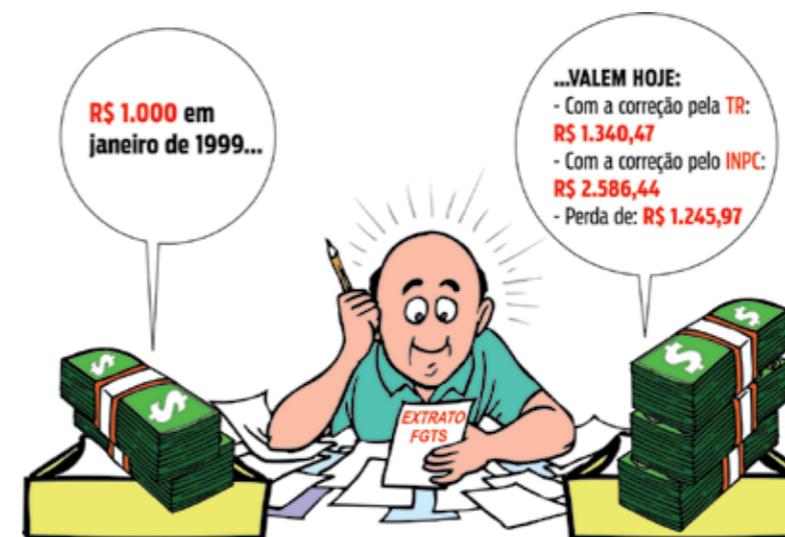
Obs.: Foi usado o dólar de R\$ 2,0467 de 30/12/2012 para converter o lucro em reais

equivalente a um crescimento de 515,36%. Só em 2012, o lucro líquido foi de R\$ 14.357.100.000,00, um crescimento de 35%. O Ativo do FGTS em 31/12/2012 foi de R\$ 325.863.184.000,00 (trezentos e vinte e cinco bilhões, oitocentos

e sessenta e três milhões, cento e oitenta e quatro mil reais).

Para o presidente do Instituto FGTS Fácil, Mario Avelino, por uma questão de justiça, já que o dinheiro do FGTS é do trabalhador, pelo menos 50% (cinquenta por cento) deste lucro líquido deveria ser distribuído para o trabalhador, como é feito quando uma empresa dá lucro e o mesmo é distribuído entre os acionistas, como também 50% da multa paga pelas empresas pelo recolhimento em atraso do FGTS vá para o trabalhador prejudicado. Ele explica que, desde 2007, existem os Projetos de Lei do Senado PLS 581/2007, do senador Paulo Paim, e o PLS 195/2008, do ex-senador César Borges, que propõem esta distribuição, assim como também o Projeto de Lei 4.566/2008 que tramita na Câmara dos Deputados Federais. Todos são baseados na Campanha de Abaixo Assinado "FGTS 40 anos – Justiça para o Trabalhador" do Instituto FGTS Fácil em parceria com a União Geral dos Trabalhadores (UGT). "Estes projetos estão até hoje barrados pelo governo no Congresso Nacional, pois o governo não tem nenhum interesse de perder esta boquinha", finalizou Avelino.

Veja quanto você já perdeu no FGTS



NO SITE DA UGT (www.ugt.org.br), O TRABALHADOR PODERÁ CONFERIR COMO RECUPERAR AS PERDAS POR ERROS NO CÁLCULO DA CORREÇÃO DO FUNDO



Pelos direitos dos TRABALHADORES

A classe trabalhadora necessita, cada vez mais, de pessoas comprometidas com as bandeiras de luta da categoria

Com um histórico de lutas em defesa dos interesses da classe trabalhadora, principalmente dos bancários, e hoje deputado estadual exercendo seu segundo mandato, o sindicalista Davi Zaia enfrenta novos desafios como secretário de Gestão Pública de São Paulo.

Desde o fim dos anos 1970, quando era funcionário da Nossa Caixa, Nosso Banco, Davi Zaia já despontava como uma liderança dos trabalhadores. Nesse período, presidiu o Sindicato dos Bancários de Campinas, onde comandou uma das maiores greves da história, mobilizando 40 mil pessoas em 1985. Chegou à presidência da Federação dos Bancários de São Paulo de Mato Grosso do Sul – cargo que ocupa até hoje – e à vice-presidência da União Geral dos Trabalhadores (UGT).

Depois de chefiar a Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho, o governador Geraldo Alckmin convidou Zaia para comandar a pasta da Gestão Pública. Nesta entrevista, ele fala do desafio de aproximar o movimento sindical do governo, das conquistas para os trabalhadores e outras ações.

Revista da UGT: O senhor tem uma forte ligação com o movimento sindicalista. De que forma isso colabora na atual função?

Davi Zaia: Vim do movimento sindical, conheço as demandas. Tenho um diálogo permanente com os sindicalistas. O Brasil cresce, se desenvolve e gera empregos, e São Paulo é protagonista deste cenário. Vivemos um momento repleto de desafios que precisam ser enfrentados com a participação dos trabalhadores. Procuramos estimular isso no serviço público.

UGT: O senhor ficou à frente da Secretaria de Emprego de janeiro de 2011 a março de 2012. O que pode destacar de benefícios aos trabalhadores?

Zaia: Foi um período significativo e intenso. À frente da pasta, ampliamos e fortificamos projetos como o Banco do Povo Paulista, Emprega SP e os Postos de Aten-

dimento ao Trabalhador (PAT). Damos uma nova cara à Secretaria. Um grande marco foi o diálogo com as centrais sindicais, entre elas a própria UGT, por meio do presidente Ricardo Patah, uma grande liderança. O diálogo melhorou de forma sensível. A negociação do salário mínimo paulista e a implantação do Programa Frentes de Trabalho, beneficiando mais de 20 mil paulistas.

UGT: E, depois, assumiu a Gestão Pública. Como é este trabalho?

Zaia: O objetivo é aprimorar a gestão do Estado, fortalecendo a capacidade de governar, promovendo inovação e excelência na esfera governamental. Em 2012, economizamos R\$ 677 milhões com iniciativas simples, revertendo recursos para novos investimentos. Neste ano, tomamos mais medidas visando à economia dos recursos públicos.

UGT: A pasta é responsável por “gerenciar” o RH do Estado. Quais são os principais avanços em relação ao funcionalismo público estadual?

Zaia: Entre funcionários ativos e inativos, temos mais de 1,1 milhão de servidores, 657 mil ativos. Destaco a revisão do Plano de Cargos de diversas carreiras do Estado e a incorporação das diversas gratificações, como benefícios para ativos e aposentados. Damos seguimento a um pedido do governador: ampliar o atendimento às categorias. Reunimo-nos com as demais secretarias, sindicatos e entidades de classe para saber as principais reivindicações dos trabalhadores. Ter um funcionário satisfeito no desempenho da sua função resulta em benefícios diretos à população.

UGT: O Instituto de Assistência Médica do Servidor Público Estadual, Iamspe, também está sob responsabilidade da Secretaria. O que pode ser feito pelo órgão?

Zaia: Ampliamos o atendimento do Iamspe, responsável por cuidar da saúde do servidor. Temos o Hospital do Servidor Público Estadual (HSPE), onde contamos com mais de 40 especialidades médicas diferentes e um quadro de profissionais excelente, além do hospital-dia. O HSPE, aliás,

“Vim do movimento sindical, conheço as demandas. Tenho um diálogo permanente com os sindicalistas”

Davi Zaia

passa pela maior reforma de sua história. Serão investidos R\$ 146,7 milhões na modernização e implantação do Hospital Amigo do Idoso. Buscamos ampliar o atendimento de saúde em todo Estado.

UGT: O Poupatempo já atingiu 370 milhões de atendimentos. Qual o segredo deste sucesso?

Zaia: É expressivo. Pesquisa Vox Populi constatou que 99% dos usuários se mostram satisfeitos com o atendimento. Se dividirmos o número total de habitantes do Estado (42 milhões) com o de atendimentos, a média é de oito serviços por morador. Não é à toa que o Poupatempo é o maior programa de prestação de serviços ao cidadão do País. Seguimos o objetivo de desburocratizar o serviço público e oferecer excelência. O cidadão vai ao posto com a certeza da resolução dos problemas. Reconheço o empenho e dedicação dos funcionários, exemplo de atendimento. Informatizamos o atendimento, que é feito com hora marcada e o tempo de espera diminuiu ainda mais. Ele agora pode ser realizado pelo site ou até via Facebook, além do e-poupatempo.

UGT: Há projetos para ampliar o Poupatempo?

Zaia: Participo, junto com o governador Alckmin, do projeto de expansão. Mais de 20 novas unidades já foram anunciadas e, até maio de 2014, avançaremos no número de postos. Nosso objetivo é dobrar o número de postos – hoje são 32. Eles oferecerão os serviços de emissão de RG, CNH, Carteira de Trabalho, unidade bancária e os serviços da Ciretran (Circunscrição Regional de Trânsito).



UGT: O Acesa SP tem uma função importante: oferecer acesso à internet para a população mais carente. Há alguma novidade vinculada ao programa?

Zaia: Vivemos um novo tempo no Acesa. Ele existe em praticamente todas as cidades do Estado e demos uma cara nova a ele. Os exemplos são o Acesa sem Fio, com internet wi-fi, e o Acesa Rural, para atender distritos do interior distantes dos grandes centros.

UGT: O programa, aliás, ganhou o Prêmio Nobel da inclusão digital em agosto...

Zaia: Representei o Brasil em Cingapura, na Ásia, na premiação da Fundação Bill & Melinda Gates. Concorremos com projetos de 56 países e recebemos o prêmio “Acesso ao Conhecimento”. Somos o melhor programa de inclusão digital do mundo! Receberemos US\$ 1 milhão para ampliação e US\$ 8 milhões em softwares da Microsoft. Hoje, o Acesa está em 549 municípios e, até o final do próximo ano, chegará às 645 cidades paulistas.

A UNI Américas – Global Union realizou um seminário com representantes de todos os sindicatos filiados na América do Sul para apresentar suas campanhas. A União Geral dos Trabalhadores (UGT), juntamente com demais centrais sindicais brasileiras, participou do evento que aconteceu nos dias 05 e 06 de setembro, em São Paulo.

Entre outras ações, o seminário discutiu a elaboração de campanhas que buscam garantir a proteção e a ampliação de direitos trabalhistas aos funcionários das empresas multinacionais. Para tanto, os sindicalistas presentes estudaram, inclusive, a elaboração de uma convenção coletiva que beneficie, principalmente, as conquistas sociais e o direito à sindicalização aos funcionários de multinacionais que atuam na América Latina.

Reunido na sede do Secretariado Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços (Sentracos), o grupo teve a oportunidade de conhecer as estratégias globais da UNI e saber mais sobre as campanhas da Prosegur, Walmart e DHL. Tudo com o intuito de traçar um plano ao mapear os relacionamentos destas três empresas com os sindicatos brasileiros. E analisaram como as entidades sindicais do Brasil podem apoiar e construir juntas as campanhas em favor dos trabalhadores destas empresas.

A Rede Walmart, por exemplo, é uma das maiores potências privadas e uma das que mais desrespeitam os direitos dos trabalhadores. Só para se ter ideia, ela é a terceira maior

empregadora do mundo, ficando atrás apenas do Departamento de Defesa Norte Americano e do Exército da China, tendo cerca de 2,2 milhões de empregados ao redor do planeta. E os números exorbitantes não ficam por aí. Se o Walmart fosse um país, seria a 25º maior economia do mundo. A receita fiscal, registrada em janeiro de 2012, foi de 447 milhões de dólares, com lucro líquido de 15,7 milhões de dólares.

Porém, infelizmente, os dados ne-

gativos também são exorbitantes. No relatório da reunião entre a UNI e a The United Food and Commercial Workers International Union (UFCW) – uma federação internacional de trabalhadores do ramo de alimentação e comércio, que representa basicamente os trabalhadores da indústria de alimentação dos EUA e do Canadá – que ocorreu em outubro do ano passado, o elaborador, Luiz Hamilton de Souza, secretário executivo da UGT e representante da Central da

UNI AMÉRICAS REALIZA SEMINÁRIO PARA DISCUTIR MEDIDAS DE ENFRENTAMENTO ÀS MULTINACIONAIS

UGT e sindicatos filiados na América do Sul participam de encontro para conhecer um pouco mais sobre as campanhas que a UNI Américas promove em defesa dos direitos dos profissionais que trabalham em empresas multinacionais



José Moacyr Pereira reforçou a importância da realização do evento como forma de fortalecimento das ações em prol da classe trabalhadora representada pela UNI Américas

mobilizações, suporte e alianças. E que, portanto, foi importante para as entidades saberem um pouco mais das ações da UNI. “Nosso objetivo aqui foi fazer com que nossas entidades conheçam o interior das campanhas da UNI, assim podemos fazer com que estas grandes corporações multinacionais escutem nossas vozes, as vozes dos trabalhadores”, completou.

José Moacyr Malvino Pereira, secretário de Finanças da UGT-Nacional e presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços de Asseio e Conservação e Limpeza Urbana de São Paulo (Siemaco), esteve presente com um grande número de mulheres do Sindicato a fim de ampliar o conhecimento em prol de sua categoria. Para Moacyr, a combinação do baixo número de sindicalizações e o grande número de casos de descumprimento às leis trabalhistas são motivos de grande preocupação. “Esta é uma das questões mais importantes tratada neste seminário porque hoje nós representamos apenas 15% da massa da classe trabalhadora do País.”

Área V da UNI (representantes do Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela), destacou alguns relatos dos trabalhadores do Walmart.

Nos depoimentos, estes trabalhadores falaram sobre a falta de respeito com que são tratados e contaram sobre os horários instáveis de trabalho, a jornada de mais de 17 horas diárias e as humilhações que recebem dos clientes. “Trabalhei seis dias na semana e me pagaram apenas quatro”, relatou um trabalhador. Outro disse “me tratam como criança e eu realizo o trabalho de quatro pessoas”.

Por conta destas e de outras irregularidades, a Campanha da UNI contra o Walmart visa, entre outras

ações, garantir o direito à sindicalização destes trabalhadores e a criação de alianças ou redes que permitam a interação dos trabalhadores de diferentes países para que juntos se fortaleçam para lutar contra as práticas abusivas da empresa.

Adriana Rosenzvaig, secretária regional da UNI Américas, fez uma avaliação positiva do seminário reforçando a importância do diálogo e disse que as campanhas da UNI têm tido grande apoio do Brasil por meio de

A Rede Walmart é uma das que mais desrespeitam os direitos dos trabalhadores



O DIREITO SINDICAL E OS DESAFIOS NA ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Com o objetivo de debater juridicamente os dois lados das negociações entre a classe trabalhadora e a patronal, a União Geral dos Trabalhadores (UGT) promoveu o 2º Seminário Internacional de Direito Sindical, uma ação conjunta com a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP).

O ato, que aconteceu em São Paulo, no dia 04 de outubro, reuniu juristas de diversas instituições sindicais, tanto representantes da classe trabalhadora quanto do setor patronal, que puderam debater os avanços no direito sindical, além de fazer um balanço do atual cenário sindical frente à crise financeira mundial.

Entre os palestrantes que participaram do evento, o jurista Manuel Carlos Palomeque ministrou o tema "Sindicalismo na Espanha" e ressaltou que, no País, os trabalhadores não perderam direitos adquiridos, mas perderam seus empregos, o que corresponde a uma porcentagem importante da população espanhola, e que essas foram consequências das políticas adotadas pelo governo da direita como resposta à crise econômica.

João Leal Amado, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, falou sobre "O Sindicalismo em Portugal", país onde a classe trabalhadora perdeu empregos e direitos adquiridos e, como o



Visando debater os avanços no sindicalismo brasileiro, UGT promove encontro com juristas de diversas instituições sindicais, tanto de trabalhadores quanto de patronais

próprio jurista salientou, "foi obrigada a abrir mão para que as empresas respirassem e se reestabelessem para que os índices de empregos no País voltassem a subir".

Para a jurista dra. Claudia Campas Braga Patah, coordenadora do evento, foi de extrema importância a troca de

experiências com os juristas estrangeiros, porque é preciso saber como os países estão lidando com as situações adversas proporcionadas pela crise. "Esse encontro é fundamental para que tomemos isso como experiência no caso de uma crise maior aqui no Brasil", explica a dra. Claudia.

CRISE NO SINDICALISMO

Os dois juristas internacionais ressaltaram que, tanto na Espanha quanto em Portugal, existe uma baixa adesão no índice de trabalhadores e trabalhadoras que desejam se filiar aos sindicatos, contudo, em Portugal, por meio de ações judiciais, as pessoas que não são sindicalizadas acabam sendo beneficiadas pelas convenções coletivas firmadas. "Essas ações enfraquecem a estrutura sindical, porque desestimulam, ainda mais, a classe trabalhadora a se filiar, já que todos recebem os benefícios sendo ou não associados", explica João Leal.

O jurista português enfatizou que o sindicalismo, em todo o mundo, está passando por uma crise sem precedentes e que tem diversas causas, mas o principal motivo é externo ao próprio movimento sindical, pois as formas trabalhistas estão mudando e o auge daquele sindicalismo de porta de fábrica e de operários já não existe mais e isso é um problema complexo aos sindicatos, pois as es-

Durante a abertura dos trabalhos, a coordenadora do evento, a jurista dra. Claudia Campas Braga Patah, prestou uma homenagem entregando uma placa comemorativa ao jurista e professor Amauri Mascaro Nascimento, que é um renomado lutador focado no direito do trabalho





Luiz Carlos Robortella, Renato Rua de Almeida, Ivani Contini, Manuel Carlos Palomeque, João Leal Amado e Roberto Carneiro Filho

truturas estavam voltadas a uma realidade que mudou. “Podemos usar o exemplo dos profissionais de teletrabalho (termo de Portugal para a pessoa que trabalha em casa, via internet e telefone), que exercem suas funções em home office. Como colocar para esse profissional o espírito de grupo, o compartilhamento e a solidariedade, como se fazia há décadas”, diz o professor.

“Os sindicatos precisam se adaptar e não devem parar no tempo. Precisam se adaptar às novas realidades empresariais, ao novo modo de se trabalhar e à nova mentalidade de muitos dos trabalhadores, principalmente os mais jovens. Esse é um grande desafio”, conclui João Leal.

O SINDICALISMO NO BRASIL

“Aqui no Brasil, as entidades sindicais funcionam como agência, pois representam toda a categoria, prestam serviços sociais, de assistência médica, odontológica, oferecem opções de lazer e precisam ter um corpo jurídico muito grande e bem estruturado. Desta maneira, é necessário, sim, que as entidades sejam financiadas com a arrecadação do imposto sindical para poderem se manter. O modelo ideal é o europeu, que é muito mais uma instituição que representa aqueles trabalhadores que são filia-

dos apenas”, explica Renato Rua de Almeida, professor da PUC-SP.

Rua salientou também que o modelo sindical brasileiro “atrofia” o mercado de trabalho e a causa desse fenômeno é porque, quando uma entidade representa uma categoria, a negociação coletiva que é firmada para grandes estabelecimentos comerciais, por exemplo, não deveria se aplicar aos pequenos estabelecimentos.

O modelo sindical brasileiro é forte, atuante e representativo, pois enfatiza a unidade de ação da classe trabalhadora, desta forma, a probabilidade das categorias conquistarem avanços trabalhistas é maior do que se promovendo atos isolados por fábricas ou estabelecimentos comerciais. O exemplo dado pelo professor Rua é muito parecido com o modelo sindical norte-americano, em que, no caso das montadoras de automóveis, que é a referência que a UGT tem por conta da parceira firmada com a UAW (United Auto Workers – sindicato que representa os trabalhadores do setor automobilístico norte-americano), no país também não existe a representação por categoria, os sindicatos são instalados por fábricas e por meio de uma eleição entre os funcionários.

Nessa eleição, é preciso alcançar a aprovação de 50% mais 1 para que

determinada fábrica tenha organização trabalhista. Este modelo democrático seria o mais correto se não propiciasse as práticas antissindicalistas, pois, no momento da contratação de um funcionário, os responsáveis pela fábrica já ameaçam seus subordinados com o risco de demissão caso o profissional se envolva com sindicatos. Então, os trabalhadores de uma fábrica que não tem representação sindical passam a observar os benefícios conquistados por trabalhadores de montadoras sindicalizadas.

A UAW veio para o Brasil com a finalidade de pedir apoio à UGT e para denunciar a montadora Nissan por práticas antissindicalistas, um verdadeiro crime contra a classe trabalhadora e contra a dignidade humana, pois na sua fábrica do estado do Mississippi, não sindicalizada, existem relatos de funcionários que, entre tantas outras denúncias como jornada excessiva e baixa remuneração, precisam trabalhar de fralda geriátrica, para não interromper a produção.

UM DESAFIO CONSTANTE

Independentemente da opinião dos juristas que defendem ou não a estrutura sindical vigente no Brasil, o fato é que o mercado de trabalho está em constante modificação e o movimento sindical precisa acompanhar essas mudanças para permanecer forte e representativo, visando sempre avançar com os direitos da classe trabalhadora.

Neste processo, a UGT, com seu sindicalismo ético, inovador e democrático, é pioneira ao abrir um diálogo entre os departamentos jurídicos que representam a classe trabalhadora e os que trabalham para entidades patronais, para que, cada um, com sua opinião, possa construir um relacionamento sólido, saudável e que beneficie ambos os lados, pois só assim o Brasil seguirá o caminho do desenvolvimento com justiça social, melhor distribuição de renda e crescimento econômico.

A formação é a base de um SINDICALISMO FORTE E REPRESENTATIVO

Para a classe trabalhadora exigir mais é preciso ter conhecimento para criticar, além de participar e fortalecer a organização sindical de sua categoria

Muitos anos se passaram desde o surgimento das primeiras estruturas sindicais no mundo.

Apesar disso, uma parcela dos problemas continua a mesma. Mais do que os problemas, muitas vezes as estruturas e as estratégias também são as mesmas do período pós-Revolução Industrial.

Ao mesmo tempo, novas demandas surgiram ao longo dos séculos. Sejam decorrentes da evolução dos meios de produção, da dinâmica de mercado e do próprio capitalismo, a verdade é que não apenas algumas demandas se transformaram, mas as formas de enfrentá-las já não são mais as mesmas. Além disso, o trabalhador quer mais, exige mais, precisa de mais e a função do sindicato é, essencialmente, defender e garantir isso.

O Sistema Nacional de Formação da União Geral dos Trabalhadores

(UGT) é fruto do amadurecimento da Central e da constante preocupação da entidade com a formação dos seus quadros. Mais do que isso, é fruto da necessidade de adequação do movimento sindical a um mundo “diferente” e da urgência em construir estruturas cada vez mais fortes e representativas. É, em última análise, consequência de se construir um sindicalismo ético, cidadão e inovador.

A base desse grande sistema é compartilhamento democrático das atribuições e a construção coletiva das ações e programas. Assim, sob a coordenação da UGT Nacional e da Secretaria de Formação, todas as estruturas da UGT (nacional, estaduais e entidades filiadas) constituirão uma rede que trabalhará em conjunto e focada na superação das necessidades formativas que já foram e ainda serão identificadas.

Como parte desse processo de apresentação/construção do projeto e de mapeamento das demandas, a UGT iniciou uma série de encontros regionais. A ideia é apresentar a pro-



Gustavo de Pádua Walfrido Filho é Secretário Nacional de Juventude da União Geral dos Trabalhadores (UGT)

posta do sistema e ajustá-lo de acordo com as experiências e opiniões de cada UGT Estadual ao mesmo tempo em que se identificam demandas formativas que poderão ser posteriormente atendidas pela rede que o sistema propõe construir.

O primeiro encontro aconteceu em Pernambuco, nos dias 5 e 6 de setembro. Em Recife, capital do Estado, presidentes e secretários de formação de seis estados da região Nordeste conheceram o projeto e puderam participar do seu aperfeiçoamento. Além disso, foi possível coletar informações importantes e mapear oportunidades de ação e inúmeras demandas formativas.

A Secretaria de Formação, juntamente com o IPROS (Instituto de Promoção Social), realizará outros encontros até o final do ano. A expectativa é de que, até lá, todas as cinco regiões sejam visitadas e de que todas as UGTs estaduais sejam ouvidas.



No primeiro encontro em Recife, presidentes e secretários de formação de seis estados da região Nordeste conheceram o projeto e puderam participar do seu aperfeiçoamento



RESULTADO DAS URNAS MOSTRA QUE O SINDICATO DOS PADEIROS DE SÃO PAULO ESTÁ NO CAMINHO CERTO NA LUTA POR MELHOR QUALIDADE DE VIDA E DIGNIDADE DOS TRABALHADORES



Ao lado de amigos e companheiros de muitas batalhas em prol da melhoria da qualidade de vida e de trabalho dos Padeiros e Padeiras da cidade de São Paulo, Chiquinho Pereira comemora a expressiva vitória

Chiquinho Pereira: 97% DE APROVAÇÃO

Os trabalhadores deram um exemplo de cidadania, responsabilidade e conscientização política nessas eleições da nova diretoria do Sindicato dos Padeiros de São Paulo. No período de 23 a 27 setembro, 15.779 companheiros foram às urnas para votar na Chapa 1 do Sindicato, encabeçada pelo atual presidente, Chiquinho Pereira. O resultado das urnas referendou a aprovação da atual gestão e 97% (noventa e sete por cento) dos votos válidos foram para

dar continuidade ao trabalho que a Diretoria vem desenvolvendo nos últimos tempos. "Imagino o quão terrível seria para os trabalhadores de São Paulo caso o Chiquinho não fosse reeleito. A prova do reconhecimento do trabalho do Sindicato está aí nas urnas", diz Fábio Bezerra, presidente da UGT do MS e do Sindicato dos Padeiros do MS.

Centenas de trabalhadores da categoria e expressivas lideranças sindicais acompanharam a apuração dos votos: o presidente da UGT e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, Ricardo Patah, o secretário do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de SP, Tadeu Moraes, o deputado estadual e presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de SP, Antonio de Sousa Ramalho, e o presidente da UGT de Santa Catarina e do Sindicato dos Comerciantes de Joinville, Waldemar Schuls (Mazinho), entre outros.

O governador Geraldo Alckmin, impossibilitado de comparecer para abraçar o amigo Chiquinho, enviou um representante, mas não sem antes ligar para o nosso presidente prometendo que na posse estará lá.

Tadeu Moraes falou sobre a Chapa 1, única do Sindicato. "O fato de ter uma chapa única nessa eleição só mostra a competência do Chiquinho à frente do Sindicato e que,

definitivamente, não há espaço para a oposição."

"Essa reeleição do Chiquinho acontece num momento importante, em que a democracia cada vez mais se estabelece no meio sindical. O resultado mostra a valorização de um sindicato que sinaliza caminhos de luta, que mostra caminhos para um mundo melhor", diz Patah. Para Ramalho, é resultado do trabalho que a diretoria deste Sindicato vem fazendo há muitos anos sob a liderança do Chiquinho. "Isso mostra o excelente trabalho de base e unidade da categoria."

Bastante emocionado, Chiquinho agradeceu a todos que participaram das eleições e falou da satisfação de ver reconhecido o trabalho que o Sindicato vem desenvolvendo. "Todos nós sabemos da dificuldade que é organizar uma categoria como a dos padeiros. Então, alcançar 97% dos votos dos trabalhadores é uma honra para o nosso Sindicato. Essa vitória não é minha, mas do nosso trabalho e de toda a categoria. O meu convite nesse momento é para que todos nós possamos caminhar juntos, com uma diretoria renovada que tem como compromisso principal o trabalhador. Todos os brasileiros precisam encontrar um novo rumo. Precisamos todos desenhar um novo rumo para os trabalhadores."

NOVOS CAMINHOS PARA FORTALECER A LUTA DOS MOTORISTAS E COBRADORES DA CIDADE DE SÃO PAULO

Valdevan Noventa é o novo presidente, eleito com 57% dos votos



O Sindicato dos Motoristas e Cobradores da cidade de São Paulo, um dos mais importantes sindicatos do País, representando perto de 40 mil trabalhadores na base, realizou eleições para a renovação de sua diretoria e acabou sendo protagonista de um processo histórico para o sindicalismo brasileiro, pois foi a primeira eleição sindical do Brasil a utilizar urna eletrônica, além de ter sido acompanhada pelo Ministério Público (MP).

A participação do MP no processo eleitoral foi apoiada pelas duas chapas, uma vez que a disputa estava acirrada e houve registro de incidentes, onde motoristas e cobradores ficaram feridos, sem gravidade, durante tiroteio que ocorreu na porta do Sindicato, o que levou preocupação aos sindicalistas envolvidos na disputa.

A União Geral dos Trabalhadores (UGT) deu amplo apoio à Chapa 2, vencedora da eleição, por perceber que era a única que atendia aos anseios dos trabalhadores, que queriam mudanças.

Vinte e dois mil eleitores participaram da eleição, sendo que 11.615 dos votos foram para a Chapa 2, um número recorde na história. Nessa entrevista à Revista da UGT, Valdevan Noventa, presidente eleito com 57% dos votos, fala dos novos rumos para os motoristas e cobradores de São Paulo.

Revista da UGT: Como será essa nova etapa para os motoristas e cobradores de São Paulo?

Valdevan Noventa: Essa nova etapa se dá pela vontade do trabalhador, que vai às urnas com esperança de mudanças, e a gente pregou muito isso. A nossa chapa é a chapa da mudança, a chapa da renovação, de dias melhores para a categoria. O trabalhador acreditou nas nossas propostas e nós sabemos que temos capacidade e condições para fazer o melhor. A administração passada vinha deixando a desejar ao longo dos anos e o trabalhador não aguentava mais, queria mudança e a mudança se deu na urna. A gente sabia que, num pleito eleitoral limpo e transparente, com a participação do Ministério Público e com a inovação do voto eletrônico, sairíamos vitoriosos.

Essa eleição teve várias etapas, confusões, momentos difíceis. Fomos humilhados, mas tenho certeza de que os humilhados serão exaltados e, acreditando nisso, nós fomos buscar a vitória para os trabalhadores.

UGT: Quais as mudanças que você pretende impor na sua gestão?

Valdevan: Primeiro, fazer com que, além do poder público, os empresários também valorizem o trabalhador. Trabalhador de transporte coletivo é humilhado, vive estressado por uma série de fatores: salários baixos, convênio que não atende, cesta básica sem qualidade. Além disso, tem a questão dos corredores de ônibus que não existem e os que existem estão superlotados.

Precisamos mostrar para ele que os motoristas e cobradores de transporte coletivo precisam de um olhar carinhoso e humanizado. Vamos resgatar a dignidade dessa categoria, buscar um salário digno,

melhoria na qualidade de vida e nas condições laborais.

UGT: Como você acha que vai encontrar o Sindicato?

Valdevan: Eu faço parte da direção atual em três mandatos consecutivos e a casa tem uma coisa ou outra para ser arrumada. E acredito que não vai haver problema algum. Claro que a unidade da direção do sindicato é muito importante, até para ajudar o presidente a fazer um grande mandato para categoria. A partir desse momento, temos que trabalhar pensando na reeleição, representar o trabalhador com prazer, com representatividade. Dessa forma a casa vai ficar em ordem com certeza.

UGT: O discurso da Chapa 2 era a defesa dos interesses dos trabalhadores. Como isso será feito?

Valdevan: Pela luta da garantia dos direitos dos trabalhadores, que vêm, ao longo dos anos, sendo lesados. Os direitos não estão sendo respeitados nem pelo poder público nem pelo setor patronal. A garantia dos direitos dos trabalhadores é questão de honra.

UGT: Você identificaria alguns setores pontuais que têm mais problemas ou os problemas afetam a categoria como um todo?

Valdevan: Acredito que tenha alguns setores. Algumas empresas que estão dentro de consórcios, como o Novo Horizonte, onde uma empresa possui mais de 600 trabalhadores sem registro. Outra empresa, que inclusive está parada, não paga direitos como FGTS e está com pagamento e vale-refeição atrasados. Nas empresas onde isso acontece, temos que chamar o poder público para ajudar e dar uma solução.

UGT: Além dessas empresas, você também citou problemas como pagamentos atrasados, plano de saúde e cesta básica. Essas questões também vão ser levadas ao Ministério Público?

Valdevan: Sim! Vamos buscar os direitos dos trabalhadores custe o que custar. O Ministério Público e o Poder Executivo precisam reconhecer o direito do trabalhador e nos ajudar a resolver. Queremos uma solução imediata para os problemas pontuais que existem hoje no sistema de transporte de São Paulo.

UGT: A população de São Paulo também pode contar com o Sindicato para ter um transporte de melhor qualidade?

Valdevan: A nossa luta é para isso. Claro que nós representamos os trabalhadores, mas, no que pudermos ajudar na mobilidade da população, faremos com certeza. Um transporte de qualidade beneficia também nossos trabalhadores, então vamos exigir do setor patronal e do poder público o melhor para a população e o melhor para o trabalhador.

UGT: Ou seja, não basta só aumentar a passagem, tem que dar transporte de qualidade para a população e transporte de qualidade para o trabalhador?

Valdevan: Sem dúvida nenhuma. Um dos pontos é a quantidade de ônibus nas linhas, porque o empresário visa ao ônibus lotado. Mas o que melhora para a população é ônibus rápido e confortável. O voto do trabalhador na Chapa 2 foi um voto de esperança e nós vamos representar esse trabalhador com garras e dentes. Vamos visitar as bases, conversar com os trabalhadores, buscando soluções aos seus problemas. Não tenha dúvida de que o trabalhador vai se orgulhar do nosso mandato.



Na cidade considerada a mais poluída do mundo por metais pesados, a população sofre as consequências da contaminação do chumbo e cádmio

Localizada no Recôncavo Baiano, a cidade de Santo Amaro da Purificação fica distante cerca de 100 Km de Salvador. Conhecida por suas construções históricas, a região tem como principal patrimônio sua riqueza cultural, que junta suas raízes afro para fortalecer a cultura nordestina.

A região que abrigou a primeira instituição de ensino superior do Brasil, a Universidade Estadual de Feira de Santana – campus avançado de Santo Amaro, datada em 14 de junho de 1822, também escreveu seu nome na história da Música Popular Brasileira, pois a cidade é a terra de Dona Canô (Claudionor Viana Teles Velloso), moradora mais ilustre da cidade e mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia.

Apesar de toda essa importância cultural e histórica, a cidade baiana também é conhecida, mundialmente, por ter sofrido um dos maiores casos de violação de direitos humanos da história e um verdadeiro atentado aos direitos trabalhistas brasileiros, ocasionando a contaminação de boa parte da população local por chumbo e cádmio.

Entre os anos de 1960 e 1993, a região sofreu intensa atividade de extração de chumbo por conta da instalação da Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC) pela Multinacional Francesa Peñarroya Oxide AS, que passou a se chamar Plumbum Mineração e Metalurgia, até ser vendida, em 1998, ao grupo Trevo.

UM CRIME AMBIENTAL COMPARÁVEL AO USO DE ARMAS QUÍMICAS NUMA GUERRA



“Quando essa fábrica veio, ela já tinha a intenção de prejudicar a população, porque nos anos 1960 já era proibida fábrica de chumbo na França”, explica Ailton Pereira Moura, ex-funcionário da Plumbum e presidente da Associação das Vítimas da Contaminação por Chumbo, Cádmiio, Mercúrio e outros elementos químicos (AVICCA), durante entrevista para alunos de Direito da Faculdade IBES, intitulada: “Documentário – Santo Amaro”, publicada na internet em 15 de maio de 2013.

Segundo relato de ex-funcionários e moradores da região, assim que a então COBRAC iniciou suas atividades, os animais das fazendas, que ficavam no entorno da mineradora, começaram a morrer, o que já repre-

sentava indícios de contaminação. Contudo, a alternativa encontrada, na época, para resolver o problema da mortandade de animais foi a compra dos terrenos pela própria empresa.

Esses terrenos viraram verdadeiros depósitos a céu aberto das sobras da produção de lingotes de chumbo, que têm o nome de escória. Esse passivo encontrado na região, cerca de 490 mil toneladas, é um resíduo contaminado com metais pesados e que, passados 20 anos do encerramento das atividades da Plumbum, segue contaminando o Rio Subaé, o solo

local, o ar, a população e, atualmente, já matou quase 1000 pessoas de um total de 3500 que trabalharam na fábrica durante suas atividades.

“Meus dentes apodreceram todos e caíram! Meu marido foi trabalhador e teve vários problemas, mas ele era sadio quando foi contratado e, assim que saiu, já estava tão doente que não conseguia nem se alimentar. Durante dois anos, tudo o que ele comia tinha que ser batido no liquidificador e dado com uma seringa”, relata dona Maria de Lurdes Nascimento Silva.

Segundo relatos do projeto “Banco de Dados Recursos Minerais e Sociedade: Impactos Territoriais, Sociais, Ambientais e Econômicos”, desenvolvido pelo CETEM/MCTI (Centro de Tecnologia Mineral/Ministério da Ciência, Tecnologia e

Inovação), a descoberta de minério de chumbo na região aconteceu por acaso, quando um padre chamado Macário procurava um local para instalar uma paróquia, em Macaúbas, localizada na Chapada Diamantina. Durante suas andanças,

próximo ao povoado de Boquira, ele recolheu uma amostra de minério que corria a céu aberto, enviou para análise no Rio de Janeiro e comprovou que se tratava de minério de chumbo.

A partir daí, o religioso largou a

O caso da dona Maria de Lurdes não foi o único. Ao caminhar pela cidade, é fácil se deparar com moradores que sofrem os efeitos da contaminação desses metais no organismo. Josias de Jesus Melo, o Bejoka, apresenta quadro de hipertensão, insônia e problema no rim direito comprovado que foi por contaminação de chumbo, entre outros.

Ao lado, funcionário da prefeitura mostra a escória de chumbo que foi doada pela empresa para a pavimentação de ruas, construção de escolas, reformas residenciais, entre outros fins que contribuíram para aumentar a contaminação da região. Abaixo, o deputado Federal e vice-presidente da UGT, Roberto de Lucena, vistoria as antigas instalações da fábrica

Como ex-funcionário da fábrica, onde trabalhou por 10 anos na empresa ainda como COBRAC, Bejoka denuncia a falta de respeito para com os profissionais, que nem sempre usavam EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), além de ressaltar a prática da chamada “engorda”, em que os trabalhadores eram submetidos a uma espécie de cárcere nas dependências da empresa até que fosse eliminado qualquer vestígio de chumbo.

Bejoka denuncia também a prática de manipulação de exames médicos, pois a empresa realizava periodicamente, em parceria com um hospital, diversos exames em seus funcionários para avaliar suas condições, con-

tudo os resultados eram manipulados. “Realmente havia a realização de exames, mas todos forjados e escondidos, pois ninguém tinha o direito de ver esses resultados.”

Fato confirmado pelo presidente da AVICCA. “Lá dentro tinha o departamento médico ocupacional que fazia a dosagem de chumbo por meio de exames de sangue e urina. Os resultados eram escondidos dos trabalhadores e, em nenhum momento, quem se desligava da fábrica fazia exame demissional”, explica Adailton.

Rodrigo Veloso, secretário de Cultura e Turismo do município e filho de dona Canô Veloso, salientou que a luta por justiça para os moradores de Santo Amaro da Purificação fez parte diária na vida de sua mãe, já falecida. “Esperamos que dessa vez a cidade consiga o que vem sonhando há tantos anos (justiça).”

ACÇÃO PREMEDITADA

“Há cerca de 10 mil pessoas contaminadas aqui em Santo Amaro sofrendo com o câncer e outras doenças. As crianças já estão nascendo com anemia, falta de memória, impacientes e dificuldade de aprendizado”, explica o dr. Marcos Mendonça, advogado da AVICCA.

Segundo estudos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na área onde a metalúrgica foi instalada predominam ventos de baixa velocidade e constantes inversões térmicas, o que facilita a propagação de poeira contaminada, principalmente em áreas urbanas.

Mesmo à revelia da falha, mas existente Legislação Federal vigente da época, a indústria se instalou na região e ignorou toda e qualquer técnica de prevenção à contaminação, seja como efluentes líquidos ou gasosos. Tanto que, na cidade além do Rio Subaé, que deságua na Bahia de Todos os Santos, em Salvador, as partículas emitidas pela chaminé da fábrica poluíram a atmosfera local.



batina, fez contato com a fábrica de baterias Prestolite, de São Paulo, que se interessou pela compra do produto que continha 9% de chumbo, 3% de zinco e 32 gramas de prata por tonelada.

O resultado dessa exploração era

enviado de caminhão para o município de Santo Amaro da Purificação, a 500km da mina, onde era realizado o processo de ustulação (a queima do sulfato) e fusão. O produto virava chumbo com praticamente 100% de pureza.



Em encontro com a população santamarense, Roberto de Lucena prometeu empenho para que os culpados pela contaminação sejam punidos, para que a região seja, finalmente, descontaminada e que as pessoas tenham seus direitos ampliados para melhorar sua qualidade de vida

de eram produzidas as ligas de chumbo, também chamadas de lingotes. Essa atividade durou de 1950 até 1992, quando houve exaustão da mina, o que fez a já empresa Plumbum importar o minério do Peru.

Com o fim das atividades de mineração, a mineradora abandonou 3,5 milhões de toneladas de escória, deixando para trás um rastro de destruição, morte e praticamente toda a população da cidade contaminada por metais pesados.

A LUTA POR JUSTIÇA

Em julho passado, a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara aprovou a criação de um Grupo de Trabalho (GT) para averiguar, diagnosticar e propor soluções para a contaminação por chumbo no município de Santo Amaro da Purificação.

Roberto de Lucena, deputado federal e vice-presidente da UGT (União Geral dos Trabalhadores), está presidindo este grupo, que já está se reunindo e desenvolvendo trabalho, buscando punir os responsáveis pelo crime que foi cometido contra a população santamarense e, por que não dizer, contra a nação brasileira, uma vez que os danos ambientais causados na região são de proporções incalculáveis. “Não descansaremos enquanto não conseguirmos responsabilizar os verdadeiros causadores dessa tragédia”, explica o parlamentar.

“Enquanto dormíamos, a empresa desligava os filtros e lançava, pela chaminé, todo aquele veneno. Pela manhã, quando acordávamos, a cidade estava toda preta de pó”, relata Adailton Pereira.

Como se não bastassem todas as negligências praticadas pela empresa, para fechar com “chave de ouro” seu processo de destruição e contaminação, a fábrica doou para a prefeitura a escória de sua produção para a pavimentação da cidade e para a construção de muros. Esse lixo tóxico foi usado em asfaltos, reformas residenciais, de creches, fazendas e escolas. Hoje estima-se que aproximadamente 500 toneladas desse subproduto estejam enterradas nas proximidades da empresa, encobertas por cultivos de bananeiras e mandiocas, entre outras atividades agrícolas que servem de alimento para a população e os animais da região.

Ailton Pereira Moura, presidente da AVICCA, relata como a empresa premeditou a contaminação da região e não cumpriu nenhuma medida preventiva para evitar danos à população e ao meio ambiente local



BOQUIRA: APESAR DA DISTÂNCIA, OS PROBLEMAS SÃO PARECIDOS

Distante 500 km de Santo Amaro da Purificação, o município de Boquira, segundo os índices do IBGE, tem uma população de 22 mil habitantes e também foi degradado pelos anos que sofreu com as atividades de extração de chumbo na região, praticadas pela mesma Multinacional Peñarroya Oxide AS.

A metalúrgica extraía das minas de Boquira o metal, beneficiava e encaminhava para Santo Amaro, on-



Proposta de instalação de um Centro de Excelência na Assistência das Pessoas Vítimas da Contaminação por Chumbo e Metais Pesados será levada e discutida em Brasília

O dirigente ugetista esteve no mês de setembro na cidade baiana, ouviu os moradores e se inteirou sobre a realidade vivida pelas pessoas que sofrem as consequências dos atos praticados pela mineradora, que mudou a natureza de suas operações para uma empresa que trabalha com reciclagem e, por ironia do destino, um dos produtos

oferecidos pela nova razão social é a despoluição de regiões contaminadas por chumbo e metais pesados.

Lucena se comprometeu a levar para

Brasília as propostas que foram apresentadas durante sua visita, principalmente no que diz respeito à instalação, na cidade, de um Centro de Excelência na Assistência das Pessoas Vítimas da Contaminação por Chumbo e Metais Pesados. “É preciso promover ações junto ao Governo Federal e, principalmente, no Ministério da Saúde”, conclui o parlamentar, que solicitou à Comissão de Direitos Humanos e Minoria da Câmara dos Deputados a ampliação dos trabalhos do GT para todo o Brasil. Hoje esses trabalhos estão focados nos danos que já foram causados no estado da Bahia, mas o líder ugetista pretende intensificar as ações de fiscalização como forma preventiva, principalmente nas regiões em que já acontecem atividades de mineração e metalurgia de chumbo e outros metais pesados.

ONDE ESTÃO OS CULPADOS PELA CONTAMINAÇÃO OCORRIDA NO RECÔNCAVO BAIANO



Bióloga defende que contaminação ocorrida em Santo Amaro da Purificação e em Boquira não foi acidente, mas sim um crime premeditado

“Quando uma empresa que trabalha com esse tipo de metal se instala numa região, ela sabe o que está fazendo, então eles sabiam que se tratava de metal contaminante. Por mais que apontem falhas nas leis ambientais da época, quem trabalha com esse produto sabe o que está fazendo”, defende a bióloga Nólita Cortizo ao falar do caso Plumbum Mineradora e Metalurgia, que contaminou por chumbo e cádmio os municípios de Santo Amaro da Purificação e Boquira, no Estado da Bahia.

Segundo a bióloga, era em Boquira que se encontrava a mina de onde era extraído o chumbo que tinha como destino Santo Amaro. Essas minas continuam abertas e a população local permanece exposta a essa contaminação. A especialista afirma que desconhece qualquer projeto governamental específico para aquela região.

Tanto em Santo Amaro quanto em Boquira, a contaminação existe e a população vem, há décadas, sofrendo os efeitos dos atos praticados pela empresa que, por mais de 50 anos, explorou a região, contaminou solo, água e o ar, contudo até hoje ninguém

foi responsabilizado. “Em relação aos santamarense, a contaminação continuará enquanto não houver a intermediação e a retirada de todo aquele solo contaminado, pois, na cidade, cerca de 80% do solo está comprometido”, comenta Nólita.

“Mas existe luz no fim do túnel, pois já foi feito um projeto pelo governo, em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade Salvador (UNIFACS), que prevê a retirada da escória da produção e de todo o solo contaminado”, diz a bióloga.

Essa escória, que a empresa abandonou na região a céu aberto ou doou para a prefeitura pavimentar as ruas da cidade, é o resto da produção das linguetas de chumbo e, apesar do alto valor de mercado, o material continua depositado nos terrenos em volta da fábrica, sem nenhum tipo de tratamento ou prevenção. Isso faz com que o material continue contaminando todo o ecossistema local.

“Esse foi um crime ambiental e contra a humanidade, pois foi uma irresponsabilidade tremenda já que na época havia uma lei que era falha, mas existente. Contudo, a empresa ignorou toda e qualquer legislação vigente e descumpriu todas as ações que fossem para prevenir o local de possíveis riscos de contaminação”, conclui Nólita.

SALVADOR SEDIA ENCONTRO DAS UGT'S ESTADUAIS

Na Bahia, UGT promove encontro com estaduais e discute ampliação das ações da Central nas Regiões Norte e Nordeste



O crescimento ugetista focado na unidade para o avanço das ações que busquem a construção de uma sociedade mais justa e democrática foi tema central do 2º Encontro das UGT's Estaduais Norte e Nordeste, que aconteceu na cidade de Salvador, Bahia, nos dias 24 e 25 de outubro. Intitulado "O crescimento e a integração das UGT'S das Regiões Norte e Nordeste," o encontro reuniu presidentes da Central em todos os Estados que compõem as Regiões.

Durante a abertura do evento, Magno Lavigne, presidente da UGT Bahia, salientou que o Encontro das UGT'S foi fundamental para mostrar como a UGT está sintonizada e unida para fortalecer a construção de um sindicalismo inovador, ético e democrático.

O evento, além de contar com a presença de lideranças ugetistas de todos os Estados da Federação, teve também a participação do vice-governador da Bahia, Otto Alencar, que enfatizou a importância da realização do encontro para o fortaleci-

mento da organização trabalhista na Região Norte e Nordeste. "Acho que esta reunião simboliza a interação entre os estados, mostrando a experiência em cada região para o crescimento da UGT e para a defesa das bandeiras que os trabalhadores defendem", explica Otto.

Ricardo Patah, presidente nacional da UGT, ministrou a palestra "A importância da Integração das UGT's Estaduais". Durante a apresentação, o líder lembrou que a UGT é uma entidade plural e isso é uma característica que dá uma capacida-

de de interação no mundo político, o que fortalece as ações da Central e valoriza os projetos ugetistas, principalmente aqueles que tratam de inclusão social.

Segundo Patah, o Encontro mostrou o comprometimento que a Central tem para com a classe trabalhadora, por isso que a UGT é a entidade que mais vem crescendo em tão pouco tempo de fundação. "Com o encontro, foi possível criar caminhos e sinalizar oportunidades que sejam favoráveis à classe trabalhadora nas Regiões Norte e Nordeste", diz.

Entre as palestras que foram apresentadas durante o Encontro, temas como "CONALIS - eleições sindicais e contribuição assistencial" e "O crime que foi cometido em Santo Amaro da Purificação" estiveram em debate.

Francisco Gérson Marques Lima, procurador do Ministério Público do Trabalho e Coordenador Geral da CONALIS/MPT, explicou a atuação do MPT na luta diária para coibir a fundação de falsas entidades sindicais que, sem comprometimento com a classe trabalhadora, servem apenas para desestabilizar e enfraquecer a organização trabalhista. "Existem pedidos de carta sindical para entidades de trabalhadoras da indústria de roupas íntimas brancas, com bolinhas coloridas, isso é um absurdo", diz o procurador, que conclui: "Quando o Ministério Público age contra esses sindicatos, essa passa a ser uma luta em prol do movimento sindical".

UGT INCLUI A REGIÃO CENTRO OESTE ÀS REGIÕES NORTE E NORDESTE

Por solicitação da secretária para a Região Centro Oeste da UGT, Jacira Carvalho da Silva Torres, a plenária ugetista reunida no Encontro acatou a proposta de inclusão da Região Centro Oeste às Regiões Norte e Nordeste.

Segundo Jacira, esta é uma ação

que visa fortalecer a atuação da UGT na Região Centro Oeste, que, por conta da divisão que existia, ficava isolada em relação às outras regiões do País. "Nossos companheiros do Centro Oeste estavam num grupo muito pequeno e essa medida vem a somar, pois temos que aglutinar para melhorar", explica a dirigente.

UMA LUTA SEM FRONTEIRAS

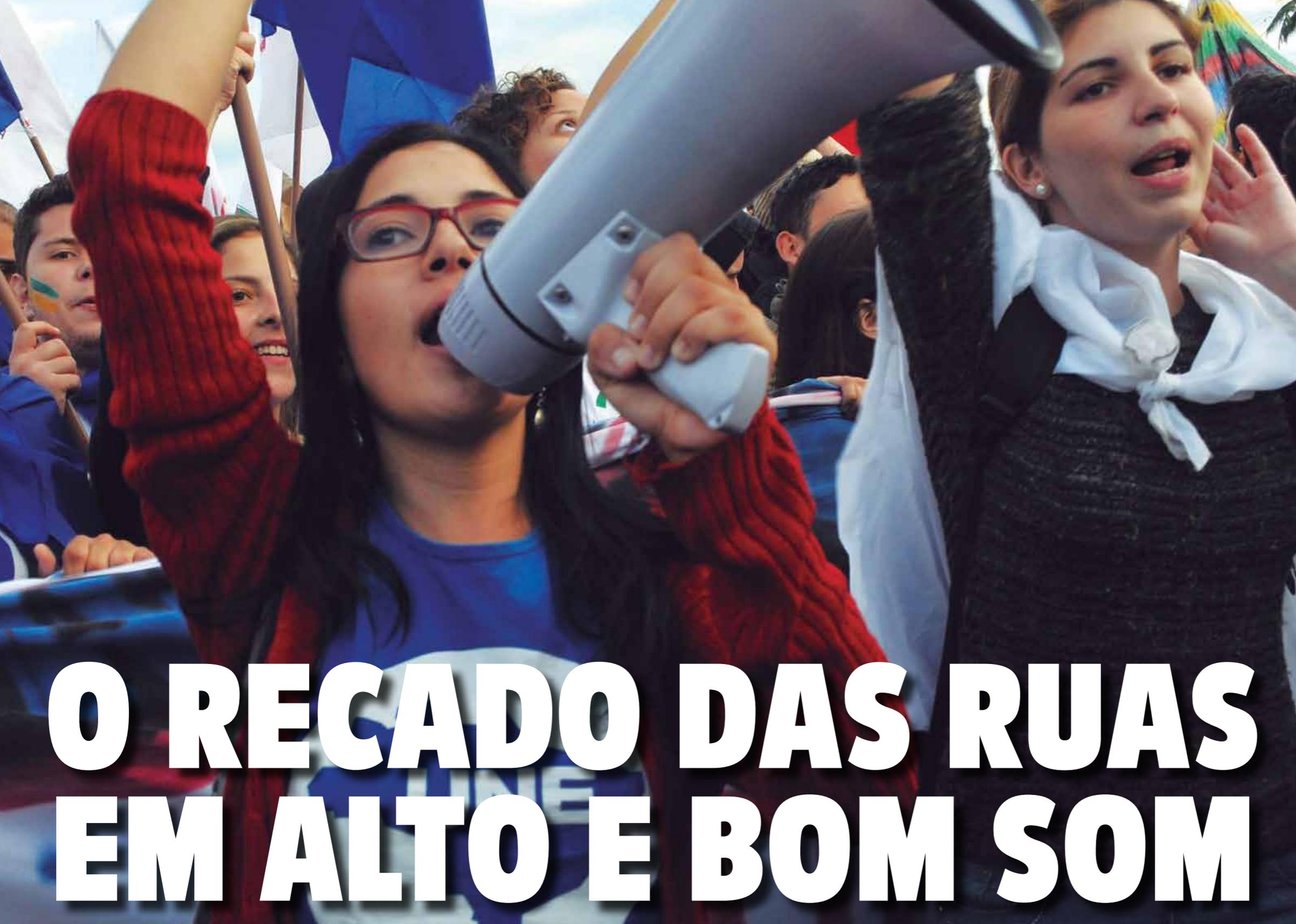
Os dirigentes ugetistas que participaram do 2º Encontro das UGT'S Estaduais Norte e Nordeste promoveram um grande ato em solidariedade aos trabalhadores e trabalhadoras norte-americanos da fábrica da Nissan, no estado do Mississippi.

A manifestação aconteceu em frente à loja Eurovia Nissan, em Salvador, e teve como objetivo lutar contra a prática antissindical que a

fábrica promove no estado americano. Sem a presença de entidades sindicais, os trabalhadores e trabalhadoras sofrem com o desrespeito que a empresa promove, pois cerca de 40% dos funcionários da fábrica são temporários e recebem menos de 50% do que ganha um profissional efetivado, além de serem comuns os relatos de profissionais que precisam exercer suas funções usando fralda geriátrica, que é para não interromper a produção.

"Com este mundo globalizado, precisamos nos sensibilizar, pois onde tem problemas e podemos ajudar, nós temos que estar lá. Quem garante que esta situação que está acontecendo nos Estados Unidos não acontecerá aqui?", diz Ricardo Patah, presidente nacional da UGT.





O RECADO DAS RUAS EM ALTO E BOM SOM

Quais os desafios que o movimento sindical precisa enfrentar para fortalecer a organização da classe trabalhadora e avançar com a luta por melhoria na qualidade laboral e de vida da população

“Nós, do movimento sindical, temos que perceber que nesse novo século é preciso reaprender a mobilizar, pois aquela forma

de mobilização antiga está sendo substituída pela internet. As redes sociais são voltadas para o mundo digital”, enfatiza Fabian Schettini, do Sindicato dos Comerciantes de Contagem e secretário de Divulgação e Comunicação da UGT Estadual de Minas Gerais.

A declaração feita pelo dirigente ugetista enfatiza o principal recado dado pelas manifestações de rua que começaram no Brasil a partir do início da Copa das Confederações, evento teste para a realização da Copa do Mundo de 2014 que, segundo reportagem do jornal “O Estado de São Paulo”, de 22 de junho, levou para os atos mais de 1 milhão de pessoas em todo o País e abriu os debates políticos.

Em São Paulo, as manifestações convocadas, inicialmente, pelo Movimento Passe Livre (MPL), movimento social que luta para que o transporte público seja gratuito e de qualidade, tiveram como sua principal bandeira a revogação do reajuste no preço das passagens de ônibus, metrô e trens da capital.

Por conta da internet e das redes sociais, rapidamente, em diversas capitais do País, centenas de outras manifestações começaram a acontecer sendo impulsionadas pela realização da Copa das Confederações, evento que reuniu jornalistas do mundo todo nas cidades sede. O grito da população brasileira ecoou para todos os cantos do planeta.

Logo outras bandeiras de luta apareceram e a indignação da população em relação à política pública ficou evidente diante dos cartazes de repúdio aos atos de corrupção, por moradia digna, hospitais de qualidade, melhor distribuição de renda, educação, entre outras pautas. “As pessoas estão cansadas com o que tem ocorrido no País e que dificulta o crescimento da nação e o acesso da população a determinados serviços ou conhecimentos”, diz Fernanda Maria Sampaio, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Indústria de Panificação de Belo Horizonte e Região.

Para Delson Oliveira, tesoureiro da Federação dos Metalúrgicos de Minas Gerais e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Bocaiúva-MG, “os movimentos de rua falaram de sua indignação e de como os partidos



políticos já não os representam. Este foi um movimento de revolta para mostrar que quem tem o poder de mando nesse País precisa rever a forma de se fazer política”.

UM MOVIMENTO SEM LIDERANÇA

“As campanhas eleitorais, hoje, são regadas a muitos recursos financeiros. Isso tem uma ilegitimidade e uma clara falta de representação do povo, pois, no período dos mandatos, com seu salário, esse político não irá recuperar o que foi investido”, explica Fábio Alex Salomão Bezerra, presidente da UGT Estadual Mato Grosso do Sul.

Muitos foram os motivos que levaram a população que participou das manifestações a promover ações sem qualquer tipo de bandeira partidária, de movimentos sindicais ou sociais, mas a liberdade de expressão e a horizontalidade gerada pelas redes sociais foi um dos principais fatores. Pois, na internet, existe a quebra de hierarquias, onde as pessoas podem escrever ou questionar sobre qualquer assunto, independentemente de cargo profissional ou status social. Este fato serve de alerta para essas entidades que, ao longo dos anos, ajudaram a escrever a história deste Brasil democrático que conhecemos.

“A negação de todas as instituições provoca uma reflexão sobre o que estamos fazendo de errado e que não conseguimos trazer o trabalhador para dentro das entidades”, comenta Leonardo Vitor Siqueira Cardoso Vale, presidente do Sindi-

cato dos Empregados de Empresas de Asseio, Conservação e Limpeza Urbana da região metropolitana de Belo Horizonte e secretário para Assuntos Jurídicos da UGT-Nacional.

O PAPEL SINDICAL

Historicamente, os sindicatos, federações, confederações e centrais sindicais são entidades que conseguem ter maior diálogo com a classe trabalhadora, até pela luta que desenvolvem em prol de melhorias laborais para suas categorias, contudo essas também foram bandeiras institucionais negadas durante as manifestações.

Isaú Chacon, presidente da UGT Distrito Federal, salientou que existe a necessidade do movimento sindical deixar de ser uma organização fechada somente para a relação trabalhista e ampliar seus esforços para o social. “Temos de sair do casulo de defender tão somente as ideias sindicais, ou seja, ampliar a luta pela coisa macro para trazer o cidadão para dentro das entidades.”

“O recado foi claro, o movimento sindical parou no tempo e envelheceu. Os jovens não querem participar ou se filiar a sindicatos, apesar de sua importância para a classe trabalhado-

ra. É preciso ficar atento e acompanhar essas mudanças”, conclui José Moacyr Pereira, secretário de Finanças da UGT e presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços de Asseio e Conservação e Limpeza Urbana de São Paulo (SIEMACO-SP).

SEM ESPAÇO NA IMPRENSA BRASILEIRA, PAUTA TRABALHISTA GANHA AS RUAS DURANTE MANIFESTAÇÕES

Segurança pública, saúde, educação, moradia, combate à corrupção, melhor distribuição de renda, mobilidade urbana são algumas das pautas de reivindicação que durante décadas vêm pautando a luta da classe trabalhadora e do movimento sindical brasileiro, contudo os temas só ganharam expressão nacional após as manifestações populares de junho deste ano.

“Existe uma grande má vontade por parte da grande imprensa, porque, tirando a reivindicação do Passe Livre, todas as bandeiras de luta que emergiram nas ruas já são contempladas pela pauta da classe trabalhadora e isso não é divulgado, pois a mídia não dá o devido valor à pauta trabalhista, pois é um conjunto de projetos apresentados por organizações sindicais e entidades de trabalhadores”, completa Isaú Chacon.

CAMPANHA SALARIAL DOS BANCÁRIOS 2013

Com a aceitação da contraproposta dos BANCOS, APRESENTADA PELA FENABAN – Federação Nacional dos Bancos, a madrugada do dia 11 de outubro passado, em São Paulo Capital, encerra-se a presente Campanha Salarial dos Bancários 2013, embora ainda permaneçam em greve fortíssima os companheiros do Banco da Amazônia S.A, por não haver ainda apresentado números em contraproposta justa, capaz de atender as reivindicações dos trabalhadores e trabalhadoras. Os bancários do Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A BANRISUL, igualmente ainda continuam em greve, até que seja definitivamente solucionada a questão alusiva ao seu Quadro de Carreira dos seus empregados. Já os empregados do Sistema BNDES (BNDES, BNDES Par e FINAME) possuem nos entendimentos com vista à solução de antiga reivindicação junto ao RH dos empregadores.

Avaliamos que as bases colocadas pelos empregadores chegaram em um nível razoável, embora o sistema financeiro continue com amplas condições de deferir reivindicações em níveis bastante superiores ao reajuste apresentado.

Entretanto, só foi possível conseguir tal resultado depois de 17 (dezessete) dias de greve forte, unitária e muito organizada.

Por outro lado, temos a registrar criticamente que o método de negociação da



Lourenço Ferreira do Prado é presidente da CONTREC (Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito) e Vice-Presidente da UGT Nacional

FENABAN – com reuniões se estendendo pela madrugada adentro – é um desrespeito para com os trabalhadores (as) que querem acompanhar os resultados e também com seus representantes sindicais. Esse modelo é exaustivo e denota que há escolha deliberada dos empregadores, pois acaba por fugir totalmente da normalidade das atividades de negociação coletiva e pressionam de forma desumana a representação dos trabalhadores. Entendemos que é um modelo que terá de ser descartado a partir de 2014.

Para o futuro, vamos nos contrapor, com firmeza e consistência, a esta perversa dinâmica de negociação. Cumprimentamos, por outro lado, e agradecemos todos os integrantes da categoria profissional, pela grande mobilização ordeira, desde o primeiro dia de greve, mantendo persistentemente a paralisação com

o elevado nível de conscientização política e organizacional.

Novamente, o governo federal continuou insensível às justas e antigas reivindicações dos bancários dos seus Bancos públicos quanto às Perdas Salariais ocorridas a partir de 1994/2002, quando aqueles trabalhadores apenas receberam ABONOS, com imensos prejuízos para todos, os quais deixaram de receber os devidos reajustamentos dos salários, que já foram recuperados pelos bancários dos Bancos privados. E, frisamos, estas Perdas Salariais refletiram negativamente nos Fundos de Pensões, Caixas de Saúde, FGTS dos empregados e impediram que houvesse arrecadação da Previdência Social e outros tributos em favor do próprio governo federal.

TELECOMUNICAÇÃO

A população merece um serviço de melhor qualidade

No Brasil, os serviços de telefonia são caros e, em muitos casos, não correspondem às expectativas dos consumidores



Exatos 15 anos depois do processo de privatização do sistema de telecomunicação brasileiro, que aconteceu em 1998 e tinha como objetivo a ampliação de investimentos na área, além de estimular a competitividade entre as empresas para baixar o valor dos serviços prestados, o consumidor vive uma realidade totalmente diferente daquele paraíso proposto pelas empresas que pagaram R\$ 22.058

bilhões para dividir a Telebrás e atuar em todos os Estados da Federação. “É inconcebível que o Brasil tenha vendido seu sistema de telecomunicação e não fiscalize adequadamente para saber se as empresas que o compraram estão cumprindo com suas responsabilidades de oferecer um serviço de qualidade e com preços justos”, explica Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT), que fechou uma parceria entre a Central Sindical e a

Proteste (Associação sem Fins Lucrativos para a Defesa dos Direitos do Consumidor) para ampliação e fortalecimento da luta por uma telefonia melhor para o País.

Maria Inês, coordenadora do Proteste, afirma que no Brasil essa situação dos altos custos cobrados pelas empresas de telecomunicação e a baixa qualidade dos serviços prestados acontece porque existem poucas empresas na área e isso, diretamente, influencia na falta de compe-

titividade. “Nós, brasileiros, pagamos uma das cargas tributárias mais altas do mundo. Isso influencia bastante, mas muitas dessas empresas que operam aqui são multinacionais que já praticaram abusividades contra consumidores em outros países e que vieram para cá com a própria conivência da Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), que tem a importante missão de equilibrar esse mercado.”

No PROCON (Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor), as telecomunicações são campeãs de reclamação. As queixas variam entre falta de qualidade da internet comercializada, dificuldades em fazer ou receber ligações, problemas com cobranças, serviços contratados e não prestados, entre outros. Para a coordenadora do Proteste, esta é uma parceria das mais importantes, pois não se conquistam avanços desenvolvendo ações individuais. “Quando nos unimos em grandes manifestações, conseguimos nos fortalecer para conquistar.”

“Não podemos aceitar que, durante anos, as reivindicações dos consumidores fiquem sem atendimento, que as dificuldades sejam recorrentes e que se vendam novos planos sem que os antigos problemas sejam resolvidos”, esclarece Maria Inês.

Outro problema apontado pela coordenadora do Proteste é que as operadoras de telefonia móvel e fixa no Brasil nem conseguiram resolver as dificuldades apontadas, ao longo dos anos pelos consumidores e já estão vendendo novos planos como a solução para os antigos problemas. “É inaceitável que sejam comercializados novos planos, se os pacotes mais antigos continuam com os mesmos problemas. Hoje, temos o 3G, que é falho em muitos Estados do País. Mesmo assim o 4G está sendo oferecido como uma alternativa melhor.”

Nesta luta por melhoria nas condições dos serviços prestados pelas

Telecomunicações no Brasil e para que a Anatel cumpra o seu papel de fiscalizar essas empresas, a Proteste, juntamente com a UGT, firmou parceria para a realização de ações em Defesa dos Consumidores.

Para a coordenadora do Proteste, esta é uma parceria das mais importantes, pois não se conquistam avanços desenvolvendo ações individuais. “Quando nos unimos em grandes manifestações, conseguimos nos fortalecer para conquistar.”

MANIFESTAÇÃO UNITÁRIA

“A Anatel é falha e estamos criticando o serviço ruim que ela vem prestando à sociedade, pois a Agência é campeã em ser conivente com as empresas de Telecomunicação”, explica Canindé Pegado, secretário Geral da UGT-Nacional, durante discurso no ato

realizado em frente à sede da Anatel, no dia 11 de setembro, em São Paulo.

A manifestação conjunta entre a UGT e a Proteste reuniu militantes do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, dos Comerciários de Franco da Rocha, Sindicato de Asseio e Conservação de São Paulo (SIEMACO), assim como sua Federação (Fenascon), o Sindicato dos Padeiros, o Sintratel (Telemarketing) e Sincab (Sindicato Nacional dos Trabalhadores em Sistema de Televisão por Assinatura e Serviços Especiais de Telecomunicações).

Na ocasião, foi entregue um documento com diversas reivindicações para Everaldo Gomes Ferreira, superintendente Regional da Anatel, que se comprometeu a encaminhar as solicitações para o presidente da Agência, João Batista de Rezende.

As reivindicações apresentadas pela UGT e pela Proteste são:

- Instituição de uma agenda ampla de diálogo com as entidades de Defesa do Consumidor, contemplando os aspectos elencados acima;
- Adoção de ações concretas para promover a revisão tarifária dos serviços relativos à telefonia fixa, bem como as tarifas de interconexão, nos termos do art. 38 da Lei 12.485/2011;
- Avançar com o Plano Geral de Metas de Competição, a fim de minimizar o Poder de Mercado Significativo das principais operadoras, viabilizando a competição e, consequentemente, forçar a redução de preços, tarifas e melhorar a qualidade dos serviços;
- Medidas para proibir e penalizar a venda indiscriminada de serviços sem que as operadoras tenham reais condições de atender a demanda;
- Ampliar o tratamento ao serviço de comunicação de dados, denominado pela agência de Serviço de Comunicação Multimídia (SCM), nos termos do que está expresso no art. 65 da Lei Geral de Telecomunicações (LGT);
- Garantir que os Regulamentos de Gestão de Qualidade tanto do serviço fixo quanto dos serviços móveis, inclusive a comunicação de dados (=banda larga), se apliquem aos planos com franquias, a fim de evitar desrespeito ao art. 3º da LGT.



Procura-se...

A CAMPANHA “EM BUSCA DO 3G PERDIDO” É UMA INICIATIVA DO PROTESTE, QUE VIAJOU POR DIVERSAS REGIÕES DO PAÍS E CONSTATOU QUE A COBERTURA 3G É VENDIDA EM TODO O BRASIL, AS COBRANÇAS SÃO FEITAS, MAS O SERVIÇO NÃO ESTÁ À ALTURA DOS BOLETOS QUE SÃO ENVIADOS PARA AS CASAS DOS CONSUMIDORES. O OBJETIVO DA CAMPANHA É CONSEGUIR REPARAÇÃO DOS DANOS CAUSADOS À POPULAÇÃO. PARA ISSO, OS CONSUMIDORES PRECISAM CONTAR SUA EXPERIÊNCIA 3G POR MEIO DO SITE:

www.embuscado3gperdido.com.br

UGT E UNIÃO EUROPEIA LANÇAM PROJETO COM FOCO NO TRABALHO DECENTE

Como parte de uma das ações de um grande Projeto de Cooperação Internacional com a União Europeia, a Secretaria de Relações Internacionais da União Geral dos Trabalhadores (UGT- Nacional), lançou o Projeto “Multiplicando o Trabalho Decente – Vida Decente”.

A sessão solene de lançamento foi na Câmara dos Deputados, em Brasília, no dia 08 de outubro, e contou com a presença de diversas autoridades políticas, sindicais e acadêmicas, tais como: José Lopes Feijóo, assessor especial da Secretaria Geral da Presidência da República; Manoel Messias Melo, secretário de relações do trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego; Stanley Gacek, diretor adjunto do escritório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) no Brasil; Ana Paula Zacarias, embaixadora chefe da Delegação da União Europeia no Brasil.

Também participaram do evento os dirigentes ugetistas Otton da Costa Mata Roma, secretário de Relações Internacionais; o deputado e vice-presidente, Roberto de Lucena; o vice-presidente Lourenço Prado; o presidente da UGT/DF, Isáú Joaquim Chacon; Laerte Teixeira, vice-presidente da UGT e secretário de Políticas da Confederación Sindical de Trabajadores/as de las Americas (CSA); o 1º secretário adjunto de Relações Internacionais, Wagner José de Souza; além dos alunos da primeira turma do curso de “Trabalho Decente e Cooperação Internacional”, realizado pela Secretaria de



Somente com a valorização da classe trabalhadora é possível construir um País mais justo e igualitário

Relações Internacionais da UGT.

Na abertura, o secretário da pasta, Otton da Costa Mata Roma, fez uma breve apresentação sobre o Projeto e listou algumas ações da UGT com relação ao trabalho decente. Depois disto, em seu discurso, falou sobre dois pontos centrais.

O primeiro foi sobre a globalização que, segundo ele, impõe desafios que só podem ser encarados se estivermos organizados em uma rede de solidariedade internacional, capaz de dar respostas aos problemas globais de emprego em massa, precarização do trabalho, desrespeito aos direitos individuais e coletivos da classe trabalhadora.

Já o segundo ponto abordado por Otton é o de que a UGT acredita que devemos ampliar nossa visão do tra-

balho e do trabalhador, pensando nele de forma mais completa, além das questões puramente trabalhistas. Existem diversos outros problemas que afetam o trabalhador que se encontram fora das preocupações clássicas das políticas trabalhistas, que afetam diretamente suas vidas e às de sua família. Reforçou que o sindicalismo deve agir nas questões da sociedade como um todo, não olhando o trabalhador apenas no “horário comercial” ou quando está de “paletó”. Transporte, moradia, creche, saúde da família são alguns dos elementos mais importantes que afetam a população como um todo, mas que esta visão, infelizmente, ainda não faz parte dos temas clássicos do sindicalismo.

O deputado e vice-presidente da

dem o diálogo social ao promover as campanhas nacional e regionais sobre o tema. Afirmou que o movimento sindical brasileiro tem demonstrado grande compromisso e o Projeto da UGT é prova disto, com a promoção do trabalho decente para a população brasileira.

Ana Paula Zacarias, embaixadora chefe da Delegação Europeia no Brasil, disse que é muito positiva a cooperação entre os países europeus com o Brasil e que todos têm a ganhar com este projeto. Uma vez que este rico intercâmbio proporcionará a troca de experiências entre realidades muito diferentes, porque, de um lado, tem a Europa que vive num estado de bem estar social e, de outro, tem o Brasil que está num processo forte e acelerado de abertura democrática. Acrescentou que, neste contexto, todos os países que fazem parte do processo se beneficiarão com esta oportunidade de aprenderem uns com os outros.

SOBRE O PROJETO

“Multiplicando o Trabalho Decente – Vida Decente” é um projeto de cooperação internacional e tem como participantes as entidades sindicais e as organizações da sociedade civil de seis países. São eles: Brasil, Áustria, Bulgária, Lituânia, Polônia e Romênia.

Este Projeto tem a missão de promover o maior entendimento do trabalho decente como um elemento importante na promoção do direito dos trabalhadores e como uma ferramenta fundamental para a luta cotidiana de cada entidade sindical.

Para isto, o Projeto está promovendo seminários e cursos de formação, além de atuar em campanhas de visibilidade sobre o tema e demais ações que permitam a capacitação necessária para que a UGT esteja à frente nas negociações coletivas, na formulação de políticas públicas e na promoção e ampliação dos direitos trabalhistas brasileiros.

No Brasil, a UGT é a única responsável pelo Projeto que foi elaborado por sua Secretaria de Relações Internacionais em parceria com o Instituto de Promoção Social (IPROS) e está sendo executado, inicialmente, com o apoio do Instituto de Altos Estudos da UGT (IAE) e a Secretaria de Organização e Políticas Sindicais da Central

SOBRE O CURSO

A primeira turma do curso de formação em “Trabalho Decente e Cooperação Internacional” já iniciou suas aulas. Entre os dias 8 e 10 de outubro, na sede da Confederação Nacional dos Trabalhadores das Empresas de Crédito (CONTEC), em Brasília, com o apoio da UGT/DF, o grupo participou dos módulos I e II, aprofundando seus conhecimentos sobre o Histórico do Trabalho e da Globalização.

Esta turma seguirá estudando e se capacitando pelos próximos meses. Ao todo, participarão de sete módulos e, entre um e outro, farão as “lições de casa” por meio de uma plataforma digital, que permite o ensino a distância. Um detalhe interessante é que parte deste grupo irá para a Áustria, para uma conferência conjunta entre os países participantes e, ao voltar, terá que exercer, talvez pela primeira vez, a “multiplicação” do que absorver deste encontro.

Participam deste primeiro grupo cerca de 30 alunos de todo o País, que atuam em diferentes setores sindicais, como nas áreas do comércio, da educação, turismo, bancos, telecomunicação, transporte e serviços públicos. E, também, com a presença de alguns membros da própria UGT.

Para o próximo ano, a Secretaria de Relações Internacionais da UGT planeja montar uma nova turma de multiplicadores do trabalho decente. Acesse o site e/ou a Fan Page para saber mais sobre o Projeto e acompanhar seu desenvolvimento:

www.trabalhodecente.org.br e
www.facebook.com/trabalhodecentevidadecente



É HORA DE MUDAR DE ATITUDE:

Vamos tratar o lixo com mais responsabilidade!

Na esteira da sustentabilidade e da Política Nacional de Resíduos Sólidos, muito há o que fazer para um mundo melhor. Não basta separar os resíduos recicláveis sem antes focar seus protagonistas: os catadores de materiais recicláveis

Em situação de vulnerabilidade, os catadores de materiais recicláveis são desbravadores dos restos produzidos pela sociedade de consumo. Sem apoio do poder público ou iniciativa privada, muitos ainda vivem na informalidade e, para ajudar a mudar este cenário, o Instituto de Projetos e Pesquisas Socioambientais (Ipesa) atua ao lado destes atores sociais, apontando que uma melhora é possível, em cooperativas ou associações, e fortalecendo estes grupos para que possam autogerir seus empreendimentos e desenvolver, com o apoio do poder público, sistemas de coleta seletiva eficazes.

O resultado desse trabalho gerou o livro "Do Lixo à Cidadania – Guia para a Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis", lançado em setembro, na USP, com apoio do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e patrocínio da Natura e do Programa Ambev Recicla.

O que era projeto virou realidade. O Ipesa foi fundado em 2005, dentro da faculdade de Geografia da USP, com o objetivo de trabalhar a inclusão e educação, por meio de frentes de trabalho com catadores e recuperação florestal. "Foi um passo a passo: educação para o trabalho, educação com o meio ambiente. A educação é a ferramenta principal e um processo contínuo. Todo o trabalho que o Ipesa faz, a nossa busca, é pelo protagonismo do envolvido e a gente fica feliz quando ele se supera e toma as rédeas do conhecimento", explica Paola Rodrigues Samora, coordenadora do Programa de Redes Ecológicas do Ipesa.

O IPESA CAPACITA PARA A AUTONOMIA

Para iniciar um trabalho de formação e capacitação numa cooperativa, a equipe põe literalmente a mão na esteira, buscando entender quais as

demandas e necessidades de um grupo, o que ele precisa para trabalhar e crescer. A partir daí, as metas e ações a serem trabalhadas são construídas participativamente com o grupo. O organizador do livro e coordenador do Programa de Resíduos Sólidos do Ipesa, Julio Ruffin Pinhel, diz que muitas vezes ele e a equipe chegam a ser catadores, procurando compreender cada vez mais sua vida e seu trabalho. E de tantas experiências vividas, esses "lixólogos" - como costumam brincar - puderam se aproximar da realidade dos catadores e olhá-los como ser humano.

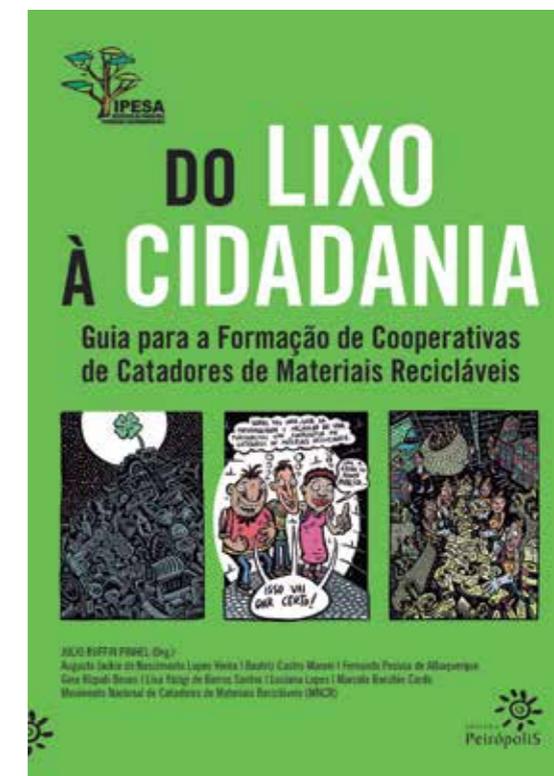
"Essa aproximação é muito interessante, muitas pessoas da sociedade ainda têm uma visão preconceituosa e nós os olhamos de igual para igual. No desenvolvimento do trabalho encontramos muita dificuldade, porque são pessoas ainda em situação de vulnerabilidade social, trabalhando em condições precárias e sendo diariamente exploradas, então acabamos tentando incorporar isso no método, incluindo psicólogos. Este é apenas um exemplo de que temos que conhecer cada grupo e cada realidade para estar em constante aprimoramento do método de formação de cooperativas, não existe receita de bolo. Eu diria que o livro é um método em construção", define Julio Ruffin Pinhel.

ENTRE RUAS E PASSARELAS

Roberto Rocha é da equipe de articulação do MNCR. Hoje tem 38 anos e é catador de materiais recicláveis desde os 19. Entre encontros e discussões, para formar o Movimento, foram três

anos, mas ainda declara que é preciso avançar mais. "Vivenciei o lixão, as ruas. Trabalho muito. O dia a dia de um catador é a busca da nossa sobrevivência. Alguns catadores ainda estão em aterros, outros organizados em cooperativas e associações. Quando o catador está mais organizado, a pessoa te vê diferente, com uniforme etc. Isso diferencia de quando você não está organizado e coloca a carroça na rua, as pessoas acham que a gente atrapalha. No lugar de ver o grande trabalho que o catador faz para a sociedade, passamos a sofrer todo o tipo de discriminação", aponta Rocha.

Por isso, além da capacitação técnica, é importante trabalhar a motivação. A equipe do Ipesa tem 5 áreas de atuação, que vão da administração e autogestão de uma cooperativa, passam pela área de produção e infraestrutura, onde se organiza a linha de produção do galpão para a chegada e beneficiamento dos ma-





teriais; a parte de educação ambiental, que faz a ponte de sensibilização com a comunidade para mostrar a importância de separar um material; a elaboração de projetos e captação de recursos buscando parceiros e recursos para o incremento de sua atividade; e também a área de qualidade de vida, que é o atendimento com psicólogos, onde vão lidar com sofrimentos, o trabalho em equipe e elevar a autoestima.

O Ipesa mostra a importância dos catadores se organizarem em cooperativas e associações. "Tudo o que sei hoje aprendi com o Ipesa. A humildade deles, o jeito de ensinar. A gente acaba aprendendo, porque é você quem tem que fazer. E a gente viu como é gerenciar uma cooperativa organizada, com CNPJ e tudo. Comecei a ver o lixo de outra forma. Quando entrei na cooperativa, entrei para trabalhar, ganhar meu dinheiro. Ho-

je, trabalho porque gosto", revela Isabel Cristina da Fonseca, a Bel, responsável pela comunicação e palestras da Avemare (Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis da Vila Esperança), organização formada por catadores que vieram do trabalho no lixão e que hoje constituem tanto uma associação quanto uma cooperativa.

Lá, tudo é reaproveitado – banner, raio X, garrafas pet, latinhas, produtos plásticos, até o lixo eletrônico, seja encaminhando os materiais recicláveis para a reciclagem, seja limpando e produzindo vários tipos de objetos: de bolsas e sacolas a vestidos. A criatividade é tanta que até desfile de moda organizam. "O primeiro desfile que teve foi em 2011, mais para as próprias cooperadas, para incentivá-las a se arrumarem, a se sentirem bonitas. Foi feito na própria cooperativa. A pas-

O organizador do livro e coordenador do Programa de Resíduos Sólidos do Ipesa, Julio Ruffin Pinhel (centro), diz que muitas vezes ele e a equipe chegam a ser catadores, procurando compreender cada vez mais sua vida e seu trabalho. E de tantas experiências vividas, esses "lixólogos" - como costumam brincar - puderam se aproximar da realidade dos catadores e olhá-los como ser humano.

sarela foi a esteira em que passa o material. Hoje a gente desfila pra fora: já nos apresentamos em Francisco Morato", comenta Bel. O sucesso foi tanto que hoje tem até empresas que contratam as cooperadas para desfilar, o que reverte em renda para a Associação.

E são elas quem customizam as roupas. Muitas vezes olham um vestido de uma modelo na internet e decidem copiar, mas com material

reciclável. Pegam o tecido que veio do lixo, tiram as medidas umas das outras, fazem o molde e confeccionam seus "modelitos".

ARTICULAÇÃO DE CATADORES E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Segundo Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (PNSB 2008), são cerca de 70,5 mil catadores atuando em ruas e lixões, apenas 30.390 organizados em cooperativas e associações. Porém, estes números são bem mais altos na realidade. Estudo levantado com entidades do setor mostra que a estatística do PNSB se baseia em indicadores das prefeituras municipais, sendo que nem sempre as cidades têm um cadastro dos catadores.

De acordo com a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (Lei Nº 12.305), aprovada em agosto de 2010, os catadores têm papel fundamental para a gestão de resíduos nas cidades. Na frente de ações como coletar, separar e vender, está o ser humano, que precisa de mais assistência para desenvolver o seu traba-

lho: equipamentos de proteção individual (EPIs), o reconhecimento do trabalho da categoria, assim como a dedicação de organizações tal qual o Ipesa, que lutam para a continuidade desses projetos.

A implantação de sistemas de coleta seletiva municipais com inclusão de catadores organizados, instalações de centrais de triagem e a atuação dos catadores junto ao poder público são fundamentais para um gerenciamento sustentável. "A gente acaba trabalhando muito com o grupo na questão da apropriação do seu negócio e de autoestima, mais do que informação política, porque a gente acredita mesmo que a cooperativa tem que se vincular ao órgão maior da categoria que é o Movimento Nacional de Catadores", salienta Luciana Lopes, do Ipesa.

O livro "Do Lixo à Cidadania – Guia para a Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis" é a concretização de um

sonho do Ipesa de sistematizar e compartilhar seu método construído a partir dos bons resultados alcançados ao longo de 8 anos de vivências e experiências de trabalho para o fortalecimento destes grupos. A ideia é dividir o conhecimento construído e contribuir com o trabalho de todas as pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas com a gestão e formação de cooperativas de catadores. A distribuição é gratuita e também está disponível na internet:

www.dolixoacidania.org.br



Paola Rodrigues Samora



Isabel Cristina da Fonseca



Roberto Rocha



Luciana Lopes



O OLHAR QUE VAI ALÉM DA CÂMERA

Oficinas audiovisuais levam aos alunos uma nova concepção de mundo. Da bagagem pessoal à busca profissional, novos cidadãos são formados

Com o intuito de transformar o olhar a partir do que é ingerido pela sociedade através das mídias, formar cidadãos capacitados para criar e ter postura crítica, além de levar a cultura audiovisual até as regiões periféricas, distantes das grandes metrópoles, foram desenvolvidas as Oficinas Kinoforum de realização audiovisual. Com propósito de uma formação mais criativa que propriamente técnica, desde

2002, uma equipe de profissionais estimula, por meio da troca de saberes e experiências, os participantes das Oficinas a se expressarem, seja criando seus próprios roteiros, pela fotografia, direção, atuação, produção, captação e edição, realizando curtas-metragens e aprendendo a trabalhar em equipe.

A Associação Cultural Kinoforum, responsável, entre diversos eventos, pela criação do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, levava o cinema além das salas de projeções. Conforme o bairro em que chegava, muros, praças e até mesmo bares das cidades serviam para passar o filme tão aguardado. O que despertou a curiosidade de muitos jovens em entender como se fazia o cinema. Com o objetivo de tornar a plateia de cinema protagonista no processo de criação, foram criadas as Oficinas, tornando muitos sonhos, realidade. Em pouco mais de 10 anos, são mais de mil alunos que passaram pela Kinoforum e o resultado é a exibição dos filmes produzidos nas Oficinas em Festivais de Cinema do País e mundo afora.

POR TRÁS DO CINEMA, A GRANDE BATALHA

As Oficinas Kinoforum são gratuitas. Os dois módulos do curso proporcionam aos participantes o contato com todo o processo de criação audiovisual, além da interação com diversos tipos de pessoas e diferentes realidades. Pode-se optar pelo primeiro módulo, onde se faz de tudo, ou já ir direto ao segundo, onde a atuação é específica. A descentralização também é uma das propostas. Alguns projetos são desenvolvidos no centro,

outros em bairros periféricos, o que casa com a ideia que a Kinoforum exercita: a da troca de culturas e o lidar com o improvisado.

Equipamentos ainda são caros, mas, com o acesso tecnológico às mãos das pessoas, muita produção barata é despontada no circuito. Desde filmes feitos em celulares a câmeras de mão, o que vale é a mensagem a ser passada. Ter a concepção de uma ideia nem sempre é a que resultará no processo final. De horas e caixas de rolos gravados, muita coisa terá que ser descartada.

O trabalho em grupo, principalmente no cinema, é essencial. Sem hierarquia, os alunos aprendem que não existe filme de uma pessoa só. O filme é feito pelo coletivo. Passando por todas as etapas: desde colocar uma ideia no papel, lidar com os imprevistos, crises, dificuldades, processos de desapego ao encontro de um equilíbrio, nasce o projeto de um grupo. Ao final, muitos descobrem seus talentos e querem seguir na área. Direcionados, precisam enfrentar a concorrência do mercado. A dica é fazer oficinas em geral, procurar as oportunidades que aparecerem, estar antenado com o que o setor oferece, batalhar, se fazer notado, tornar o seu trabalho uma referência e criar sua rede de contatos.

“É preciso entrar nas produções, trabalhar com outras pessoas, ir aos festivais, conhecer outros realizadores, ver filmes de outros diretores,

interagir com esse mundo, é o network, o contato com outras pessoas. Fazer um certo marketing pessoal e trabalhar. Porque currículo, por si só, não resolve quase nada. Ninguém contrata por currículo no cinema. É por contato”, antecipa Jorge Guedes, produtor cinematográfico e coordenador das Oficinas Kinoforum.

DAS OFICINAS NASCERAM OS PROTAGONISTAS

Ivens Machado Costa é um publicitário que sempre foi cheio de ideias, mas vivia uma frustração por não conseguir colocá-las em movimento. Desgostoso com a área, buscou em diferentes oficinas como



Carolina Cagnato (acima).
Ao lado, Jorge Guedes,
Ivens Machado e
Marcelo Marques





desenvolver suas histórias, até decidir seguir pelo cinema. Certo dia, uma amiga viu em um anúncio um curso da Kinoforum, que teria a cara dele. Isto era uma sexta-feira e até domingo ele teria que desenvolver um argumento para um roteiro, para então ser selecionado...

“Rapidamente eu peguei, pensei, escrevi e logo em seguida fui selecionado. Também me inscrevi na oficina de direção. Fiz uma dobradinha de curso. E é uma loucura de repente você perceber que tem essa capacidade de realizar. Agora, meu objetivo é continuar estudando e, no próximo ano, entrar no Festival não como aluno, mas como diretor estreadante”, diz Ivens Costa entusiasmado.

O administrador Marcelo Marques é um apaixonado pela sétima arte. “Eu tinha esse amor pelo cinema, mas sempre estava na parte da frente, só assistindo, aí eu me interessei em fazer essa oficina só para conhecer e acabei conhecendo o formato curta-metragem e fiquei maravilhado com o processo”, relata. Do módulo I, onde fez de tudo um pouco, passou para o II, onde dirigiu o documentário “Moderna Idade”, que fala sobre pessoas de terceira idade que descobriram a facilidade do mundo virtual e estão sempre conectadas.

“Foi bacana porque esse docu-

mentário viajou por vários Festivais do Brasil. Ganhou o prêmio de melhor Vídeo Coletivo, em Minas Gerais, e fez muito sucesso. Fiquei muito feliz e as pessoas que entrevistei, os senhores, tinham muita coisa pra falar. A gente gravou 6 horas de material, para poder tirar 9 minutos pro curta. Dói você tirar muita coisa, mas uma coisa que você lida também é com isso”, ressalta Marques.

Como um bom administrador, ele aplica a parte organizacional e de planejamento nas produções das oficinas que já participou. Vontade de seguir com o cinema não falta, mas o custo de uma faculdade é alto. “Estou um pouco em cima do muro, vou fazer um curso aqui outro ali, ter umas ideias, escrever, dirigir e ver o que vai dar. Quem sabe a gente não ganha um prêmio para poder fazer alguma coisa mais pra frente”, pontua.

Carolina Cagnatto se apaixonou pela loucura cotidiana de uma produção. Aluna das Oficinas, esse ano foi convidada a fazer a produção de base, dando todo o suporte para a coordenação e para os próprios alunos da Kinoforum. É o seu primeiro contato como produtora já no mercado de trabalho. Cuida desde contrato, documentos, cartas, pedidos de autorização para gravar nos estabelecimentos, os direitos de imagem

dos atores, agiliza toda a parte burocrática, viabilizando tudo o que os alunos precisam.

“Adoro essa correria, é bem o que eu gosto. Chega uma hora que cansa, mas a gente sente falta depois, porque é gostoso. Estou tentando ver agora como eu faço para entrar na produção executiva, que eu não conheço. Quero aprender e ver como é”, relata Carolina.

Resolvidas todas as burocracias, é hora de colocar a produção para circular. Mas e a verba para isso tudo, de onde vem? As Oficinas são uma atividade paralela ao Festival de Curtas. “É uma maneira de fazer os curtas entrarem no mercado, dos alunos que realmente quiserem atuar na área sentem se podem investir na carreira. A partir disso, a gente tem todo um trabalho de distribuição de vídeo, para vários Festivais do Brasil e mundiais. A Kinoforum participa de editais da Prefeitura de SP. Tem a Ingrid Gonçalves que faz a coordenação dos projetos sociais e escreve o projeto da Kinoforum em todos os editais possíveis. As Oficinas são adaptadas conforme os editais, de onde vem a verba para produzir o projeto”, explica a produtora.

Quer se aventurar no cinema?
Conheça mais desse universo no site:
www.kinoforum.org.br

UGT FORTALECE UNIDADE DA CENTRAL NAS REGIÕES NOROESTE, OESTE, NORTE E LITORAL



Paulo Rossi reforça a importância de se realizar as plenárias de forma descentralizadas pois cada região tem sua especificidade e isso fortalece as ações ugetistas

“Em Paranaguá (litoral), a grande preocupação dos sindicatos filiados foi com a Lei de Modernização dos Portos do Governo Federal, que poderá gerar um grande número de desempregos, tendo em vista a privatização dos terminais. Já em Maringá (noroeste), a principal discussão teve como mote o Projeto de Lei 4330, que trata da Terceirização. Mas todas as discussões só elevaram o nível de debate na UGT”, destacou Rossi.

Em Maringá, a Regional Noroeste da UGT-PR, foram abordados os temas: “A Participação das Mulheres na Política e nos Movimentos Sociais”, cuja palestrante foi a sindicalista e secretária da mulher da UGT-PR, Elizabete Madrona, e “Análise do Movimento Sindical e das Centrais Sindicais”, cujo palestrante foi o Dr. Ozório César Campaner, advogado trabalhista com larga experiência no movimento sindical.

Em Cascavel, a Regional Oeste da UGT-PR, teve a filiação do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Medianeira à UGT. Na oportu-

nidade, a presidente do sindicato, Ezalda Lara, destacou o trabalho desenvolvido pela UGT. “Acompanhando o trabalho das centrais, podemos ver e sentir que a UGT é que defende o servidor público, com ações concretas.” O evento apresentou ainda temas pertinentes à prática diária sindical, dentre eles a certificação digital e as Portarias do Ministério do Trabalho e Emprego que tratam das exigências para o registro sindical e das alterações estatutárias.

Em Londrina, a Regional Norte da UGT-PR, foram debatidos os seguintes temas: “O Movimento Sindical e as Manifestações Populares de Rua” e a ação coletiva da UGT requerendo as perdas com as correções do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). A presença de dirigentes de diversas categorias profissionais de todas as regionais da UGT no Estado reforçou a pluralidade da União Geral dos Trabalhadores.

Paranaguá, a Plenária da Regional Litoral da UGT-PR, reuniu dirigentes sindicais, lideranças comunitárias e personalidades políticas. O encontro teve como principais temas a ação judicial da UGT para os trabalhadores recuperarem as perdas do FGTS; e o Poder das Mídias Sociais.

O blogueiro e jornalista político Esmael Moraes condenou o poder da grande mídia, que age contra a classe trabalhadora em benefício da classe econômica, que são seus investidores por meio das propagandas. “Hoje, a internet é a mídia mais acessível e os trabalhadores podem utilizá-la de várias formas”, destacou Esmael. Ele lembrou os recentes casos das manifestações de rua no Brasil e em outros países, que foram convocadas pelas diversas ferramentas disponíveis nos meios eletrônicos. “Os dirigentes sindicais têm de estar atualizados sobre as tantas formas de utilizar a internet e a telefonia móvel para agilizar a comunicação entre diretores do sindicato e suas bases”, destacou Esmael.

COPA DO MUNDO e OLIMPÍADAS

Garantir os direitos dos trabalhadores que atuam de forma direta e/ou indireta para a realização dos eventos esportivos no Brasil foi o tema do encontro realizado pela UNI Américas – Global Union, que reúne o Secretariado Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços (Sentracos), a União Geral dos Trabalhadores (UGT) e demais representantes sindicais, muitos filiados à UGT. O encontro foi no dia 04 de setembro, na sede do Sentracos, em São Paulo.

Na abertura dos trabalhos, na sede da Sentracos, Ricardo Patah, presidente da UGT, falou sobre a importância da realização da Copa do Mundo, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, afirmando que estes eventos são positivos para os brasileiros por conta dos retornos financeiros e midiáticos que o país terá e disse aprovar a geração de empregos que estes megaeventos estão proporcionando.

Porém, Patah, que também preside o Sentracos e o Sindicato dos Comerciários de São Paulo, foi incisivo ao afirmar que as entidades sindicais não podem permitir a precarização do trabalhador. “Precisamos reunir nossas forças e as nossas capacidades técnicas para garantir trabalho decente para todos os trabalhadores que estejam envolvidos



direta ou indiretamente com os eventos esportivos.”

Os representantes sindicais brasileiros passaram o dia debatendo muitos pontos relevantes. Um deles foi a apresentação do companheiro José Silvestre Prado de Oliveira, coordenador de relações sindicais

UGT DISCUTE CONDIÇÕES LABORAIS, TRABALHO DECENTE E GARANTIA DE DIREITOS TRABALHISTAS DURANTE A REALIZAÇÃO DOS MAIORES EVENTOS ESPORTIVOS DO MUNDO

do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), sobre o impacto destes megaeventos esportivos no setor de serviços. De acordo com os dados do Dieese, entre os setores representados pela UNI, haverá um investimento total de R\$ 16,5 bilhões em Logística, cerca de R\$ 371 milhões em Telecomunicações e R\$ 220 milhões em Infraestrutura Turística.

Silvestre levantou alguns pontos



críticos ao questionar: “Será que a política de governar para todos está esgotada, já que a situação econômica e social é de uma economia que cresce menos e há uma crise mundial com desafios imensos?”. E, segundo ele, em muitos casos, a realização das pautas sociais não é possível por meio de uma política econômica voltada para todos e dá como exemplo os problemas da mobilidade urbana, afirmando que a solução só se dará se o governo enfrentar o setor de transportes e das montadoras multinacionais de veículos.

Para finalizar sua fala, Silvestre provoca o grupo mais uma vez: “Dentro deste contexto, é possível que os eventos esportivos tragam um legado para todos?”.

Falando sobre “A relação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) com os megaeventos esportivos e as possibilidades de parceria junto às organizações sindicais”, Laís W. Abramo, diretora do Escritório da OIT no Brasil, disse que a realização da Copa do Mundo é um desejo antigo da população brasileira e que são muitos os riscos.

De acordo com Laís, entre os principais riscos estão os desrespeitos fundamentais do trabalho nas mais diversas formas; o aumento da ocorrência das formas inaceitáveis de

trabalho, como o trabalho infantil, forçado, o tráfico de pessoas para exploração laboral e a intensificação da exploração sexual de crianças e adolescentes; as formas precarizadas e inseguras de trabalho; e o legado social e econômico incerto que a Copa deixará aos brasileiros.

Mas, segundo Laís, nem todo o cenário é ruim. A Copa pode trazer também muitas oportunidades positivas. E ela frisa a referência do trabalho decente na Lei Geral da Copa; a geração de oportunidades de formação e qualificação profissional; e a geração de oportunidades de emprego e trabalho decente à população mais vulnerável, como os jovens, as mulheres, os negros e as pessoas com deficiência.

Adriana Rosenzvaig, secretária regional da UNI Américas, enfatizou que a conclusão da UNI é a de que ela possui setores de alta vulnerabilidade para o cenário dos dois grandes

eventos esportivos, com destaque aos ramos da limpeza, da segurança e dos profissionais que trabalharão nas transmissões dos jogos. “Ainda não está claro como será realizado o contrato destes trabalhadores, precisamos saber se as empresa farão contratos sem nenhum marco legal, com contratos irregulares”, afirmou.

Para tanto, a Uni vai elaborar com seus filiados uma Declaração sobre o Trabalho Decente e desenvolverá uma coordenação para investigar se as empresas cometem algum tipo de violação das normas mais importantes do trabalho.

Ao falar da ausência da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) no evento, Adriana foi dura: “Apesar de ter sido convidada, a FIFA não compareceu para a nossa mesa de negociações, mas nós vamos exigir condutas éticas e responsabilidades claras”, concluiu a secretária regional da UNI Américas.

AO LONGO DO DIA, TAMBÉM FORAM APRESENTADOS PAINÉIS SOBRE:

- A relação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) com os megaeventos esportivos e possibilidades de parceria junto às organizações sindicais;
- Os padrões trabalhistas que o Comitê Organizador requer dos fornecedores, patrocinadores e licenciados;
- A experiência da campanha Play Fair e as propostas desenvolvidas para o Brasil, ministrada pela Confederación Sindical de Trabajadores/as de las Americas (CSA).

UGT discute a organização do

PODER CORPORATIVO DAS MULTINACIONAIS

A discussão dos dirigentes ugetistas aconteceu no Seminário Internacional da Central



Com objetivo de atualizar e consolidar as estratégias da União Geral dos Trabalhadores (UGT) no âmbito internacional, capacitando e promovendo debates que permitam a organização das ações sindicais da Central e de seus filiados para enfrentar multinacionais, a Secretaria de Integração para as Américas da UGT realizou o Seminário Internacional “Trabalhadores e Trabalhadoras Construindo Estratégias Globais frente ao Poder das Multinacionais”. Os dois dias de encontro, 17 e 18 de setem-

bro, aconteceram no Comfort Hotel Downtown, centro de São Paulo.

Depois de agradecer a participação de Adriana Rosenzvaig, Secretária Regional da UNI Global Union Américas, e do Victor Baez, da Confederação Sindical para os Trabalhadores/as das Américas (CSA), o presidente da UGT, Ricardo Patah, disse que a realização deste evento para discutir a situação laboral dos trabalhadores é importante para o fortalecimento das ações ugetistas na luta contra a precarização do trabalho.

“Não podemos permitir que o Brasil, que tem a 6ª maior economia mundial, dependa da precarização dos nossos trabalhadores para crescer no cenário internacional.” Patah deixou claro que a UGT não aceitará a aprovação do Projeto de Lei no. 4330, que trata da terceirização, tal como ele está, porque poderá atingir direta e negativamente muitas categorias.

Todo o Seminário foi desenhado para que os sindicalistas da UGT pudessem definir estratégias específicas de intervenção frente ao poder das multinacionais e para que este grupo tomasse conhecimento e debatesse temas como Acordos Marco Internacionais, Redes Sindicais e Campanhas Globais.

O secretário responsável pelo evento, Sidnei de Paula Corral, falou que o Seminário foi traçado para



O presidente nacional da UGT, Ricardo Patah (ao lado), na abertura do Seminário. Acima, Sidnei de Paula Corral, secretário responsável pelo evento



Adriana Rosenzvaig Victor Baez Tina Hennecken Paulo Sérgio Muçouçah Marcio Pochmann



Luiz Carlos Merege Lilian Arruda Clemente Ganz Lúcio Ladislau Dowbor Cassia Bufelli Macari

atender as necessidades que os sindicalistas têm de informação acerca do que acontece hoje no mundo globalizado para que, de posse deste conhecimento, a Central fortaleça suas bandeiras de luta nas suas ações e estratégias sindicais.

Segundo Sidney, muitos sindicatos filiados à UGT, como é o caso, por exemplo, dos comerciários, bancários e químicos, estão inseridos neste contexto internacional por fazerem parte de órgãos de representações internacionais, como a UNI, mas este debate precisa ser ampliado e é por isto que está sendo trazido para o nível de Central Sindical.

“Eu acho que este Seminário é o primeiro grande passo que damos ao trazer esta discussão para dentro da Central. Aqui estamos aprimorando e aprofundando nossos conhecimentos sobre as redes sindicais e os acordos marco internacionais. Porque não podemos atuar apenas como representantes sindicais de uma categoria. Temos que nos preparar e nos organizar para avançarmos na representatividade sindical, já que as multinacionais estão organizadas e unidas para garantir seus interesses”, completou Sidney.

O primeiro painel apresentou a rede de poder corporativo global. O professor e doutor Ladislau Dowbor deu uma aula sobre “Como, por que

e para que as multinacionais se organizam de forma global”.

No final da manhã deste primeiro dia, dois palestrantes “aqueceram” os debates provocando muitas reflexões aos sindicalistas.

O diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Clemente Ganz Lúcio, discorreu sobre alguns elementos que desafiam o movimento sindical em relação à organização dos trabalhadores frente às empresas multi e transnacionais.

Clemente falou sobre a necessidade de transformação para a construção de uma sociedade desenvolvida, “o que significa dizer: uma sociedade que tem bem estar, qualidade de vida e qualidade ambiental”. Segundo ele, estas três dimensões vão caracterizar a visão de futuro da sociedade que nós queremos.

Para Clemente, estas transformações são importantes e o movimento sindical é capaz de fazê-las. E, como prova disto, ele falou sobre a inédita Mesa de Negociações Quadripartite (entre trabalhadores, governo, empresários e o Congresso Nacional), que vem discutindo a regulamentação da terceirização. Clemente afirma que este processo de participação implica na mobilização para pressionar a capacidade de negociação. “A força da negociação está na nossa

capacidade de mobilização e a mobilização tem que indicar para onde nós queremos construir nosso norte.”

O diretor técnico do Dieese diz ainda que o primeiro grande desafio do movimento sindical é o de estar preparado para as negociações mais completas, já que elas são muito diferentes das que os sindicalistas estão acostumados a fazer nas campanhas salariais. E ele completa dizendo que o embate é diferente, “mas muitos ou talvez todos os grandes interesses da humanidade e da sociedade capitalista estão nesta mesa”.

“O embate não é fácil, os empresários não estão brincando na negociação da terceirização, portanto estamos num processo de discussão de negociações altamente complexo.”

Na sequência, o professor e doutor Marcio Pochmann, do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho, parabenizou a UGT por realizar um seminário que traz temas que são portadores de futuro, em debates que decidirão o futuro do mundo do trabalho, do trabalhador e do sindicalismo.

No início de sua palestra, Pochman disse que sua tarefa era “mexer” um pouco com a cabeça de cada um. Começou contando sobre a história do capitalismo e de como o movi-

mento sindical foi se transformando e se adequando às necessidades de cada época.

Pochman contou, ainda, que nos últimos 10 anos foram criados cerca de 22 milhões de novos postos de trabalho no Brasil, mas que não houve um aumento proporcional na taxa de sindicalização e que, portanto, esta é uma questão importante para ser considerada: a aderência dos trabalhadores às suas instituições sindicais. E que participar de uma negociação coletiva hoje é muito mais complexo.

“Fazer sindicalismo 30 anos atrás era mais fácil, nós líamos uma revista ou um jornal e tínhamos o que falar nas assembleias. Tínhamos um discurso que mobilizava. Hoje em dia não é bem assim. Até para se fazer uma assembleia hoje que tenha efetiva participação dos trabalhadores é mais difícil”, frisou Pochman.

De acordo com Pochman, estamos vivendo uma grande fase de transformações do capitalismo e, se ele muda, o sindicalismo deve acompanhar estas mudanças também. Até alguns anos atrás, vivíamos o capitalismo monopolista, transnacional, hoje a situação é diferente, já não se discute mais o capital nacional e o estrangeiro. “O que se discute é qual parte do País participa da cadeia de produção” e provoca

os presentes sobre como será a participação do movimento sindical neste novo processo.

Pochman finaliza sua palestra afirmando que os trabalhadores devem se unir porque as grandes empresas, que são competidoras, estão juntas e que a fragmentação não interessa a ninguém neste momento. E se despede dizendo que “a UGT sai na frente e mostra que é uma Central que olha para frente, provando que não podemos nos esconder nem nos desviar porque a história nos cobra uma decisão”.

O seminário apresentou, também, outros painéis muito informativos e esclarecedores. Para falar sobre a “Construção de alternativas estratégicas com a classe trabalhadora: os acordos marcos globais”, o professor e doutor Luiz Carlos Merege, presidente do Instituto de Administração para o Terceiro Setor da Fundação Getúlio Vargas (IATS) falou sobre o Pacto Global.

Cassia Bufelli Macari, da Secretaria Nacional da Mulher da UGT, discorreu sobre o pacto global e o empoderamento da mulher. Lilian Arruda, coordenadora de pesquisas do Observatório Social, falou sobre as diretrizes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para as multinacionais.

Paulo Sérgio Muçouçah, coordena-

dor dos programas de Trabalho Decente e Empregos Verdes da Organização Internacional do Trabalho no Brasil (OIT), apresentou a declaração tripartite de princípios sobre empresas multinacionais da OIT. Tina Hennecken, diretora para o Brasil da Friedrich Ebert Stiftung (FES), falou sobre os acordos marco globais – organizando as relações de trabalho globalizadas. E Adriana Rosenzvaig, secretária regional da UNI Global Union Américas, contou a experiência regional com os acordos marco globais.

Para falar sobre a construção das redes sindicais, o presidente do Instituto Observatório Social fez uma síntese das necessidades normativas apresentadas. E os palestrantes apresentaram alguns casos. Caso 1: Redes Sindicais nas Empresas Multinacionais (Rede Vale e Accor), por Jana Silverman, diretora para o Brasil da Solidarity Center/AFL-CIO. Caso 2: Experiências com a Rede Walmart, por Adriana Rosenzvaig, secretária regional da UNI Global Union Américas. Caso 3: A experiência dos trabalhadores da NISSAN nos EUA, por Ginny Coughlin, coordenadora para o Brasil da UAW. Caso 4: Experiências com as redes sindicais no setor industrial, por Mario Vani, coordenador regional para a América Latina do Industrial Global Union.



BRASIL: a bola da vez para o turismo mundial

Mas, segundo a presidente da Fenagtur, o País que se prepara para receber turistas de várias partes do mundo está formando mão de obra pouco qualificada, promovendo cursos rápidos que, em alguns casos, não atendem as necessidades do mercado de trabalho

O Brasil está no foco das atenções do turismo mundial. Por conta da realização da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, no Rio de Janeiro, em 2016, o País é roteiro certo para os turistas que acompanharão os principais eventos esportivos do planeta.

Por outro lado, os altos preços praticados no Brasil preocupam os organizadores dos eventos e a população que, nos últimos anos, vem preferindo fazer turismo internacional, por exemplo, para o Uruguai, Argentina ou Chile, do que fazer um turismo doméstico. “O turismo no Brasil é considerado caro, pois existe a relação com os altos impostos cobrados no País, então hoje a principal luta é pela desoneração de impostos, para que esse valor possa ser passado para os clientes”, afirma Irma Karla Barbosa, presidente da Federação Nacional dos Guias de Turismo (Fenagtur).

A dirigente enfatizou que, por conta do calendário esportivo e o potencial aumento de turistas estrangeiros, o Ministério do Turismo vem apoian-

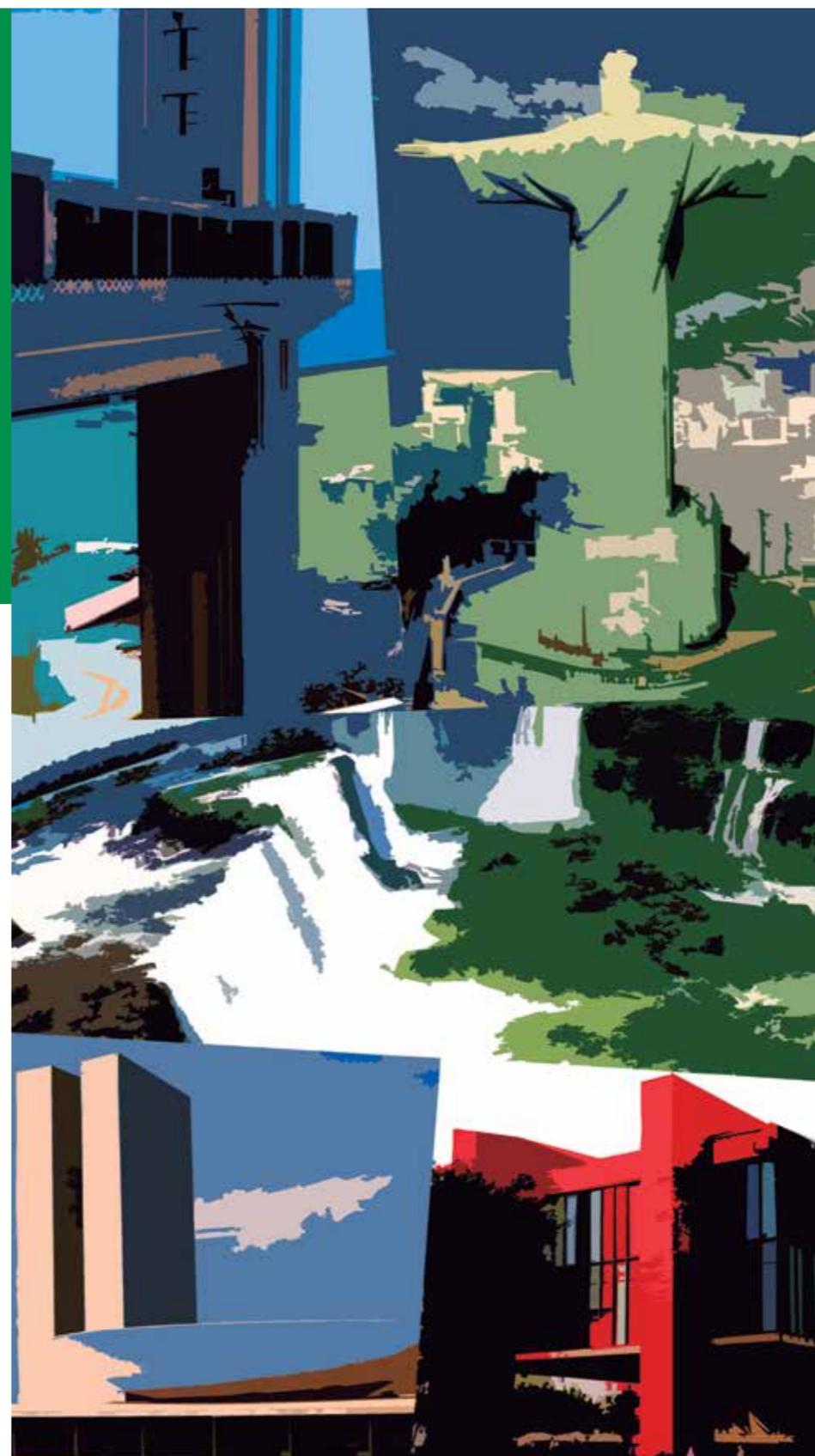
do e criando diversos cursos de formação e qualificação profissional para atender a demanda turística, principalmente nas cidades sedes da Copa, mas a rapidez com que o Ministério pretende formar esses profissionais e a capacitação desses trabalhadores e trabalhadoras é algo a ser questionado, segundo Irma. “Acho esses cursos imediatistas ineficientes, pois alguns cursos são válidos, mas tem outros em que a grade curricular é muito pequena e não consegue atender a demanda de formação imediata”, diz a presidente.

“As entidades sindicais podem contribuir muito para o avanço do setor turístico, mas, apesar de o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) ter sido criado nacionalmente, pelo Ministério do Turismo, poucas entidades foram ouvidas para saber o que é necessário e o que precisa nesse processo de qualificação”, esclarece a dirigente.

Irma levantou também outra questão que envolve a ineficiência do sistema educacional brasileiro, pois o Governo Federal, por meio do Pro-

natec, pretende capacitar as pessoas que recebem ajuda do programa Bolsa Família para trabalharem na área de turismo. O que por um lado é bom, por outro é preocupante, pois esses profissionais, em muitos casos, não têm uma escolaridade adequada e, mesmo que tenham concluído seus estudos fundamentais, o Brasil é um dos países que tem os piores índices educacionais do mundo. “Esses trabalhadores e trabalhadoras terão de atender a turistas que, na sua maioria, possuem uma alta graduação”, explica a sindicalista.

Para Irma, essa questão da educação no Brasil é um problema cultural, pois os investimentos no setor não são suficientes para melhorar os índices do País e, se essa fosse uma antiga preocupação governamental, boa parte das dificuldades encontradas hoje para a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas já estaria minimizada. “Dois cursos que deveriam constar na grade curricular do brasileiro: o turismo para a pessoa saber quais os pontos turísticos de sua região e, principalmente, o ensino de uma segunda língua.”



O ADEUS A UM ÍCONE DO SINDICALISMO BRASILEIRO



O movimento sindical brasileiro, perdeu, em 20 de outubro, um dos seus maiores ícones na luta pela ampliação dos direitos da classe trabalhadora.

Serafim Gianocaró, presidente da Federação Nacional dos Securitários do Estado de São Paulo, presidente do Sindicato dos Securitários do Estado de São Paulo e 1º vice presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC) faleceu, mas deixou um grande legado em prol da ampliação dos direitos da classe trabalhadora.

Com uma vida toda dedicada ao movimento sindical e a luta de classe, Serafim protagonizou momentos históricos fundamentais para fortalecer a organização da classe trabalhadora, principalmente, no que diz respeito à categoria dos securitários.

Figura respeitada no cenário sindical, Serafim foi o exemplo para todos os homens e mulheres que defendem os direitos trabalhistas e sonham com um Brasil mais justo e igualitário, pois seus anseios, vitórias e derrotas hoje servem como base para que o movimento sindical brasileiro avance com conquistas que busquem condições laborais dignas, qualidade de vida e salários justos, visando à melhoria na distribuição de renda da população e, consequentemente, o aquecimento da economia interna e o crescimento do Brasil.

RÓTULOS DE BEBIDAS COM FOTOS DE ACIDENTES DE TRÂNSITO

O 8º Congresso da Federação Nacional das Associações de Detran – FENASDETRAN, entidade filiada à União Geral dos Trabalhadores (UGT), realizado em Salvador, na Bahia, em outubro, aprovou a elaboração de um documento a ser enviado ao Governo Federal sugerindo a colocação de fotos de tragédias do trânsito nos rótulos de bebidas alcoólicas, como já se faz com as fotos das tragédias causadas pelo cigarro.

Mário Conceição, presidente da FENASDETRAN, encerrou os trabalhos do 8º Congresso Brasileiro e 4º Congresso Internacional Trânsito e Vida com a votação por unanimidade da “Carta de Salvador Trânsito e Vida 2013” com a exortação: “Gerar ações por parte dos órgãos públicos ligados ao trânsito objetivando salvar vidas”.

Na “Carta de Salvador” os téc-

nicos reunidos na capital baiana destacaram que: “Especialistas, técnicos, agentes e administradores de trânsito, polícias rodoviárias federal e estadual, policiais militares e civis, representantes dos servidores de Detran, Sest-Senat, engenheiros, advogados, psicólogos, membros do Ministério Público, pedagogos, médicos, juízes, centros de formações de condutores e a União Geral dos Trabalhadores (UGT), participantes do 8º Congresso Brasileiro Trânsito e Vida - CBTV e do 4º Congresso Internacional Trânsito e Vida - CITV, promovidos pela FENASDETRAN com a temática (3º Ano da Década Mundial de Ações de Segurança no Trânsito), em defesa da vida dos brasileiros e estrangeiros, vimos propor o seguinte:

1º - Foi criada uma comissão permanente para acompanhar a tramitação desta Carta junto aos órgãos elencados que consideramos responsáveis pelos cidadãos deste País. Assim, doravante vamos aguardar, acompanhando as providências que estes deverão tomar para atendê-las.

2º - a) Foi criada uma segunda comissão, esta de Comunicação, para elaborar uma campanha nacional de combate às mortes no trânsito baseada no Artigo 320 da Lei 9.503 onde ressalta que: A receita arrecadada com a cobrança das multas de trânsito será aplicada, exclusivamente, em



MEDIDA BUSCA FORTALECER AÇÕES DE COMBATE AOS ACIDENTES DE TRÂNSITO CAUSADOS PELO CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS



Marcos Gimenez Queiroz (quarto da esquerda para a direita), secretário de Publicidade e Marketing Institucional da UGT, foi eleito presidente relator da “Carta de Salvador Trânsito e Vida 2013”, documento extraído durante o evento

sinalização, engenharia de tráfego, de campo, policiamento, fiscalização e educação de trânsito.

Parágrafo único - O percentual de cinco por cento do valor das multas de trânsito arrecadadas será depositado, mensalmente, na conta de fundo de âmbito nacional destinado à segurança e educação de trânsito. E sendo assim, urge a disponibilização de recursos para uma campanha nacional de trânsito para reduzirmos o máximo possível as 60 mil mortes causadas por ano.

- b) Exigimos total transparência das aplicações dos recursos independentemente do tamanho do município e que essas aplicações sejam disponibilizadas através de um portal na web como já ocorre com as contas dos municípios.

3º - A exemplo do que ocorre com o cigarro (campanhas contra o fumo) a exposição em garrafas de bebidas alcoólicas com fotografias de eventos de trânsito provenientes do uso de bebidas alcoólicas.

4º - Propor que a educação no trânsito torne-se matéria obrigatória na grade curricular das escolas.

5º - Propor ao Tribunal de Contas que adote providências junto aos gestores públicos municipais com relação ao cumprimento da Lei 9.503/97 - municipalização do trânsito.

6º - Propor ao Ministério Público que adote providências legais cabíveis junto aos gestores públicos municipais, com relação ao cumprimento do Artigo 129 da Lei 9.503/97, que assim dispõe: “O registro e o licenciamento dos veículos de propulsão humana, dos ciclomoteres e dos veículos de tração animal obedecerão à regulamentação estabelecida em legislação municipal do domicílio ou residência de seus proprietários”.

7º - “Cobrar dos municípios o emplacamento dos veículos ciclomoteres sob pena de perder verbas federais.”

Ao final, o presidente da FENASDETRAN convidou os congressistas a não encerrarem os trabalhos naquele momento e, sim, considerarem como “o início do trabalho principal, que é colocarem prática os temas discutidos nos trabalhos do Congresso”.

SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AOS 4 ANOS DE FUNDAÇÃO DA UGT NO ESPÍRITO SANTO



Ari George Siqueira

Aconteceu, no dia 4 de novembro, na Assembleia Legislativa, a sessão solene em homenagem aos quatro anos de fundação da representação estadual da União Geral dos Trabalhadores (UGT).

A Central, que foi implantada no estado em 17 de setembro de 2009, reúne hoje filiações de federações e sindicatos trabalhistas de vários segmentos, alcançando cerca de 200 mil trabalhadores, segundo informações do presidente Ari George Siqueira.

“É uma sessão solene que demonstra a importância da luta da UGT a favor da causa trabalhista aliada a um engajamento sindical nos movimentos sociais, como a causa da mulher e das comunidades quilombolas. A UGT se consolida como uma central reconhecida pelo Estado e pela sociedade capixaba, porque atua tanto no movimento sindical como no social, sempre atendida com as necessidades e demandas do povo”, afirmou Ari Siqueira.

O deputado Glauber Coelho (PSB) foi quem propôs a sessão

solene. Ele ressaltou o envolvimento da UGT nas questões sociais. “É uma entidade com essa nova característica, não apenas de caráter trabalhista, mas também de compromissos sociais com a luta das mulheres e do movimento negro. A UGT defende a democracia com a prática de um sindicalismo livre. Está presente no meio urbano e rural”, lembrou.

UGT ESTADUAL

A UGT foi instalada no Espírito Santo por meio da união dos sindicatos de trabalhadores em condomínios, hotéis e padarias. Atualmente abriga também trabalhadores do setor de serviços e servidores públicos de prefeituras do interior do Estado.

“Nosso sonho, quando implantamos a UGT no Espírito Santo, era aglutinar as entidades sindicais e do terceiro setor que acreditam na cidadania, na ética e na inovação para se avançar rumo à sociedade do conhecimento.” A entidade conta com sede em Vitória e regionais em Cachoeiro de Itapemirim e Linhares.

UM UGETISTA A SERVIÇO DA CLASSE TRABALHADORA NO CONGRESSO

Sindicalista e vice-presidente nacional da União Geral dos Trabalhadores (UGT), o deputado Roberto Santiago (PSD) vem impondo, no Congresso Nacional, sua marca em defesa dos interesses da classe trabalhadora. Santiago é presidente da Comissão de Trabalho da Câmara, uma das mais importantes comissões do Congresso e, com a habilidade de um grande mediador na solução dos conflitos entre o capital e o trabalho, tem conseguido importantes resultados em defesa dos trabalhadores.

A relevância dos temas discutidos na Comissão envolvendo questões voltadas aos trabalhadores tem sido motivo de frequentes quedas-de-braço com empresários. Esse desafio, Santiago vem superando graças a sua habilidade e experiência no mundo sindical. Aliado ao fato de ocupar uma cadeira de deputado federal por dois mandatos, ele tem obtido sucesso ao destravar a pauta ou, como prefere dizer: "Colocar para votar, desobstruir, deixar fluir o processo democrático". A CTASP tem importância estratégica não somente para os trabalhadores da iniciativa privada, mas também para os servidores públicos municipais, estaduais e federais que têm ali concentrados seus principais interesses.

Antes de Roberto Santiago assumir a presidência da Comissão do Trabalho, o que se notava era uma forte influência de parlamentares ligados ao setor patronal, que abusavam das chances regimentais de atrasar o processo legislativo, impedindo, assim, votações. Uma das formas de não votar projetos fora do interesse de uma parcela empresaria-



Roberto Santiago é presidente da Comissão de Trabalho da Câmara

rial era retirar a matéria de pauta uma, duas, dez vezes com pedidos de vistas, sem data para devoluções. "Assim que assumi a presidência defini a regra com o limite de três retiradas de pauta e, em seguida, disputar o tema no voto. Não se pode fazer uma sociedade esperar eternamente enquanto se brinca de joguinhos regimentais em nome de interesses particulares", explica o deputado que integrou a Câmara de Desenvolvimento Econômico e Social, criada para destravar temas históricos de interesse dos trabalhadores.

Foi Roberto Santiago o relator do projeto que estabelece a política de valorização do salário mínimo de 2008 a 2023 e de diversos projetos que tratam do plano de carreira de servidores públicos e muitos outros antes emperados na pauta de votações.

Na Comissão de Trabalho, o deputado e vice-presidente da UGT ajudou a articular a aprovação da profissão de diarista, contemplando

mais de 6 milhões de pessoas que passaram a ter tratamento igual aos demais trabalhadores brasileiros, com duas ou mais diárias por semana, direito à carteira de trabalho, aposentadoria, auxílio-doença, licença-maternidade e outros benefícios previstos na Constituição e na CLT.

O lado sindicalista de Roberto Santiago sempre falou mais alto quando o tema envolvia diretamente os trabalhadores. Foi assim que participou ativamente na aprovação da regulamentação da profissão dos 12 milhões de comerciários. Santiago também lutou pela garantia de 30% de periculosidade para os carteiros e vigilantes; pelas 30 horas semanais dos coletores e garis; pela aposentadoria especial para garçons, pela regulamentação da profissão de designers de interiores, dos cinegrafistas e dos profissionais da beleza. Somente em 2013 enviou R\$ 900 mil em verbas para o Instituto do Câncer e mais R\$ 62 milhões em emendas para melhorias dos municípios da região Bragantina, sua base de atuação.

Em 2011, à frente da Comissão de Direito do Consumidor, destacou-se na batalha contra a ineficácia das operadoras de celular e dos planos de saúde e articulou pessoalmente a aprovação no plenário da proibição da exigência do cheque-caução ou notas promissórias em internações de emergência em hospitais e clínicas.

Pela sua atuação, recebeu por seis vezes seguidas a comenda dos 100 mais influentes do Congresso, segundo o DIAP. Também foi contemplado com a medalha de "Grande Oficial do Tribunal Superior do Trabalho", pela decisiva atuação em nome dos trabalhadores em Brasília.

UGTs ESTADUAIS



Regiões

Norte

ACRE

Presidente: Maria Altinizia Santos Santana

Rua Minas Gerais, 412 - CEP: 69900-315 - Centro - Rio Branco/AC
Tels.: (68) 3224.3471 / 8401.1600 / 8402.5009 - E-mails: ac@sinttelacre.com / tinamaria@brturbo.com.br

AMAZONAS

Presidente: Nindberg Barbosa dos Santos

Rua Tarumã, 779 - CEP: 69025-040 - Centro - Manaus/AM
Tel.: (92) 3184.8546 - E-mails: ugtamazonas@gmail.com / ningo@uol.com.br
Home Page: www.ugtamazonas.com.br - Facebook: www.facebook.com/ugtam.barbosadosantos

Rondônia

Presidente: Manuel Eraldo de Souza Soares

Rua José Bonifácio, 1149 - Bairro Olaria - CEP: 76801-290 - Porto Velho/RO
Tel.: (69) 3227.5414 - E-mail: ugtrovh@gmail.com

TOCANTINS

Presidente: Célio Mascarenhas Alencar

Quadra 104 Norte - Rua NE 11 - Nº 40 - Plano Diretor Norte - CEP: 77006-030 - Palmas/TO
Tel.: (63) 3215.1052 - E-mail: ugt-to@ugt.org.br / celioalencar@yahoo.com.br
Home Page: www.ugt-to.org.br

AMAPÁ

Presidente: Amiraldo da Silva

Av. Iracema Carvão Nunes, 644 - Centro - CEP: 68900-090 - Macapá/AP
Tel.: (96) 3222.1036 / 3223.5394 - E-mail: ugt-ap@ugt.org.br

PARÁ

Presidente: José Francisco de Jesus Pantoja Pereira

Av. Gentil Bitencourt, Alameda José Faciola, 262 - Bairro Nazaré - CEP: 66040-180 - Belém/PA
Tels.: (091) 3222.2120 - E-mail: ugtpa@yahoo.com.br

RORAIMA

Presidente: Fabiano Antonio da Silva Xavier

Rua Dr. Rubem Lima Filho, 524 - Cambara - CEP: 69313-335 - Boa Vista/RR
Tels.: (95) 3224.4600 / 3626.2128 - E-mail: siticop-rr@hotmail.com / fabianoxavier2@hotmail.com

Nordeste

CEARÁ

Presidente: Pedro Valmir Couto

Avenida Presidente Castelo Branco, 168 - CEP: 60010-000 - Centro - Fortaleza - CE
Tel.: (85) 3253.1558 - E-mail: ugtce@yahoo.com.br

PARAÍBA

Presidente: Romero Baunilha Neto

R. Rodrigues de Aquino, 14 - Centro - CEP: 58013-030 - João Pessoa/PB
Tel.: (83) 3222.5429 - E-mail: ugtpb.paraiba@gmail.com

PIAUI

Presidente: Celso Henrique Barbosa Lima

Rua Magalhães Filho, 941 - Térreo - M. Paranaguá - CEP: 64.002-450 - Terezina/PI
Tel.: (86) 3223.9719 - E-mail: ugtpi@hotmail.com

SERGIPE

Presidente: Ronildo Torres Almeida

Av. Doutor Carlos Firpo, 284 - Centro - CEP: 49010-250 - Aracaju/SE
Tels.: (79) 3214.0906 / 3211.4216 - E-mail: ugtse79@hotmail.com

BAHIA

Presidente: Magno Rogério Carvalho Lavigne

Rua Maciel de Cima, 02 - Largo Terreiro de Jesus - Pelourinho - CEP 40026-250 - Salvador/BA
Tels.: 3018(71) 3328.0885 - E-mails: secretariaugtba@gmail.com / magnolavigne@gmail.com
Home Page: www.ugtba.com.br - Facebook: www.facebook.com/ugtba

MARANHÃO

Presidente: Weber Henrique Nascimento Marques

Av. Mascarenhas de Moraes - BL 15 - Casa 1 - Bairro Alemanha - CEP: 65.036-810 - São Luiz/MA
Tels.: (98) 3221.2018 - E-mail: ugtdomaranhao@hotmail.com

PERNAMBUCO

Presidente: Luiz Gustavo de Pádua Walfrido

Rua da Condição, 381 - São José - CEP: 50020-050 - Recife/PE
Tels.: (81) 3224.6045 - E-mail: ugt.pernambuco@gmail.com - Home Page: www.ugtpe.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

Presidente: João Maria Pereira dos Santos

Av. Nascimento de Castro, 03 - Galeria Ville - Bairro: Dix Sept Rosado
CEP: 59052-300 - Natal/RN - Tels.: (84) 3213.4919 / 3301.6850 - E-mail: ugtRN@hotmail.com
Facebook: https://www.facebook.com/pages/Ugt-Rio-Grande-D-Norte/36391456370105?ref=ts

Centro-Oeste

BRASÍLIA

Presidente: Isau Joaquim Chacon

Avenida W4 Sul - Sep 707/907 - Lote E - Conjunto C - Edifício San Marino
CEP 70390-078 - Brasília/DF - Tel.: (61) 3225.0227 - E-mail: ugtbrasilgia@gmail.com
Home Page: www.ugtbrasilgia.com.br - Facebook: www.facebook.com/ugtbrasilgia

MATO GROSSO

Presidente: Cledison Gonçalves da Silva

Rua Pedro Dorileu, 349 - Bairro Dom Aquino - 78015-150 - Cuiabá - MT
Tel.: (65) 3641.3076 / 2127.9154 - E-mail: ugtmt@hotmail.com

GOIÁS

Presidente: Manoel do Bomfim Dias Sales

Rua 23, nº 419, Sala 06 - Edifício 28 de Agosto - Centro - CEP: 74015-120 - Goiânia/GO
Tel.: (62) 3645.6500 / 3432.0179 - E-mail: ugtgoias@gmail.com
Facebook: www.facebook.com/ugtgoias.ugtgoias

MATO GROSSO DO SUL

Presidente: Fábio Alex Salomão Bezerra

Rua Guaratuba, 27 - Vila Sobrinho - CEP 79110-220 - Campo Grande/MS
Tels.: (67) 3325.8744/0853 - E-mail: ugt-ms2011@hotmail.com

Sudeste

ESPÍRITO SANTO

Presidente: Ari George Floriano de Siqueira

Rua Raimundo Gama Fortaleza, 15, 2º piso, Bairro do Cruzamento/Romão
CEP: 29041-324 - Vitória/ES - Tel.: (27) 3024.1810/1811/1812
E-mails: ugt.es.ugt@gmail.com
Facebook: www.facebook.com/uniao.dostrabalhadores

RIO DE JANEIRO

Presidente: Nilson Duarte Costa

Rua Camerino, 128 - sala 702 - Centro - Rio de Janeiro/RJ - CEP: 20080-010
Tels.: (21) 2223.2656 / 2233.7849 - E-mail: ugt-rj@hotmail.com / nilsonduartecosta@ig.com.br
Home Page: www.ugtjr.com.br - Facebook: www.facebook.com/ugt.riodejaneiro

MINAS GERAIS

Presidente: Ademir Camilo Prates Rodrigues

Rua Carijós, nº 244 - 5º andar, sala 513 - Edifício Walmap - Centro - CEP: 30120-900
Belo Horizonte/MG - Tel.: (31) 3222.2631 - E-mail: ugtminasgerais@gmail.com
Home Page: www.ugtminas.org.br

Sul

PARANÁ

Presidente: Paulo César Rossi

Rua 21 de Abril, 315 - Alto da Glória - 80045-160 - Curitiba/PR
Tels.: (41) 3082.5979 / 3082.5989 - E-mail: ugt@ugtparana.org.br
Home Page: www.ugtparana.org.br

SANTA CATARINA

Presidente: Waldemar Schulz Junior (Mazinho)

Avenida Santa Catarina, 1508 - Estreito - CEP: 88075-500 - Florianópolis/SC
Tels.: (48) 3733.4032/4033 - E-mail: sede@ugtsc.org.br - Home Page: www.ugtsc.org.br

RIO GRANDE DO SUL

Presidente: Paulo Roberto Barck

Avenida Farrapos, 1354 - Floresta - CEP: 90220-001 - Porto Alegre/RS
Tels.: (51) 3557.1123 - E-mail: assessoria@ugtrs.org.br / secgeral@ugtrs.org.br
Home Page: www.ugtrs.org.br - Facebook: https://www.facebook.com/ugtrs





UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Sindicalismo Cidadão, Ético e Inovador

Rua Aguiar de Barros, 144 - Bela Vista - São Paulo/SP
CEP 01316-020 - Tel.: 11 2111-7300 - Fax: 11 2111-7301

www.ugt.org.br

Ricardo Patah, presidente

BRASIL

